Vale Nota!

Redações que a professora mandou fazer

Escola Valdete Piazera

Índice

Dedicado aos nossos alunos, os heróis do futuro.

Apresentação

Vale Nota é o resultado de um trabalho que foi se desenvolvendo ao longo deste ano (2017), todos sabem a importância da leitura e que ela desenvolve, de forma agradável e significante, a linguagem.

Os jovens envolvidos tiveram a oportunidade de ouvir histórias de grandes autores e a oportunidade de realizar o sonho que todos têm de dar vida a personagens que sobrevivam ao tempo.

Os livros carregam em si a incumbência de ir ao coração das pessoas. Através das palavras o mundo se constrói e conseguimos fazer a leitura da vida, do outro e da sociedade.

A importância da leitura e da escrita está intrinsecamente ligada à descoberta dos vários sentimentos que possuímos, das dúvidas que insistem em surgir, da criação de um mundo onde todas as coisas são possíveis, os olhos se fecham e todos os monstros ganham vida, todas as fadas, todas as bailarinas, todos os dragões, todas as princesas, todo terror e todo fantasma.

Escrever nos faz arrancar: as lágrimas, a dor, a aflição e o medo. Escrever liberta, mostra, esconde e renova. Escrever é descobrir o real, tirar sua máscara, cortá-lo e modificá-lo. O aprendizado se dá na transformação, no momento em que vou profundamente mudando a mim e o outro.

Vale Nota – E vale as madrugadas acordadas com uma xícara de café, edição… A empolgação com os textos lidos! Sorrisos! Obrigada, Wander! Sua dedicação traz o som da esperança!

Vale Nota – vale o som que as palavras provocam ao deixar seu mundo para criar um novo. Vale o ritmo do coração descompassado e grave ao ver as palavras criadas na folha de papel. Vale a nota, o barulho, o riso, a esperança no brilho que sai dos olhos daquele que é a esperança de transformação do mundo!

— Michelli Cunha Cesar, professora.

Contos

O Celeiro Maldito

Eu corria, simplesmente corria em direção à única saída visível no momento, escutando os gritos desesperados de minha namorada logo atrás de mim. Quando os gritos cessaram, me virei rapidamente, porém já era tarde, ela estava inconsciente, sendo arrastada para a imensa escuridão logo atrás de nós.

Após as férias, de volta à faculdade, estava ansioso para rever aqueles olhos, lindos olhos azuis nos quais eu me perdia, depois de tanto tempo a veria novamente. A caminho da sala de aula não a encontro e por um momento sinto como se ela não fosse aparecer, entro na sala, me sento na carteira ao lado da janela, havia uma bela visão do pátio, com esperanças de que logo a veria passar.

Costumeiramente, no primeiro dia, ela sempre se atrasa, desde o fundamental, sempre foi assim, entra toda sem jeito na sala, tímida, me procura entre os alunos, e quando olha para as janelas, seus olhos se encontram com os meus e um sorriso escapa. Na troca de aula, conversamos bastante sobre o que fizemos, enquanto estivemos longe, ela passara as férias em lindas praias, contava detalhadamente cada coisa que fizera, já eu, conto coisas do cotidiano, pois não costumo viajar, prefiro minha boa e velha companheira, cama.

Logo no intervalo, encontramos alguns rapazes falando sobre um celeiro, o mesmo celeiro das várias histórias estranhas e perturbadoras que todos conheciam e temiam, tento sair dali, pois coisas assim sempre chamaram a atenção dela, nunca entendi esse seu lado meio louco. Ela os escutava conversando, vai em direção aos rapazes que continuavam a falar sobre o tal celeiro, depois de alguma conversa eles resolvem ir até lá, ela, obviamente, queria ir junto, mas eu não gostava da ideia, não que tivesse medo ou algo assim, mas acho bem mais interessante tomar um sorvete, ver um filme a visitar um celeiro que tinha um histórico gigantesco de acidentes e mortes.

Mas, como de costume, ela me convence, data e hora marcadas para nos encontrarmos, nós nos despedimos dos rapazes, o sino tocou e voltamos para a sala. Na saída, falo com ela sobre o celeiro, sobre ser uma má ideia e que havia tantas coisas para fazermos juntos, sair com

desconhecidos a um lugar como este era meio perturbador, ela ficou brava, despediu-se com um beijo em minha bochecha.

No outro dia ela estava bem, um pouco ansiosa para o dia já agendado, eu ainda estava incomodado, com um mau pressentimento. Os dias passaram, até que finalmente o momento tão esperado chegou, iríamos finalmente visitar o celeiro, o dia não estava muito bom, chovia muito e o frio era de arrepiar, peguei minha capa de chuva, o guarda-chuva e fui ao ponto de encontro. Fui o último a chegar, todos estavam me esperando com uma cara nada amigável, estávamos em cinco, prontos para iniciar uma caminhada que eu não queria participar, chegando ao celeiro, nos deparamos com uma porta enorme, bloqueada por tábuas de madeira, havia algo escrito na madeira mais velha que destacava "fique longe".

Arrancamos todas as madeiras, elas estavam meio soltas, nos poupando o trabalho de procurar algum objeto para o serviço, finalmente entramos, estava escuro, muito escuro para enxergar qualquer coisa ali dento, nós nos separamos para procurar algum interruptor ou algo do gênero para que se acendesse alguma luz, os três rapazes foram em direção à enorme porta à procura do interruptor, nós fomos ao fundo do celeiro, a luz acende por um breve momento, porém se apaga rapidamente, gritos surgem da porta de entrada, nos escondemos atrás de algo, que parecia uma mesa, ou um armário, era difícil identificar no escuro em que nos encontrávamos.

Quando escuto passos a nossa frente, coloco levemente a mão sobre a minha boca, olho para trás e consigo apenas ver que ela fizera o mesmo, assustados com o que estávamos vendo, saímos em direção à porta, eu corria, simplesmente corria em direção à única saída visível no momento, escutando os gritos desesperados de minha namorada logo atrás de mim. Quando os gritos cessaram, me virei rapidamente, porém já era tarde, ela estava inconsciente, sendo arrastada para a imensa escuridão logo atrás de nós, quando penso em ir até lá para fazer algo, sinto uma forte pancada em minha cabeça, então, lentamente vejo tudo se apagar, sinto meu corpo sendo arrastado, arrastado para os fundos do maldito celeiro.

– Lucas Matheus Novakoski Piasson e Braian C. Zapelini.

Laços cortados

E lá estava ele, após um tiro à queima-roupa, prestes a ver sua vida anoitecer...

Katherine, uma detetive renomada de Nova Orleans, possui uma vida pacífica. Em uma manhã fria de céu cinzento, cortado por raios e trovões, acompanhados por uma chuva grotesca, ela é acordada por seu despertador que faz um barulho irritante, parecendo um apito de escoteiro. Levanta-se, pergunta onde estaria seu marido George em um dia de temporal em pleno final de semana, Katherine ligou, George se enrolou, pois estava tentando fazer uma surpresa especial para sua esposa, já que na semana seguinte fariam um ano de casados.

Johnny, o filho de Katherine e Peter, seu ex-marido, estava de férias do colégio e teria ido viajar sozinho para a Carolina do Norte, ele e o padrasto não tinham uma boa relação, pois Johnny não aceitava que sua mãe se casasse com outro homem. Porém, dias antes de sua viagem, Johnny teria tido uma discussão com seu pai, pois afirmava que estava cansado de tratar George com indiferença, e de tomar as dores dele. Apesar de momentos difíceis, Katherine e Peter, mantinham uma boa relação.

No dia seguinte, Katherine vai ao trabalho, mas estava com uma sensação estranha, nunca sentida antes. Ao chegar à delegacia, recebeu um caso de investigação de assassinato de um adolescente na Carolina do Norte. Katherine organizou sua equipe e imediatamente foram para o local. Ao chegar à cena do crime, ela se deparou com seu filho, dentro de um quarto de hotel, esfaqueado. Ela não acreditou no que acabara de ver, e desmaiou.

Depois de meses de investigação, o culpado não havia sido descoberto.

George a buscou e a trouxe para casa, em total silêncio, pois ela havia tido uma crise de choro no trabalho. Após uma noite de tantas outras mal dormidas, ela decidiu que descobriria quem havia feito tamanha crueldade com seu filho. Ao começar a investigação, viu um fio de cabelo cacheado de cor levemente alaranjada, logo pegou o celular que estava no bolso da calça de Johnny e começou a checar suas últimas ligações e mensagens de texto e descobriu que foram de

George. Ela não acreditava no que estava supondo. Essa evidência apontava para o seu atual marido, enfurecida, sem pensar duas vezes, decidiu que voltaria para casa para vingar seu filho.

George estava de folga. No quintal, sentado em uma cadeira de balanço que Katherine havia herdado de sua avó, tomando chocolate quente, de repente recebe uma mensagem, era um número anônimo, o áudio dizia que Peter teria matado a sangue frio seu próprio filho, para que George fosse incriminado.

Peter recebe uma mensagem para ir a um galpão vazio a umas duas quadras de sua casa, ao chegar se depara com George, que então diz:

– Eu sei!

Os dois começam uma violenta discussão, agridem-se fisicamente, e no meio da confusão, ouve-se um tiro!

– Ana Júlia Schmitt e Barbara Franceschi.

O Velho Casarão

Tudo começa com…

— " Era uma vez, há muitos anos num colégio muito conhecido em Jaraguá do Sul, embaixo do qual existia um túnel, onde havia boatos que levavam ao cemitério e também onde os padres usavam para ir da igreja ao colégio. Mas também existiam histórias de estupros, assassinatos e rituais de invocação.

"Num dia chuvoso, o ar de medo percorria os corredores do colégio, ao intervalo da terceira aula, quatro garotos mais velhos convidaram uma menina de cinco anos chamada Ana para ir com ele até o túnel embaixo do colégio, chegando lá, ela viu que havia mais dois garotos, também reparou que havia velas, sangue e um pentagrama no chão, com medo ela perguntou o que estava acontecendo. Em seguida os outros dois garotos que já estavam lá, amarram os braços, pernas e amordaçaram sua boca, pendurando-a de cabeça para baixo e começaram o ritual de invocação.

"Os seis, então, começaram o ritual falando em latim 'Venit ad Nos' – venha até nós –, ela acabou despencando no chão, os garotos assustaram com o impacto e ficaram olhando impressionados a menina se contorcendo, revirando os olhos, avançando como um raio em cima de um dos garotos, tudo escureceu as velas se apagaram, com um grito de dor, o garoto perde a cabeça. As luzes retornam a acender, o garoto decapitado ainda possuído corre atrás de seus amigos e..."

— Nãããooo — Gritava Amélia, uma menina doce de seis anos com longos cabelos pretos cacheados, seus grandes e redondos olhos verdes estavam assustados com lágrimas escorrendo por causa da história que sua irmã mais velha, Eva, uma jovem de dezesseis anos, com cabelos curto, coloridos e bagunçados.

As duas irmãs estavam no aeroporto prontas para pegar o avião para Romênia. Eva continuava querendo a contar as histórias de terror de sua antiga cidade, Jaraguá do Sul, um pequeno vilarejo no norte de Santa Catarina, mas Amélia protestava com medo na fila do embarque, prontas para uma nova vida com sua mãe na Transilvânia.

Dentro do avião, Amélia adormece e tem um pesadelo horrível. Acorda gritando o que provoca mal-estar a outros passageiros.

Pousaram o avião, foram encontrar a mãe, uma mulher de 36 anos, cabelos longos, bem cuidados, corpo atlético, bem-sucedida. Amélia chorando e com medo conta o que aconteceu com ela no avião.

— Já falei para você Eva – Dizia Sônia, a mãe das meninas – Que você, como irmã mais velha, deve cuidar e proteger Amélia.

— Cuidar de quê? – Perguntava Eva com rancor – Se tudo que ela contou foi um sonho!

— Não foi um sonho – Protestou Amélia – Mamãe, ela me contou uma história de terror antes de embarcamos no avião.

— Como assim Eva? – Que história você contou a ela? – Perguntou a mãe furiosa.

— Ela me contou aquela história do túnel do colégio Marista, mamãe. – Disse Amélia

— Eva, eu não acredito que você está contando histórias de terror a sua irmã, você sabe que ela tem medo. Por que você faz isso?

— Porque é legal – Respondeu Eva com ironia – Ela tem medo de tudo, tudo mesmo, é uma tola sem noção.

— Não fale assim de sua irmã, ela só é inocente – Consolou a mãe com piedade.

— Sabe por que ela é assim? Porque você e o papai estão se divorciando. Ele ficou no Brasil com uma mulher com a metade de sua idade e você fez o quê? Fugiu para Transilvânia, pensando que isso ia te afastar da humilhação e vergonha.

Por fim o carro silenciou, os pensamentos da mãe fluíram em sua mente, sua filha tinha razão, ela fugiu do Brasil com medo da humilhação e vergonha pelo que seu ex-marido havia feito. Ela sabia que não era justo com suas filhas, tirar tudo que elas conheciam; escola, amigos, família, até a própria língua, mas ela tinha certeza que as duas iam se acostumar a uma vida melhor em um país novo.

Após um longo trajeto percorrido, vislumbrando uma estrada deserta, com um portão de ferro antigo, aparência desgastada, viram um grande casarão, parecia um castelo, pensou Amélia, o grande casarão velho e sombrio e uma enorme porta central, longas janelas por toda a estrutura da casa, vidros empoeirados e sujos.

As duas meninas desceram do carro, apreciando o velho casarão, dois homens uniformizados vieram em direção a elas, puseram-se a carregar as bagagens. Um rangido agudo, a enorme porta se abriu e de lá saiu um velho homem, magro, corcunda, poucos cabelos brancos, terno preto, pele rosada e pequenos olhos penetrantes, mas sem vida.

— Madame Sônia, gostaria que eu ajudasse? – Perguntou o velho homem com voz fraca.

— Não, não precisa Horácio – Respondeu Sônia — Mas gostaria que preparasse um lanche para minhas filhas, tenho certeza que elas estão morrendo de fome.

Escutando o que Sônia disse, Horácio saiu em direção à cozinha, deixando-as para trás, Amélia sentiu medo ao entrar no casarão, seus olhos percorreram o *hall* que levava a uma sala grande com três sofás brancos e no centro uma mesa de cristal que cintilava com o sol que batia na superfície, ela voltou a olhar os detalhes da sala, havia um enorme quadro com um homem e uma criança, mas em frente às janelas havia cortinas pesadas de cor escura, empoeiradas e alguns vestígios de teias de aranha.

— Bom, meninas, no andar de cima vocês vão encontrar os seus quartos, eu estarei no escritório, última porta no final do corredor – Disse Sônia.

— Que lugar mais sujo! Não é melhor morarmos num chiqueiro? — Comentou Eva olhando em volta — Para mim é mesma coisa.

— Nós tivemos pouco tempo para arrumar a casa! — Anunciou uma mulher alta, magra, rosto caveiroso, olhos castanhos sem vida, cabelos negros e presos num coque alto — Desculpe, senhorita Eva, mas sua mãe nos avisou em cima da hora que vocês viriam para cá.

Eva concordou com a cabeça sem dar um único pio. Sônia, a mãe, rumou escadaria acima, ouve-se barulho de porta abrindo e fechando, a casa silenciou. As duas meninas olharam em volta, não havia mais ninguém na sala, o vento começou a soprar, Eva começou a subir as escadas e desapareceu.

Amélia ficou na sala observando os detalhes, seus olhos percorriam rapidamente o cômodo, repousaram sobre o quadro com o homem e a menina. Ficou olhando um tempo para ele, perdida em seus pensamentos até reparar que a menina do quadro era parecida com ela, cabelos longos, pretos, cacheados, olhos grandes e verdes, só era um pouco mais branca e mais magra, pensou ela. A menina usava um vestido de flores pequenas e rosas desbotadas, estava sentada no colo de um homem de meia idade, moreno, magro e pele branca.

— Deve ser o pai dela — Pensou Amélia em voz alta — Por que a mãe não está pintada nesse quadro também?

— A mãe dela morreu no nascimento da menina, não pôde ver a pequena Ofélia crescer — Disse a mulher alta e magra, Amélia deu um grito de pavor, assustou-se com a entrada da mulher no cômodo — O pai, o Sr. Seiv, era dono desse castelo.

— Então é mesmo um castelo? — Perguntou Amélia, recuperando-se do pequeno susto.

— Sim, nos tempos antigos, era um ótimo castelo, havia lindas torres e jardins encantadores, mas com o tempo foi tudo se deteriorando, tempos de glórias tinham se acabado junto com Sr.Seiv.

— Por quê? O que aconteceu com o Sr.Seiv? — Perguntou Amélia, ainda olhando para o quadro, admirando o magro homem.

— Com a morte da Sra. Seiv, ele ficou muito abalado, pobre homem, eram tão jovens os dois, mas uma maldição caiu sobre essa casa.

— Qual era a Maldição?

Ao toque da meia-noite,
Na terceira badalada do sino
A menina que nascer,
Matará quem lhe deu a luz
Trezentos e noventa e seis anos depois,
Aquela que ressuscitará,
No corpo de uma inocente,
Fará o mal,
...
Todos que estiveram presentes,
Devem servir ao inocente,
Morrer se for preciso,
Matar se necessário,
E cumprir a profecia.

A mulher alta e magra, olhava fixo o quadro, Amélia percebeu que seus olhos, sem vida, não possuíam alma depois daquelas palavras. A menina ficou imaginando como ela sabia aquilo, então perguntou:

— Como a senhora sabe isso?

— Eu trabalhei para eles, um lindo casal, sempre cheios de alegria, havia felicidade, até a Sra. Seiv ficar grávida, foi um desastre, coisas estranhas aconteceram a ela, que agia diferente, mas isso já se foi, certo? Agora estou trabalhando para vocês, não é mesmo, garotinha? A propósito.... Amélia, não é?

— Qual é seu nome? Veio junto com a casa? Como minha mãe comprou isso? É muito grande, deve ter custado uma fortuna! — Falou Eva, que escutava a conversa no pé da escada, sua expressão não era de compreensão. Como era possível? Sua mãe não era rica, não tinha dinheiro para uma casa daquele tamanho, e ainda por cima, pagar empregados, vários empregados.

— Meu nome é Rosa, sou a governanta dessa casa há muitos anos, desde o tempo dos Senhores Seivs, como estava falando para sua adorável irmã. Outras respostas não posso fornecer, pergunte à sua mãe.

A governanta saiu do cômodo sem olhar para trás, com uma arrogância sem limites.

— Amélia, me escute bem, por mais que você goste dessa mulher, eu não quero que você vire amiga dela, me ouviu bem? — Agora Eva estava com uma expressão de medo.

— Mas ela é legal, Eva. Por que eu não devo falar com ela? Qual é o problema?

— Amélia, faça o que eu estou te pedindo, não vire amiga dela, vocês podem se falar, mas não faça nada, não repita nada que essa mulher pedir para você fazer!

— Mas por que eu não posso falar com ela? Qual é o problema, Eva?

— Amélia, você não reparou nos olhos dessa gente? OLHOS SEM VIDA, SÃO COLORIDOS, MAS SEM VIDA, SÃO VAGOS, NÃO TEM NADA DENTRO DELES, SÃO FOSCOS, SEM FOCO, POR FAVOR, AMÉLIA, ME ESCUTE – Eva estava fora do normal, sua expressão era de desespero.

Dias se passaram depois da chagada das meninas em seu novo lar. Amélia e a governanta Rosa passaram várias horas nos jardins, sempre conversando ou brincando. No último andar da casa existia um corredor vazio, e um longo tapete chinês, cheio de detalhes, em um dos lados das paredes não se via nenhuma porta, estavam seladas há muito tempo, só se via, do outro lado, janelas que davam vista à orla da floresta.

Amélia ficou curiosa quanto a isso, ela adorava bisbilhotar os cômodos da velha casa, não entendia por que aquelas paredes foram seladas, vivia perguntando para a governanta Rosa, para o senhor Horácio e os outros empregados da casa, mas todos diziam a mesma coisa:

— " Não tem nada para bisbilhotar lá em cima, fique só nos dois primeiros andares."

Num dia claro de primavera, Eva e Amélia estavam sentadas nos brancos sofás que haviam no Hall.

— Mamãe poderia instalar logo a TV e o wi-fi, não aguento mais ficar sentada — comentou Eva.

— Nós poderíamos brincar de esconde-esconde? — Amélia fez uma carinha fofa, arregalando seus grandes olhos verdes na maior meiguice — por favor, Eva, faz tempo que não brincamos juntas.

— Amélia, vamos brincar só uma vez. OK?

— Sim, duvido que me ache.

— Vou começar. . . 1 ... 2.... 3... — Eva contava em voz alta, Amélia saiu em disparada à procura de um bom esconderijo — 4... 5... 6... — saiu da casa pelos jardins, olhou cada detalhe, mas não achou nada que fosse bom o bastante. — 7... 8... 9... escutando esses últimos números, Amélia correu o mais rápido que pôde, não viu onde estava indo, estava sendo guiada por algo que ela não sabia explicar, quando percebeu, estava no último andar, no final do corredor, ela viu uma porta, nunca tinha visto uma porta ali, será que era sua imaginação, querendo lhe pregar uma peça? Amélia deu as costas para o corredor – 10 ... Lá vou eu, Amélia, esteja pronta ou não! Ouvindo isso, não sabia o que fazer, então a porta se abriu lentamente, ela não tinha opção, andou devagar, nas pontas dos pés, para o assoalho não fazer barulho. Ela olhou no vão da porta, não viu nada, apressou-se para entrar, pegou na maçaneta e a girou.

— Sra. Seiv, o que deseja? — A voz de Rosa ecoava pelo quarto, um quarto branco com lindos quadros de flores detalhadas, o sol entrava pelas grandes janelas, iluminado o que havia de mais bonito naquele local, na cama, uma mulher sentada, branca feito a neve, cabelos compridos pretos, usava uma linda camisola branco-pérola, seus olhos fixos num jato de água, aqueles olhos, azuis acinzentados, mas sem vida. — Senhora Seiv, gostaria que eu servisse um copo d'água?

— Tire tudo daqui.

— Desculpe senhora eu não entendi…

— Eu disse para TIRAR TUDO DAQUI — A senhora seiv se levantou da cama e arremessou o jarro com água em direção a governanta Rosa, vários pedaços voaram pelo cômodo.

— Claro Sra. Seiv, eu tirarei tudo! Quer que eu deixe só a cama? — amedrontada com o gesto da patroa, Sra. Rosa andou em direção à porta.

— Deixe só a cama, o resto tire tudo, AGORA VÁ. A Sra. Rosa sai do quarto às pressas, batendo a porta.

— Entre minha cara jovem, peço desculpa pela ignorância de minha empregada, o que deseja, menina? — A Sra. Seiv se vira para Amélia que estava ao lado da porta. — Não tenha medo, minha criança.

— Não sou sua criança — Protestou Amélia.

— Claro que não, pequenina, sente-se aqui na cama comigo — Amélia seguiu em direção à cama, mas não se atreveu a sentar.

Sra. Seiv viva? Rosa não disse que ela estava morta? como podia? Não sabia exatamente a aparência dela, pois nunca viu nenhum quadro. Amélia olhou nos olhos da Sra. Seiv e percebeu que a vida voltou a eles, estavam verdes vibrantes, a cor de sua pele cintilava, era a mulher mais linda que podia imaginar.

— Suba! — Disse Sra. Seiv — Não tenha medo, minha pequena, pode sentar comigo, não irei machucá-la.

— Sra. Seiv, A senhora não estava morta? — As palavras pularam de sua boca, Amélia sentiu vergonha, ficou vermelha. — Desculpe... eu não deveria...

— Não se preocupe, minha cara, não precisa sentir vergonha. E sim eu estou morta, mas voltei para te encontrar, meu amor. — Ao término dessas palavras Sra. Seiv acariciou o rosto de Amélia, ela sentiu um calor, como se fosse a última pessoa amada nesse mundo. Sentiu uma gratidão por aquela mulher, um amor enorme, como se ela fosse a única pessoa que ela devia obedecer.

— Escute Amélia, preciso que você me faça um favor, eu gostaria de fazer, mas não posso sair desse quarto, então vou pedir para você OK? Você conseguiria? — Sra. Seiv com uma voz doce, penetrante com um pingo de malícia, assustava Amélia.

— Que tipo de favor? – O que Amélia estava fazendo? Concordando com uma morta.

— Meu amor, eu gostaria que você matasse cada empregado dessa casa — A Sra. Seiv falou com a maior tranquilidade— Claro, minha criança, teria uma ordem e um jeito de matá-los, mas é muito simples e fácil. Você poderia me ajudar a fazer isso?

— Não, isso não é certo, matá-los, por quê? O que eles fizeram para a senhora?

— Amélia, você não se lembra da maldição?

— Sim: " Ao toque da meia-noite, na terceira badalada do sino, a menina que nascer, Matará quem lhe deu luz."— lembrou Amélia.

— E: " 396 anos depois, Aquele que ressuscitará, No corpo de uma inocente, Fará o mal "— Sra. Seiv com um olhar psicopata sorria para Amélia — Você não entende, minha cara, a segunda parte da maldição fala de você. Você matará todos que habitam essa casa.

— Amélia? Amélia você está bem? Amélia fala comigo, MANHEEEEEE ME AJUDA!

Eva estava ajoelhada do lado da menina que estava paralisada com a mão na parede, estava branca e gelada como uma pedra, seus olhos não pareciam vivos. — MÃE, RÁPIDO, AMÉLIA NÃO SE MEXE — Sônia e Dona Rosa chegaram correndo ao terceiro andar. Algumas horas depois, ela acordou com fome, olhou em volta e viu Eva sentada numa cadeira ao lado da cama, Eva acordou e abraçou a menina com força, de seus olhos escorriam lágrimas.

— Amélia você está bem? O que aconteceu lá em cima? – Sua voz estava fraca e baixa, gaguejava um pouco por causa do choro.

— Calma, Eva, eu estou bem, só estou com fome.

— Eu trarei algo para você comer, pequena Amélia — A voz da governanta saiu da escuridão, a pequena menina não tinha percebido que ela estava no cômodo — Eu já volto — saiu e fechou a porta do quarto.

— Eva, a dona Rosa está mentindo.

— Como assim?

— Ela disse que a Sra. Seiv está morta, mas é mentira, ela estava viva, eu a vi, está num quarto no último andar. Ela é tão estranha, Eva você tem que conhecer.

— Como assim Amélia? No último andar não tem nada — A porta se abriu e entrou no quarto, Sônia e um médico.

— Eva, minha filha, vamos descer e deixar o médico examiná-la em paz.— Sônia se retirou do aposento, acompanhada de Eva.

Dias, semanas e meses se passaram desde o acontecimento no terceiro andar. Muitos dos empregados, quando passeavam com Amélia pelos lindos jardins, morriam em seguida. Amélia cumpriu as ordens de matar cada empregado que habitava aquela casa. Amélia mudou seu jeito de agir, era mais fofa e carinhosa, sempre feliz e alegre, tratava todos com meiguice. Todos os dias, ela ia ao último andar para receber

novas ordens. Eva que notou seus desaparecimentos, sempre a seguia ficava observando o que a menina fazia, Amélia simplesmente encostava a mão na parede, por curtos períodos de tempo, retirava-se rindo e descia as escadas como se nada tivesse acontecido.

Um ano se passou, era outubro, um inverno calmo, a noite estava fria, nevava lá fora, tudo estava em silêncio. As duas meninas começaram a dividir o quarto, dormiam juntas para garantir que Amélia ficaria bem. Ela dormia como um bebê, então:

— Venha até mim, Amélia. Tenho outra tarefa para você, meu amor. – A voz da Sra. Seiv sussurrava nos ouvidos de Amélia, fazendo-a acordar.

— Qual tarefa? — Amélia esfregava os olhos.

— Você, meu amor, terá de matar sua mãe e sua irmã.

— Vou ter que fazer o quê? Matar minha mãe e minha irmã?

— Isso minha criança.

— Não farei isso, elas são minha família.

A realidade bateu em sua porta, o que ela estava fazendo? Cumprindo ordens de uma mulher morta. Tudo que ela passou nos últimos dias, levando pessoas à morte? Por uma voz que pedia, uma voz que ela nem conhecia?!

— Não vou mais obedecer suas ordens, Sra. Seiv.

Um estalo ecoou na casa inteira, Amélia se sentou e viu a Sra. Seiv, ao pé da cama, ela esticou a mão e fechou os punhos, sua irmã começou a levitar, e ouviu gritos de dor, ouviu sua mãe no quarto ao lado gritar também. Amélia correu para fora do quarto, à procura de ajuda, esbarrou na governanta Rosa.

— O que está acontecendo, Amélia? — Perguntou a governanta.

— A Sra. Seiv está viva, está no meu quarto torturando minha mãe e minha irmã — Amélia começou a chorar — ME AJUDA, DONA ROSA!!

— A Sra. Seiv aqui? Como é possível, ela não pode sair do quarto — Tudo se silenciou, os gritos pararam -Amélia, me escute, você é a única que pode fazer ela desaparecer, para sempre. Ela contou sobre a Maldição?

— Sim! Ela falou que eu tinha que matar todos que habitavam essa casa.

— Mas não falou que para se livrar dela você terá que se matar? — Amélia ficou horrorizada com tal informação, concordou com a cabeça e Rosa continuou — Mas é claro que eu não permitirei, existe no quarto dela uma adaga de prata que você poderá usar.

— Como assim, eu irei me matar?! Eu não tenho coragem! Amélia estava chorando com o que ouvira.

— Menina tola, você não irá se matar, só se automutilar, isso fará com que a alma da Sra. Seiv, que há dentro de você, se parta em mil pedaços, livrando-a da maldição.

Como poderia uma menina de seis anos se mutilar para matar um demônio? As duas correram o mais rápido que puderam para os jardins, encontrar um machado, voltaram para a casa, subiram as escadas em silêncio. Pela porta viram a mulher torturar Eva, continuaram a subir e chegaram ao terceiro andar, deram várias machadadas onde ficava a porta, conseguiram fazer um buraco por onde entraram, procurando a adaga.

Quando acharam, Amélia se ajoelhou no chão e começou a fazer cortes profundo em seu corpo. Na primeira facada ouve-se um grito ensurdecedor, todas as luzes piscam e se apagam, voltaram a acender e a Sra. Seiv apareceu em sua frente, a governanta correu em sua direção, tentando afastar o demônio da menina, a casa estremecia e gritos eram ouvidos.

Um corpo é arremessado contra a parede, Amélia se assusta ao ver que a governanta Rosa, aquela que tanto cuidou da menina estava agora morta ao seu lado. Tudo escureceu, sua visão embaçou, ela caiu soltando a adaga, voltou no tempo.... Os momentos bons que passou ao lado da mulher alta e magra, nunca mais sentiria a mesma emoção. Sentiu uma mão em seu rosto e alguém a abraçando, abriu os olhos lentamente e viu sua irmã, protegendo-a, enquanto sua mãe lutava contra o demônio, afastando-o.

Não poderia desistir de tudo agora, precisava matar Sra. Seiv. A garota pega a adaga e sem pensar duas vezes, a enfia direto no coração. A Sra. Seiv desmancha-se em brasa, tudo em sua volta começa a pegar fogo. Sônia puxa Eva pelo braço carregando a pequena Amélia. Longos minutos se passaram, os bombeiros e a ambulância chegam ao local. Amélia é levada com urgência ao hospital.

— Depois do acontecimento, Senhora Sônia, eu esperava que sua filha estivesse morta, mas ela irá se recuperar— Amélia estava dormindo sossegada, o médico e a enfermeira deixaram o quarto, sua mãe também saiu.

— Eva? — A menina acordou depois de longas horas de sono.

— Sim Amélia? Você está bem? — Eva se emocionou ao ver a irmã.

— Eu não sou Amélia.... Ela se foi... Sou a Senhora Seiv…

— Bruna Nunes Lírio e Karine Marques de Oliveira.

O Medo

De vez em quando eu me pego pensando, será que sou o único que acha portas assustadoras? Sim portas, mas não se engane, existe um motivo para isso.

Estava deitado no sofá quando vi mamãe se arrumando, ela olhou para mim:

— Eu vou sair, filho — disse, enquanto abotoava o casaco.

— Ok*!* Mamãe — Eu disse olhando para a TV. — A senhora volta que horas?

— Não sei ao certo, querido, mas daqui a umas duas horas eu volto. — Ela respondeu.

— Meia-noite, então? — Olhei para ela.

— Sim. — Respondeu, abrindo a porta da frente. — E Jason? — Ela olhou para mim.

— Oi. — Eu respondi, fitando-a.

— Eu deixei comida na geladeira, e não se esqueça de limpar seu quarto. — Mamãe disse com a mão na maçaneta da porta. — Tchau, querido!

— Tchau. — Respondi. E a porta, se fechou.

Me arrumei no sofá, comecei a mudar de canal, percebi que não havia nada interessante passando, então fechei meus olhos.

Logo após fechar meus olhos, ouvi algo, abri meus olhos rapidamente, procurei o som, percebi que vinha da porta da frente, eu

me virei e comecei a fitá-la, procurando algo estranho, fiquei um tempo procurando, desisti após não encontrar nada, virei para a TV, porém ouvi uma batida vindo da porta, olhei rapidamente, não vi nada, a porta ao lado era de vidro, permitindo ver um pouco do lado de fora, porém eu não vi nada, o barulho continuava, eram batidas suaves na porta, TOC... TOC..., batidas lentas, logo após a terceira batida o barulho parou, pensei comigo "É apenas o vento, apenas o vento, não é nada demais", ficava repetindo isso a mim mesmo.

Quando a coisa mais assustadora aconteceu, a maçaneta começou a mexer, de maneira suave, para a esquerda. Olhando aquela porta, fiquei desesperado, não via nada nos cantos de vidro da porta, tomei coragem e fui abri-la, comecei a me aproximar lentamente, risadas alegres vinham da TV, ruídos assustadores da porta, respirei de forma profunda, tomei coragem e coloquei minha mão na maçaneta. Ela começou a se abrir suavemente, me distanciei, a porta parou, e ficou entreaberta, tentei olhar para fora, porém não via nada, eu estava tremendo, suando frio, olhei para fora, vi uma silhueta, tinha uma forma humana, e usava algo que parecia um sobretudo, porém, percebi quem era, era meu pai.

Papai batia a porta e logo depois se escondia no local onde não era possível enxergá-lo, olhei para ele e comecei a chorar, fiquei em choque, ele veio até mim, seu cabelo castanho jogado para o lado que sempre fora ajeitado estava um pouco bagunçado, usava uma barba rasa, e seus olhos verdes brilhavam, enquanto ria da minha cara, olhou para mim e disse:

— Surpresa! — Papai começou a rir. E eu a chorar.

Eu chorava tanto que já estava soluçando, olhei para ele, seu sobretudo balançava com o vento, ele se inclinou, olhou para mim, passou a mão em meu cabelo e depois me abraçou.

— Sabe garoto, o medo, é bom. — Disse papai sorrindo enquanto me abraçava. — Ele lhe mostra quais são os seus limites, avisa o que é perigoso, porém, você não pode viver a vida com medo, o passo que você deu hoje, abrir a porta mesmo estando morrendo de medo, prova a sua coragem, você nunca vai conseguir viver verdadeiramente se tiver sempre medo, o medo te protege, claro! Mas, você não pode deixar o medo comandar a sua vida, você não pode deixar seu medo ser maior que a sua coragem! Entendeu garoto?

— Sim! – Disse acenando com a cabeça.

— Bom, agora eu posso entrar? — Papai perguntou para mim sorrindo.

— Claro. — Respondi sorrindo, com os olhos vermelhos.

Quando papai entrou pela porta, vi um clarão e ouvi alguém me chamando, levei um susto, abri os olhos, mamãe estava sentada ao meu lado, me acordando, ela olhou para mim e disse:

— Filho, você ficou dormindo e não arrumou seu quarto? Ela disse irritada. Respondi não com a cabeça.

Ela se levantou foi à cozinha, resmungando. Cobri-me, comecei a chorar, tudo fora um maldito sonho, apenas um sonho, respirei fundo e me levantei, ainda chorando, fui até a estante ao lado do sofá, peguei um retrato de meu pai que estava sorrindo e comecei a olhá-lo.

A última lembrança que tenho de papai, era ele saindo pela porta da frente, apenas mais um dia de trabalho, mamãe não fora trabalhar, eu era pequeno mas lembro, papai se despedia com um sorriso no rosto, eu era uma criança, então demorou um pouco para eu entender que logo após sair de casa, papai sofreu um acidente de carro e perdeu sua vida.

Minha última imagem fora dele fechando a porta, o motivo pelo qual se tornaram tão assustadoras para mim. Depois daquele sonho, aprendi que o medo é bom, ele te protege, porém não posso deixar o medo dominar a minha vida, porque viver livre, verdadeiramente livre, é simplesmente melhor.

— Davi Garcia.

Annabell

O sangue escorria entre as ferragens, meu corpo havia paralisado, procuro me desprender dos ferros, porém minha perna estava presa e o desespero era meu principal sentimento, tento incansavelmente me soltar, precisava sair, procuro por todos os lados, mas Annabell não estava mais lá.

A morte.

Annabell estava linda hoje, seus cabelos escuros e cacheados balançavam entre o vento, ao vê-la meu sorriso era puro e verdadeiro, ficamos ali sentados a observar as estrelas.

— Eu ainda amo ele. — Diz, quebrando o silêncio entre nós.

— Mas... — Prefiro calar-me.

— Hector, eu o amo muito, mas Leonardo ainda é minha paixão, não consigo esquecê-lo. — Diz, segurando minha mão.

— Na verdade, Anna, sempre fui a sua segunda opção — Eu me levanto, limpando minhas roupas.

— Hector, vamos, já está tarde! — Encerrando o assunto.

Sigo-a até ver a casa amarela com um lindo jardim, mesmo sorrindo para Annabell, minha mente estava um transtorno, queria tê-la mais que tudo, entrelaçar meus dedos em seus cabelos, caminhar juntos à beira-mar e sabia que nunca teria isso. Tenho ódio de Leonardo, ele tinha algo que eu jamais teria, tinha o amor de Annabell.

— Tenho que entrar, — ela me diz, passando pelo jardim.

Na manhã seguinte.

Uma lágrima escorre por meu rosto e me deixa congelado. Ao olhar para o jardim da casa amarela, vejo Annabell caída no gramado, seguro seu corpo em meus braços, e desviando meus olhos dela, vejo ao longe um rapaz, cabelos escuros que me lembravam muito Leonardo. O sangue vermelho escorria por meus dedos, minhas lágrimas já não eram mais controladas, meu corpo soluçava para que Anna me respondesse, porém ela já estava sem vida.

Meu sentimento era matar o monstro que levou minha Annabell e levou consigo o sorriso mais lindo que já havia visto.

Três messes depois.

Os corredores estavam cheios, a primavera havia chegado e com ela mais um ano letivo, não era minha primeira vez na escola, porém era minha primeira vez sem Annabell, tudo estava muito vivo, o seu sorriso em minha memória, seus lábios, sua pele morena, após sua morte, nada voltou a ser a mesma coisa, ao menos para mim.

O sinal soa indicando que oficialmente eu estava no final do ensino médio, como ela adoraria estar aqui e como eu adoraria vê-la novamente, logo as salas estavam cheias, sento em uma das carteiras o mais isolado possível. — Você ainda não superou? — Perguntou Leonardo.

— Não! — Continuo a usar meu celular, tentando mudar o assunto.

— Vai ter uma festa de boas-vindas na Susi, o que acha de irmos? - Perguntou, olhando fixamente em meus olhos.

— Vou pensar... — Retiro-me da sala, ele me segue, dizendo que preciso viver algo sem ela.

Os gritos da professora eram ouvidos, porém não surtiram efeito em mim. O ar fresco da manhã, sem perguntas ou ajudas desnecessárias era tudo que precisava, passo minhas mãos entre os cabelos, minha mente estava uma desordem, seu nome ainda era tão presente, vejo uma garota com os mesmos cabelos, o mesmo sorriso, e por incrível que pareça uma fiel cópia de Annabell, por impulso corro atrás dela, que também corre em direção oposta, acelero, buscando alcançar seu corpo, minha Annabell corre até uma mata fechada, sigo seu vulto, assim que entro na mata, ela desaparece, como se tudo aquilo fosse algo da minha mente.

Volto a tempo de participar da segunda aula, assim que entro na sala, Susi me abraça... Ah! Como odeio seu jeito meloso, seus abraços repentinos e a forma de como jogava seu corpo contra o meu, retribuo o abraço rapidamente no intuído de logo me ver longe dela.

— Por favor! Venha a minha festa!

— Eu irei. — Digo sem vontade.

Havia aceitado por piedade, talvez também para que não fosse incomodado.

A festa.

A música me deixava relaxado, meu corpo dançava conforme o ritmo, realmente, naquele momento eu havia esquecido a existência de minha Annabell, meu corpo estava quente mais que o normal devido ao excesso de álcool.

Vejo Leonardo sentado, esperando uma de suas namoradas trazer-lhe uma bebida, a raiva me dominou.

Ando em passos rápidos até ele, desferindo um soco em seu maxilar, a bebida desmascarou toda minha ira, esclareceu dúvidas e me apresentou o monstro que havia dentro de mim. Todos me olharam, com medo, a minha frente vejo Leonardo desacordado ou talvez morto.

Fico possuído por um medo sem controle, uma mistura de dúvida e ódio, saio correndo, fugindo das consequências, mas algo me dizia que eu havia matado e feito justiça a Annabell.

As esquinas vão se fechando e me deparo com a garota, sim, a garota da mata, minha linda Annabell, seu olhar se encontra com o meu, ali fico paralisado.

— Hector... — andou um pouco, tocando meu rosto com sua linda e pequena mão!

— Annabell... — lágrimas escorrem.

— Por quê? Por que me matar?

— Eu não a matei, apenas quis tê-la somente para mim!. Eu a amo! — Digo tirando sua mão de meu rosto.

— Você é um monstro, nunca será merecedor do meu amor, Hector! — Sua voz começa a desaparecer!

Eu não acreditava no que estava ouvindo, não reparei no veículo que se aproximava rapidamente, o motorista, mesmo tentando, não conseguiu frear.

Agora acordo entre as ferragens, a verdade dita por minha amada faz tudo ter sentido, eu perdi minha Annabell para o monstro que havia dentro de mim e suplico que ela possa me perdoar, pois eu nunca me perdoarei.

— Ana Carolina de F. da Silva e Flávia A. de S. Santos.

A Ira de Klaus

Klaus era um garoto de 8 anos muito traumatizado, pois no mesmo ano seus pais faleceram — foram mortos por soldados de Joinville —, ele jurou vingança, foi treinando e se aperfeiçoou, assim conseguiu entrar no exército jaraguaense.

Meses se passaram. Klaus sempre estava à espera de acontecer uma guerra contra Joinville. Então em 22 de setembro de 1987 Joinville declarou guerra aos jaraguaenses. No primeiro confronto Klaus estava imbatível, parecia que Jaraguá se sairia melhor, até que uma bomba de Joinville cai no meio de 20.000 soldados jaraguaenses, Klaus estava no

meio, após horas, ele acorda inconsciente e vê que sobreviveria, porém, perderia uma perna por causa dos destroços da bomba.

Klaus, já recuperado, e pelo seu ótimo desempenho na batalha, torna-se o Comandante Oficial de Jaraguá, ele era muito esperto, montou um dos maiores exércitos do mundo com muitas armas, Klaus recebia, a toda hora, propostas de países que queriam se tornar aliados, mas ele queria dominar Joinville sozinho. Então em 17 de dezembro de 1987 Klaus ataca o Sul de Joinville, seu plano era começar ali e dominar toda a região, seu exército estava imbatível, mas havia um único problema, Joinville estava cheia de aliados e ele não esperava por isso.

Seu exército avança e se depara com o dobro dos soldados, Klaus tinha duas escolhas continuar e tentar sua única chance de derrotar Joinville ou recuar e sair com seu exército intacto, mas ele queria sua vingança!

Começou a maior batalha de todos os tempos, seus homens estavam confiantes, pois estavam avançando e parecia que iam vencer, até que um soldado de Joinville mira em Klaus e atira, acertando-o no ombro, a guerra continua, só havia 10.000 soldados do exército inimigo, os joinvilenses possuem um plano que poderia dar certo, mas poderia dar muito errado: 5.000 soldados colocariam bombas em si e explodiram no meio dos soldados de Klaus. Eles começam e o plano dá certo. Depois de duas horas a guerra acaba: Joinville vence com 4.000 soldados restantes.

Klaus não foi achado entre os mortos e há boatos de que o viram, mas ele sumiu, sem nunca ter conquistado Joinville.

— Douglas Luiz Tecilla e João Leonardo Bueno.

Schützen Sangrenta

Até hoje aquela imagem me atormenta, corpos dilacerados espalhados por todos os lados me cercavam, com sangue nos pés e gritos que não me deixam dormir.

Na manhã de domingo, 20 de abril, eu e meu amigo Peter Renyi estávamos nos preparando para ir cumprir uma aposta dos veteranos de nossa faculdade, já que éramos calouros, tínhamos que provar nossa coragem. A aposta não era fácil, eu e meu amigo teríamos que invadir o pavilhão de eventos, onde fazem a *Schützen*, para pichar um de seus galpões. Saímos de casa com a bicicleta de Peter, fomos em sentido ao pavilhão prestando atenção ao nosso redor, pois estávamos fazendo uma coisa errada. Percebi umas pessoas estranhas vestidas com trajes típicos alemães, mas nem dei muita atenção a isso, pois estava com medo e pensando se iria mesmo fazer esse ato de vandalismo.

Chegando perto do nosso destino, decidimos que iríamos pichar as paredes. Entramos em um riacho, percebemos que a cor da água estava estranha, com um tom meio avermelhado. Seguimos e encontramos um lugar mais fácil para pularmos a cerca.

Já que estávamos lá, fomos explorar, e encontrar o lugar ideal para pichar e tirar uma foto. Passamos por quase todos os galpões e não vimos nada de interessante neles. Então, ao fundo do pavilhão, achamos o cenário ideal, iria ser uma foto muito "*tumblr*". Falei ao Peter: - Parece muito bom para ser verdade! E nós rimos. Chegando perto, vimos algumas escritas, estavam em alemão, mas nem demos bola, afinal de contas a *Schützen* acontecia ali. Aparentemente estava tudo normal, mas algo nos chamou a atenção. Uma placa comemorativa com data de 20 de abril. Ficamos assustados com a possibilidade de ter um evento no mesmo dia em que estávamos lá. Mas parecia não haver nada preparado para aquele dia: não havia festas, nem enfeites, o galpão estava completamente vazio.

Então, descontraídos começamos a pichar, até que escutamos gritos, e aqueles gritos não eram de felicidade, eram de agonia, nos passavam uma sensação de dor. Com medo e com um pé atrás, fomos olhar o que estava acontecendo por trás das enormes paredes horrendas e escuras.

Passamos por uma janela, mas a sala estava vazia, havia várias palavras e símbolos alemães na parede, que levavam a uma porta com aquela data: 20 de abril, escrita nela. Vi que Peter começou a ficar estranho e perguntei:

— Peter. O que houve?

Ele respondeu:

— Os símbolos, são nazistas, e essa data é o mesmo dia que Hitler nasceu!

Ah! Esqueci de falar um detalhe: Peter era judeu, e seus avós de origem judaica foram mortos por nazistas na época dos campos de concentração. Por isso Peter insistiu:

— Vamos embora, já está noite e cumprimos a aposta, não temos mais nada pra fazer aqui!

Mas no fundo eu sabia que só a pichação não seria suficiente, por isso eu queria ver o que tinha lá dentro. Então, disse ao Peter:

— Cara! Vamos entrar e só ver o que tem. Se for algo interessante eu pego, gravo e nós vamos embora!

Peter já arrependido do que faria, aceitou mesmo assim. Eu me arrependo até hoje da escolha que fiz.

Quando entramos na sala, estava tudo escuro e não conseguimos ver nada, o chão parecia estar molhado, um cheiro insuportável que parecia carniça. Peguei meu celular e liguei a lanterna. Foi nesse momento que vi a imagem que me atormentaria pelo resto da vida… Corpos dilacerados espalhados por todos os lados me cercavam, com sangue nos pés e ferramentas de torturas ensanguentadas, nos deixaram paralisados. Logo após de ter visto essa cena, escutamos passos vindo da sala de onde entramos. Sem dar tempo de gritar ou nos mexer, a porta se abriu, e nos deparamos com as mesmas pessoas que vimos anteriormente com suas mãos e roupas cheias de sangue. Sem pensar duas vezes eu e Peter corremos em direção a uma janela que dava ao rio. Pulei na frente, e logo atrás estava vindo Peter, só que quando ele pulou, seu braço ficou preso na janela, comecei a puxá-lo, mas não estava dando certo. Quando olhei pela janela, uma das pessoas estava com um facão na mão, Peter olhou desesperado para mim e de repente, seu braço foi decepado. Puxei Peter e corremos rio a baixo. A cada passo que dávamos, era um rastro de sangue que deixávamos, até que chegou um ponto que Peter mandou parar. Ele estava fraco, já tinha perdido muito sangue, não conseguia continuar, Peter se deitou no rio e fui para perto dele, então ele me disse:

— Eu acho que isso já basta para sermos populares!

Ele deu aquela risada, sabendo que eu teria que deixá-lo. Continuei descendo o rio, chorando sem conseguir olhar para trás, só

escutando os gritos de Peter. De repente eu escorreguei, batendo a cabeça na pedra, acabei desmaiando.

Quando acordei, estava na cama da minha casa, com a cabeça dolorida, parecia um dia normal. Até que me caiu a ficha. Levantei-me rapidamente, indo em direção à delegacia. Contei tudo aos policiais. Voltamos aos galpões da *Schützen*. Fomos direto à sala onde estavam os corpos, quando abrimos a porta, a sala estava limpa, havia apenas enfeites de festas. Confuso corri em direção ao rio, ele estava limpo e transparente e não havia sinal do Peter. Falei que não sabia como aquilo havia acontecido. Os policias não acreditaram em mim, pensaram que eu estava louco, encaminharam-me para uma clínica. Depois de um tempo, não sabia mais se aquilo era real, se o Peter existia mesmo, acho que devo ter ficado louco! Mas toda vez que eu ia dormir, escutava o Peter gritando meu nome, e sabia que isso iria me atormentar pelo resto de minha vida.

— José Mateus Coelho Loose e Rafael Bruns.

O Amor é Cego

Dizem que o amor é cego, mas ninguém avisa que ele mata.

Primeiro dia de aula, ah até que enfim, não aguentava mais ficar em casa longe dos meus amigos e longe dele. Cheguei e tudo estava normal, encontrei a Clara, a Lívia e o Caio, logo já deu a hora de irmos embora nem sequer um sinal dele.

Eu estava conversando com o Caio sobre as férias, ele era o tipo de amigo com quem dava pra conversar sobre tudo e sempre estava por perto, quando Nicolas chegou, havia aquele jeito largado que me tirava o fôlego, seus cabelos estavam bagunçados e levemente úmidos, o que deixava ele ainda mais *sexy.* Eu sou apaixonada pelo Nicolas desde a sexta série, agora no ensino médio as coisas só cresceram; inclusive a superproteção da minha mãe, que no meio da aula me ligou para dizer que era para eu tomar cuidado, porque garotas estavam sendo encontradas mortas na pacata cidade de Indaial. Ela está ficando cada vez mais chata e paranoica, não vejo a hora de ir para a

universidade e fugir do que ela chama de amor, mas que parece uma prisão.

Saindo da escola encontramos vários policiais, eu realmente não estava acostumada com aquilo. Mas não dei muita bola, porque a cena do Nicolas chegando à sala não saia da minha cabeça, como pode ser tão lindo? Ele tinha um ar misterioso que me deixava fora de órbita.

Acordei com minha mãe assustada dizendo que a Clara tinha desaparecido, aquilo não entrava na minha cabeça. Não podia ser verdade. Fui para escola e o tempo parecia não passar, estava tudo tão estranho. Na volta para casa, acabei ficando sozinha, notei que estava sendo observada, mas preferi ignorar, eu não devia ter ignorado, eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer comigo...

Senti uma pancada na cabeça e tudo ficou preto, acordei em um lugar estranho, olhei mais detalhadamente e tinha fotos minhas para todos os lados. Havia uma caixa rosa no meio da sala. Abri a caixa, eu faria qualquer coisa para não ter aberto aquela caixa, e não ter visto aquela cena. A cabeça da Clara estava bem na minha frente, ensanguentada em volta de uma seda vermelha parecendo um presente. Belo presente. Ouvi passos vindo de longe e não sabia o que pensar, muito menos no que fazer, só fechei os olhos, esperando que aquilo fosse um pesadelo. A gente nunca espera o pior, muito menos ele vindo de quem a gente gosta. Quando eu ouvi sua voz perguntando se eu havia gostado do "presentinho" eu me neguei a acreditar, não podia acreditar que ele tinha feito isso. Não entrava na minha cabeça. Não dava, era demais para mim. Eu nunca imaginei que meu melhor amigo, aquele a quem eu confiava meus maiores segredos e desejos, fosse um *serial killer.*

A cada passo que ele dava para chegar mais perto, mais medo eu tinha dele. Ele veio segurando uma faca em suas mãos trêmulas, estava claro o seu desequilíbrio, Caio tinha um olhar tão frio. Ele me encarou e perguntou gritando se eu estava feliz, não entendi e só conseguia pedir para ele ficar calmo, mas não adiantou. Foi então que ele, fazendo desenhos com a faca no meu rosto, confessou que sempre fora apaixonado por mim, não suportava mais me ver gostando de outro. Que não deixaria mais ninguém atrapalhar nosso caminho, nesse momento ele apontou para a cabeça da Clara afirmando que ela falava demais, e que se eu não ficasse com ele, não ficaria com mais ninguém.

Eu só sabia chorar e pedir para ele parar, mas não adiantou. Foram 15 golpes, eu caí. Fui morta por alguém que esteve comigo durante minha vida toda, fui morta por alguém que dizia me amar.

— Heloisa Caroline Johse e Pedro Henrique Evaristo.

A Criança

Eliza e Carlos eram um casal muito feliz, já estavam juntos há 7 anos e o seu amor continuava o mesmo. Era como se para eles o tempo nunca passasse. Mas agora tudo mudaria, Eliza estava grávida!

Ao passar nove meses, Eliza deu à luz uma adorável menina: Bianca ou como costumavam chamá-la, Bia. Os anos foram se passando e Bia começou a mostrar comportamentos estranhos, ela estava agressiva, parecia perder a lucidez, como se estivesse perdendo a sanidade. Seus pais não entendiam o que estava acontecendo, ela era apenas uma criança de 7 anos, sem saber o que fazer, decidiram chamar o Padre:

— Bianca está estranha, agressiva, já não sabemos mais o que fazer — Diz Eliza ao Padre

— Já vi muitos casos como esse e lamento dizer que nenhum deles acabou bem.

— Mas o que ela tem? — Pergunta Carlos desesperado.

— Ela tem o mal dentro dela — O clima ficou tenso, então o Padre continuou — Vocês devem dar amor a ela, mantê-la o mais perto da Igreja que puderem, mas principalmente, não deixá-la de lado, pois o mal que vocês estão vendo agora não é nem a metade do que está dentro dela.

Depois do jantar, Carlos colocou Bia para dormir e vai para o quarto, onde encontra Eliza com um teste de gravidez nas mãos:

— Estou Grávida!

Eles se olham e, mesmo sem dizer uma palavra, já sabiam o que estavam pensando, mais um filho mudaria tudo, e se ele também

tivesse o mal dentro dele? E se Bia se sentisse de lado por causa do novo irmão? O que ela poderia fazer com ele? Eram muitas perguntas que só o tempo poderia responder.

Preocupados com o que poderia acontecer, eles decidiram levar Bia à Igreja, mas ela estava ficando descontrolada, falava coisas estranhas no meio do culto como se fosse outro idioma. Carlos decidiu que a melhor forma de manter Bia perto da Igreja era através de um túnel.

Levou um tempo, mas finalmente o túnel ficou pronto. Thomas, o filho mais novo de Eliza e Carlos, já tinha um ano e ao contrário do que pensavam, a chegada de Thomas fez com que Bia ficasse mais controlada, era como se perto dele o mal, existente nela, adormecesse.

Parecia estar tudo bem, até que algo aconteceu e mudou tudo, Thomas estava agitado, correndo de um lado para o outro, acabou quebrando um vaso que era herança de família.

— Thomas, o que eu disse para você sobre ficar correndo dentro de casa? — Grita Carlos furioso — Esse vaso era uma herança de família, vá para seu quarto, agora!

— Carlos, ele só tem 7 anos, pegue leve com ele — diz Eliza.

— 7 anos já é idade suficiente para entender as coisas!

Depois dessa confusão toda, via-se Bia balançando-se na cadeira no canto da sala, havia um olhar vazio, direcionado a Carlos.

No final da tarde, Eliza e Thomas vão ao mercado. Carlos estava saindo do túnel quando se deparou com Bia, ela estava parada, as mãos nas costas, olhando diretamente para ele.

— Você não deveria estar aqui, vá para a sala — diz Carlos intrigado.

Mas Bia não responde, continuava paralisada, até que de repente Bia grita, deixando Carlos assustado e um pouco nervoso, ele anda em sua direção e coloca as mãos em sua face, tentando acalmá-la, ela para de gritar, continua olhando para ele, lentamente ele abaixa a cabeça, olha para seu peito e vê a adaga enfiada, sem deixar de olhar para ele, ela tira a adaga de seu peito, ele cai no chão frio, agora vermelho, e suspira pela última vez.

Quando Eliza e Thomas voltam para casa, eles encontram Bia na sala vendo TV.

— Onde está seu pai? — pergunta Eliza.

— Eu não o vi desde que vocês foram ao mercado. Ele deve ter ido visitar um amigo, eu acho. — Respondeu Bia.

Depois do jantar, Eliza colocou Thomas para dormir e foi para a sala com Bia.

— Mãe, vai dormir, ele só deve ter perdido a hora.

— Você está certa, Boa Noite, meu anjo — concorda Eliza— e não vá dormir muito tarde!

— Está bem, mamãe!

Na manhã seguinte, Eliza acorda e vai fazer o café da manhã, estranhando o fato de Carlos não ter voltado para casa, quando de repente tocam a campainha.

— Bom Dia, senhora Eliza? — pergunta um policial.

— Sim, sou eu, algum problema?

— Recebemos um telefonema anônimo, alegando ter visto um comportamento estranho nessa residência ontem à noite, tenho um mandado para verificar a casa — explica o policial.

Eliza o deixa entrar, enquanto ela vai ao quarto de Thomas, o policial começa a andar pela casa, procurando algo fora do comum. Eliza escuta o policial perguntando de longe.

— O que é essa porta no final do corredor?

Nervosa e sem saber ao certo o que responder, Eliza fala a verdade.

— É apenas um túnel que é ligado à Igreja.

O policial estranha e pede para que ela abrir a porta.

— Mas não está trancada — respondeu Eliza intrigada — A chave dessa porta sumiu já faz um tempo.

Sem ter outra opção, o policial pega um pé de cabra e abre a porta, ao entrar, encontra Carlos morto ao chão, Eliza ao ver a cena grita desesperada, jogando-se em cima de seu marido, já falecido.

Eles sobem até a cozinha, enquanto Eliza explica a última vez em que viu seu marido com vida, o policial chama reforço pelo rádio.

— Mamãe — diz Bia entrando na cozinha — Onde você disse que era para eu esconder essa chave?

— O quê? — pergunta Eliza espantada — Eu nunca te pedi nada!

— Senhora Eliza, tenho que pedir que me acompanhe até a delegacia — disse o policial.

— Mas eu não fiz nada! — Grita Eliza enfurecida — Por que você está mentindo?

Bia dá um pequeno, irônico e demoníaco sorriso!

— Foi você! — Afirma Eliza com um olhar louco, focado em Bia — Você fez isso, você o matou! Você é um monstro!!!

— Senhora, tenho que pedir que se acalme.

Bia começou a chorar.

— Por que você está dizendo isso, mamãe, Eu Te Amo — diz Bia, tentando abraçar Eliza.

— Fique longe de mim — Grita Eliza, desviando de Bia.

O reforço chega e todos são levados à delegacia.

— Sentem-se e esperem aqui, crianças — Diz o delegado, enquanto Eliza é levada para a sala de interrogatório.

— Então, Eliza, conte-nos o que aconteceu- pede o delegado.

— Foi ela, ela o matou, ela é louca, ela tem o mal dentro dela, ela é um monstro. — diz Eliza em um tom de voz alto, estava quase chorando.

— De quem ela está falando? — perguntou o delegado ao policial.

— Da filha!

— Vocês têm que prendê-la, têm que tirar ela de perto do meu filho!

— Eliza — diz o delegado — ela é sua filha...

— Ela não é minha filha, ela é um monstro — interrompe Eliza.

— Pois bem, onde você estava ontem à noite, quando seu marido foi assassinado?

— Eu fui ao mercado com Thomas, pode perguntar para o Felipe da verdureira — continua Eliza — A única que estava em casa com meu marido era Bia.

— A senhora vai ter que passar uma noite aqui, amanhã de manhã vamos confirmar seu álibi.

Uma policial entra e leva Eliza para a cela, onde ela terá que ficar.

— Por que não confirmamos o álibi dela agora? — pergunta o policial.

— Por que tenho medo do que ela é capaz de fazer com a menina se a soltarmos — Continua o delegado — Falando na menina, temos que ter uma conversa com ela.

Então eles foram andando para a recepção onde estava Bia e Thomas.

— Você acha que Bia é a assassina dessa história?

— Nenhuma criança normal conseguiria fazer aquilo — respondeu o delegado.

— Então Eliza é completamente louca?

O delegado para e olha para todos os lados. A recepção estava completamente vazia, não havia nenhum sinal das crianças, era como se elas nunca estivessem estado ali.

O delegado se vira para o policial e então fala:

— Se não acharmos essas crianças logo, aí sim ela vai ficar completamente louca.

Houve prioridade máxima, todos da cidade estavam procurando, mas ninguém conseguiu encontrá-los.

Na manhã seguinte, antes de liberar Eliza, levaram-na para uma sala e contaram o que havia acontecido.

— Lamentamos informar, mas seus filhos desapareceram — explica o delegado.

— O quê? Como assim desapareceram? — grita Eliza.

— Estamos fazendo o possível para encontrá-los.

— Ela… Ela o matou, ela matou meu marido e agora vai matar meu menininho, ela quer acabar com minha vida — Eliza começou a ficar desesperada — A culpa é sua, eu disse para prendê-la, eu disse para tirar meu filho de perto dela — Seu tom de voz começou a aumentar — Você deveria ter me ouvido, deveria ter feito seu trabalho.

Eliza começou a chorar e a bater na mesa, estava se desesperando, ela começa a andar pela sala como se estivesse perdida, de repente ela para e olha fixamente para o delegado e começou a repetir " A culpa é toda sua " enquanto o empurrava agressivamente, cada vez mais forte, seu olhar estava vazio, como se tivesse perdido a humanidade por completo, tudo que ela queria agora era matar Bia.

Sem ter outra opção o delegado liga para o Dr. Simon do Sanatório Hally, para ver qual era a situação de Eliza. Ao conhecer Eliza, o Dr. Simon chega a conclusão:

— Todas essas coisas que aconteceram a Eliza, foram a Gota d'água para algo que ela estava suportando durante anos, creio que seja melhor, para todos que ela passe um tempo no Halley, até que

mostre melhoras em seu comportamento, eu cuidarei dela pessoalmente.

O tempo passou, ainda não havia nenhuma notícia sobre o paradeiro de Bia e Thomas e isso só fez com que Eliza piorasse cada vez mais.

Três Anos Depois

O desaparecimento de Bia e Thomas já não estava sendo investigado, Eliza ainda estava no Halley na mesma situação, o olhar vazio, na maioria do tempo completamente quieta, parada, olhando sempre para um lugar fixo.

Sua última visita tinha sido há um ano, quando o delegado foi vê-la para saber se algo tinha mudado. Desde então, ela só via os médicos, enfermeiras e outros pacientes do Halley.

TOC... TOC, batidas na porta ecoaram pelo quarto, quando Karla, uma das enfermeiras que cuidava de Eliza, abriu a porta, Eliza estava deitada olhando para ela, ela entrou e se sentou ao pé da cama, olhou para Eliza com um sorriso no rosto e disse:

— Você tem visita!

Eliza mudou parcialmente de expressão, como se estivesse surpresa e curiosa para saber quem era. Karla logo levou Eliza para a sala de visita:

— Vou deixá-las a sós — Diz Karla, saindo e fechando a porta.

O dia estava frio e chuvoso, a sala era cinza e gelada e o clima estava completamente tenso e pesado, o silêncio tomava conta de todo o lugar até que ele é interrompido:

— Olá, Mamãe!

— Jhoyce Maísa Campos de Campos.

A Cabana dos Mortos

Já era noite quando ela caminhava em direção à densa floresta escura com leves nevoeiros entre as copas das árvores, a névoa se alastrava. Seus leves e silenciosos passos seguiam em direção a um

vale sombrio onde ao fundo, era possível ver uma cabana caindo aos pedaços com uma única luz acesa que chamava sua atenção. A garotinha sentia que algo naquela casa a chamava e foi em sua direção.

No caminho era possível ver a névoa cobrindo seus pés, enquanto chegava perto da cabana. Sua entrada era formada por uma pequena varanda feita de madeira, que já estava velha e destruída. A garotinha subiu pelos degraus da varanda que rangiam baixo de forma que causava arrepio. Ela foi em direção à porta que tinha uma aparência bizarra, havia uma campainha em forma de caveira, a garotinha com medo, se aproximou lentamente da porta e tentou abri-la, porém estava trancada, ela teria que encontrar outra forma de entrar na cabana. A garotinha então, rodeou a casa em busca de uma janela ou alguma coisa que pudesse fazê-la entrar. Ela encontrou uma janela semiaberta, onde era possível ver um cômodo que se parecia a uma sala de jantar. Ela pulou pela janela e caiu no chão, olhando para baixo, ao erguer a cabeça, se deparou com algo totalmente diferente da aparência de fora da casa, a casa era coberta por um papel de parede laranja e tinha um sofá de cor cinza-escuro na sala, e ao lado uma escrivaninha um monte de livros jogados de forma desajeitada, ao lado dos livros estava um abajur de tom dourado em forma de um peixe. Ela estava andando pela casa, quando viu uma porta de madeira que estava aberta, entrou. Ao entrar, se deparou com um quarto arrumado que não era muito grande, havia apenas uma cama com um lençol preto e um travesseiro levemente rasgado, A garota saiu do quarto e se espantou, pois, apesar da casa estar caindo aos pedaços por fora, por dentro era extremamente arrumada e parecia que havia acabado de ser construída.

A única coisa estranha na casa que chamava a sua atenção, era uma porta escura que ficava ao lado da cozinha. Indo em direção àquela porta, a menina sentia que estava sendo chamada. Ao chegar à porta, viu que não estava fechada, havia uma escada, ela desceu, a escada rangia a cada degrau, estava trêmula com muito medo. Chegando ao final da escada, deparou-se com uma cena assustadora, ela olhou para algo que parecia ser um dormitório antigo, feito de pedra, em cima haviam esqueletos, não sabia explicar por que estava com aquela sensação de estarem chamando por ela. Assustada, correu em direção à escada para sair daquele lugar horripilante, chegou à

porta principal, e a abriu com um empurrão. Ao abrir, bateu em alguma coisa resistente, parecida uma pedra, ao olhar para cima, era possível ver a silhueta de um homem alto segurando uma foice, a garotinha só conseguia ficar ali no chão, chorando.

— Paulo César Potter e Gustavo H. Glasenapp.

Bem-vindo a Roanoke

Mississipi, junho de 1996. Lana e Tony hospedam-se no hotel Roanoke. Um hotel clássico. O casal estava à procura de um hotel que o preço os favorecessem, acabaram encontrando esse, o que os deixou muito felizes, afinal o casal não estava nos seus melhores momentos e precisavam de umas férias.

Ao entrar no local, Lana observa um enorme salão, para seu espanto está totalmente vazio com exceção da recepcionista que logo se levanta e os atende. A recepcionista chamava-se Karen, também a dona do hotel. Há em sua face um olhar doce e seus cabelos são vermelhos como fogo. Enquanto o casal espera Karen pegar a chave do quarto, Lana sente-se observada, ao se virar vê uma garotinha que também tem cabelos ruivos. Karen entrega a chave, eles seguem o caminho para o elevador. O elevador é pequeno, suas paredes e o chão são de um vermelho muito intenso. Ao chegarem ao andar de seu quarto se deparam com um longo corredor. Tony fica encantado com a decoração, mas os olhos de Lana observam um objeto jogado no meio do corredor, logo se percebe que é uma chave diferente da deles, está sem número, Lana chama a atenção de Tony que está distraído, ele balbucia algo, para deixa a chave. Ela segue com receio por deixar o objeto para trás, mas não sabe o porquê.

Ao entrarem em seu quarto, observam cada detalhe do ambiente. As paredes são cobertas por um papel de parede já amarelado, o carpete é de uma cor escura e a cama é grande, mas barulhenta. Após se instalarem, eles decidem dormir um pouco, a viajem havia sido muito longa e estavam exaustos.

Já havia se passado algum tempo quando Lana acorda após ouvir um barulho, levanta-se e observa a porta do quarto entreaberta. Resolve verificar, e avista a menina dos cabelos ruivos no final do corredor, segurando a chave sem número na mão. Antes que Lana pudesse ir ao encontro da criança, a mesma sai correndo e desaparece.

Na manhã seguinte, Lana e Tony descem para tomarem café da manhã. Ao terminarem Lana vai até Karen e fala sobre a garota. Karen conta que a menina é sua filha e pergunta se a garota havia feito algo errado, Lana nega e sobe para seu quarto pensando na criança.

Após ela sair do elevador, Lana anda muito e percebe que não havia encontrado seu quarto. Depois de tentar refazer o trajeto sem sucesso, senta-se no chão do corredor a espera de alguém.

Já havia se passado muito tempo quando Lana resolveu ir procurar o caminho novamente. Ela seguiu reto, ao dobrar um corredor, depara-se com a menina do outro lado. Lana fica feliz por ter visto alguém para pedir ajuda, mas a garota sai correndo novamente antes que ela pudesse falar.

Lana corre atrás dela e em uma dobrada de corredor a criança está na frente de uma porta, que diferente de todas não possui número. A garota encara Lana por um bom tempo, ela tenta entender o que aquela menina quer dizer. O silêncio é interrompido por barulhos de passos, ao se virar, um homem mais velho que se diz funcionário, agarra o braço de Lana e a leva para seu quarto. Durante o caminho ela percebe que não estava perdida. Havia passado em frente ao seu quarto. Ao sair o funcionário a alerta sobre o corredor em que ela estava disse perigoso e pediu para que não fosse mais lá.

Depois do que passou, Lana achou melhor descansar e dormir um pouco, sua cabeça estava explodindo ao pegar o remédio em sua bolsa, encontra a chave em cima do criado-mudo. E uma piscada de olhos, aquela chave havia desaparecido, a porta se abre e Tony entra, Lana leva um susto, mas Tony está tão empolgado que nem percebe e continua a falar. Ele falava sobre a decoração do hotel e como curiosa era ela, ele mencionara como "perturbadora" e "exuberante". Continua a falar, mas Lana não presta atenção, porque atrás de Tony, entre a porta aberta com seu vibrante cabelo, a menina a encarava. Até que a criança levanta a faca com firmeza, e lentamente faz menção de ir na

direção de Lana, nesse momento o rosto da criança adquire um sorriso aterrorizante.

Lana apavora-se, sente calafrios por todo o seu corpo ao olhar a garota. Ela corre atrás da menina, deixando Tony para trás.

Lana corre muito, está quase sem fôlego, mas a criança consegue ser mais rápida e continua a correr. Lana a perde de vista. Andando mais um pouco para em frente à porta que a deixara incomodada. Ela sente algo em seu bolso, nota que é a chave sem número.

Sem hesitar ela pega rapidamente a chave e abre a porta. Ela se depara com um quarto de criança. As paredes são cor-de-rosa e as mobílias brancas. Não há brinquedos, há apenas uma caixinha de música em cima da cômoda. Vai até a janela com cortinas brancas, e ao afasta-las leva um susto ao vê pedaços de madeira parafusados por toda a janela. Fica observando, ouve passos apressados, fica aliviada ao ver que é Tony.

No mesmo momento em que ele chega a caixinha de música começa a tocar, Tony está tão preocupado, que não percebeu que havia alguém atrás dele, que possuía longos cabelos ruivos.

Lana estava completamente paralisada. Queria gritar, mas nada saía de sua boca, seu corpo não respondia por sí.

Uma mão pequena e habilidosa segurava uma faca, Tony cai no chão. A última coisa ouvida por ela foi o doce som da caixinha de música.

Com o corpo suando, respiração ofegante e a cabeça latejando descontroladamente, Lana senta-se na cama. Acaba de acordar, tivera um pesadelo horrível, ela não se lembrava de tudo, havia um hotel, em uma época diferente, uma criança assustadora e também Tony. Tony! Ela se vira rapidamente a sua procura, mas ele não está no quarto. Após se acalmar, lembra-se de que ele foi trabalhar.

Ainda suada e um tanto perdida, ela vai até as janelas, abrindo-se. O som caótico de Nova York enche seus ouvidos. Para alguns toda aquela mistura de sons era horrível. Para Lana era algo que a enchia de vida.

Foi difícil ela convencer Tony a morarem nessa gigantesca cidade. Mas como o preço do apartamento era convidativo, ele acabou cedendo.

Faminta, resolve tomar um banho rápido e depois preparar algo para comer. A água do chuveiro estava na temperatura ideal, Lana leva um susto quando sente algo nas costas e vê que é um fio de cabelo vermelho bem comprido. Continua seu banho pensativa, e se lembrou de seu pesadelo, Lana põe uma roupa confortável e vai até a cozinha.

A cena que encontra no chão da cozinha a desespera. Com o pescoço mutilado, Tony ele está morto. O grito de Lana acorda os vizinhos, um grito assustador. Lana corre para pegar o telefone, com suas mãos trêmulas digita o número de emergência. Ela só conseguia ouvir o som que vinha da linda caixinha de música.

– Giovana L. de Moura Porsch e Karine Ramos Rezende.

ELA

Essa história é sobre um garoto e como ele morreu após ser injustiçado pelo destino, Everton era um sujeito inteligente possuía um cabelo loiro e curto, além de olhos azuis, o tipo que toda garota gosta, tinha suas limitações em fazer novas amizades, mas, mesmo assim, era muito popular. Uma mãe presente, que o mimava muito, e um pai sempre ocupado, essa falta de contato fez Everton odiar seu pai, e odiou mais ainda quando soube da promoção, em que eles teriam que ir para uma outra franquia da empresa numa outra cidade.

Sem muita escolha de ficar ou não, Everton já se despedia de seus amigos e conhecido, ele já estava com saudades no mesmo momento que entrou no Fiat 147 vermelho de seu pai. A viagem foi longa e ele dormiu o caminho todo, mas poucos minutos da cidade, acordou e se viu rodeado por uma longa floresta cheia de névoas, aparentava também que criaturas horripilantes saíssem das árvores de pinheiro, tudo o assustava muito, afinal não era muito corajoso.

A entrada da cidade estava aos pedaços, nenhum pedestre sorria e cartazes de desaparecidos por vários lados, Everton pensou consigo mesmo que esta era a cidade de seus sonhos e deu uma pequena risada. No segundo dia na cidade seu pai havia matriculado na escola mais próxima de sua casa, o Instituto de Ensino Fundamental e Médio

Mussiterlo Rodrig, sabendo que estava prestes a conhecer novos amigos o deixou muito feliz e empolgado, Everton tinha 17 anos e cursava o segundo o ano.

Chegou o aclamado dia de conhecer a escola, ele acordou antes das sete e meia, lavou o rosto, escovou os dentes e vestiu seu uniforme, ao entra n classe um aluno falou a seguinte frase "Ele veio para substituir Ela?", poucos segundos depois toda a classe e a professora implicaram com o rapaz, parecia que ele tinha falado uma péssima brincadeira de mal gosto, sem entender nada Everton disse seu nome a classe e se sentou, logo perguntou a pessoa ao lado que era "ela", mas não obteve resposta, e o garoto sobre "ela", e ele o explicou tudo, ela estudava no mesmo colégio pouco tempo atrás e foi encontrada morta aos pedaços perto de um poço, o garoto também sabia exatamente onde ficava esse poço, e chamou Everton para ir amanhã lá com um grupo de amigos, na hora ele não conseguiu decidir, falou ao garoto que amanhã ele teria uma resposta.

Everton não queria ir nem um pouco. Mas ao mesmo tempo lembrou que a conversa com o garoto foi a mais longa que teve em todo seu primeiro dia de aula, ele provavelmente não teria outra chance de fazer amigos tão cedo, e afinal o que poderia dar errado. No dia seguinte deu uma resposta positiva para o garoto que respondeu com um sorriso no rosto, Everton, o garoto e mais 4 amigos se encontraram no portão da escola logo que a aula terminou e foram até o poço, nesse meio tempo muitas conversas e risadas aconteceram, Everton havia feito novos amigos.

Finalmente no local, os 4 amigos estavam vendo o poço, enquanto ele e o garoto conversavam sobre jogos de celular, de repente os olhos de Everton se fecham, e quando abertos, seu amigo estava morto, os adolescentes correm aos gritos, novamente os olhos se fecham e outro corpo sangrando aparece, seguido por mais um e outro, até que só sobrou Everton em pé, estava aterrorizado sem saber como seus amigos morreram, 2 policiais que ouviram os gritos se aproximam, encaram Everton e um deles vai em sua direção, estende uma algema nas mãos de sangue, ao ver isso ele "quebrou", gritou até parecer um lunático.

Everton estava preso, seus pais não acreditavam que seu filho poderia fazer algo desse tipo, e na primeira oportunidade Everton se

enforcou, uma coisa que nem os policiais, nem Everton e ninguém sabia era que não se tratava de Everton e sim "ELA".

– Nicolas Echer e Andrio Santos.

Nosso Refúgio

Como você está? Sabendo que a garota que você transava está morta, e foi você que a matou.

Eu era nova na escola, não conhecia nada e nem ninguém. Morava no interior, era ingênua e não tinha ideia do que passaria daqui pra frente ali, na nova cidade. A nova escola era estranha possuía armários grandes, corredores extensos que ligavam um prédio ao outro. Escutei o sinal bater, corri em direção a sala e quando cheguei à porta esbarrei em um menino de cabelos castanhos, ele usava o uniforme do time de basquete da escola, pede desculpa mas falei tão baixo que até mesmo eu não conseguia ouvir minha voz. Entrei na sala e sentei na primeira carteira que vi, abaixei a cabeça, pois estava nervosa, bati meus pés nos chão que fizeram um som seco, minhas mãos estavam suando, tentei secar na calça, mas isso só piorava a situação.

Bate o sinal pra terceira aula, "hora do almoço, novata" uma voz surge do fundo da sala que preenche o ambiente e depois se transforma em risadinhas irônicas, virei-me e vi que era o mesmo menino de cabelos castanhos do começo da aula, dessa vez ele levanta e vem até mim com um sorriso nos lábios e diz:

— Prazer, meu nome é Carlos.

— Prazer, Sofia

— Vi na sua matrícula que na sua antiga escola você era uma líder de torcida, certo?

— Ah, sim eu fazia parte da equipe mas, por quê?

— Estamos precisando de uma menina na equipe da escola, queria saber se não tem interesse em participar? Se tiver, hoje depois da aula no ginásio, vamos fazer a seleção apareça por lá!

— Vou ver se consigo ir, obrigada!

Carlos sai da sala junto com os outros meninos do time, mas continua me olhando.

Depois da aula fui participar da seleção, passaram várias sequências eu consegui pegar todas. Quando estava dançando pra banca de jurados, senti que estava sendo observada demais, quando olhei pra cima, na arquibancada no último banco, Carlos estava sentado lá com os olhos fixos em meu corpo. Quando percebeu que a encarava sorriu e saiu. Esperei até o final, para ver o resultado. Fiquei feliz por ver meu nome na lista dos aprovados, saí correndo do ginásio, mas fui puxada pelo braço, virei pra ver quem era, Carlos me puxou pra perto e cochichou: preciso te mostrar um lugar, mas é um segredo nosso. Ok?

Esperamos anoitecer e fomos. No caminho conversamos sobre tudo, casa, religião, música, namoro enfim sobre tudo. O lugar para onde estávamos indo era uma antiga fábrica de motores que faliu, agora é um lugar abandonado e todo pichado, mas que tem uma vista incrível de toda a cidade.

Chegando lá sentamos em um muro e ficamos horas, e horas olhando aquela vista, Carlos se aproximou de mim, pegou minha mão, deitei-me sobre seu ombro, e ali ficamos mais um tempo. Olhei pra ele, fomos nos aproximando eu podia sentir sua respiração em meu rosto, ele me puxou pra perto, colocando sua mão em minha nuca, e me beijou. Depois pediu desculpa, apenas sorri pra ele e o beijei novamente.

Semanas e meses se passaram fomos nos aproximando cada vez mais. Conheci a família dele, ele a minha, aquele lugar do primeiro beijo era nosso canto, nosso refúgio em que todos os dias depois da escola íamos lá, dançar, comer, ouvir músicas e rir muito.

Como sempre, depois das aulas fomos lá, Carlos tinha levando uma coberta e dois travesseiros.

Quando cheguei vi que nosso quarto estava limpo, tinha um colchão no chão e comida em cima do banco. Estava tocando nossa música favorita — *Blackbear*, do IDFC. Carlos me puxou pela cintura e começamos a dançar, um colado ao outro. Eu podia ouvir seus batimentos e como era bom ouvir isso, como era! Ele deitou no colchão e eu deitei-me sobre seu peito, e com toques leves ele mexia no meu cabelo, suas mãos desciam e subiam sobre minhas costas. Olhei pra ele e com toda a certeza do mundo disse, eu amo você. Beijei ó

intensamente, e quando me dei conta eu já estava completamente nua ao lado dele, passamos a noite toda ali.

Uma semana depois, fui para escola normalmente, treinei, me encontrei com Carlos e fomos novamente ao nosso local, mais dessa vez fomos em silêncio, ele parecia estar nervoso e com medo. Chegamos, deixamos nossas coisas no chão e deitamos e como sempre pegamos no sonos. Acordei com ele em cima de mim, minhas mãos e meus pés estavam amarrados eu, eu estava nua? Tentei gritar, mas o choro saiu antes que eu pudesse dizer algo. Ele levantou, ficava andando de um lado para o outro nervoso, indeciso, olhar de vidro, choro!? Era noite e já passava das dez, estávamos sozinhos. Tentei gritar, tentei me soltar, mas ele veio novamente pra cima de mim, fechou meus olhos, me beijou, disse que me amava, com um tiro tirou minha vida.

— Débora Camila Tiburski e Bruna Mara Nogueira.

Nunca fale Com Estranhos

Em uma manhã ensolarada com poucas nuvens, a Família Lockwood, um casal com seus dois filhos, estavam se mudando para uma casa nova no interior da cidade de Louisville, em Kentucky. Megan, a filha mais velha de 16 anos, uma garota alta com 1,73, de cabelos longos, um tom castanho escuro, belos olhos verdes e uma pele bronzeada, que gosta de coisas mais antigas e clássicas, como museus. Resolveu ter férias diferentes, e passar esse tempo com os tios, que moravam em uma cidade que ficava a mais ou menos 3 horas de distância dali. O filho Tyler, de 11 anos, tinha aproximadamente 1,65 de altura, era loiro dos olhos azuis, tinha uma pele clara e poucas sardas no rosto, gostava muito de esportes, principalmente de basquete.

Há duas semanas na casa já, estava quase tudo meio organizado, tanto os móveis quanto as roupas. Ela tinha 2 andares, no andar de cima havia três quartos, dois banheiros e uma sala, já no andar de baixo tinha a cozinha, uma sala, um quarto, um banheiro e uma lavanderia. Essa casa ficava em um morro, e era perto de um antigo

Sanatório da cidade, o Sanatório Waverly Hills, que era onde antigamente, ficavam as pessoas com tuberculose, pois ainda não havia informações da doença, então essas pessoas ficavam afastadas da cidade, e como não se tinha cura as pessoas morriam lá mesmo. Já foram confirmados mais de 63 mil casos de mortes nesse local. Como ele era abandonado, não havia ninguém lá há anos, foram contadas várias lendas e histórias sobre o local, mas como os Lockwood nunca acreditaram muito em coisas sobrenaturais, não se incomodaram com isso.

A mãe tinha mestrado em medicina, porém com essa mudança resolveu tirar um tempo para si, para as coisas da casa e para a família até que tudo se ajeitasse, e passava o dia todo em casa, a maior parte do tempo sozinha. Já o pai trabalhava quase o dia todo na cidade vizinha, saia pela manhã logo cedo e voltava tarde da noite, almoçava no trabalho mesmo. E o filho, quando não ficava dentro do quarto mexendo em suas coisas, saia ao redor de casa, caminhar um pouco pela floresta para conhecer os arredores. Certo dia, a mãe estava na sala, no andar de baixo, sozinha por casa, lendo um pouco, e começa escutar algo, como se fosse um sussurro em seu ouvido, mas ela ignora, como se fosse apenas algum inseto que tenha passado rapidamente ali. Alguns dias se passam, e isso continua acontecendo, aquele sussurro continua perturbando-a dia após dia, porém, pouco mais alto, mas Jane nunca deu muita atenção pra isso. Até que um dia, ela estava na cozinha, lavando a louça depois de tomar seu café da tarde, ela presta atenção no tal sussurro, e ela consegue entender claramente o que a voz suave dizia, "Venha Jane, venha, você pode nos achar, você pode nos curar". E de tanto a perturbarem, ela resolveu seguir as vozes, que por acaso vinham do Sanatório. Quanto mais perto ela chegava, mais alto e claro ficava o tom da voz que a chamava, pelo que ela percebia aparentava ser a voz de uma criança. Para entrar nesse sanatório, você tinha que subir pelas escadas ou pela rampa do túnel, que era a porta de entrada, e o momento em que Jane chega a frente do túnel, uma voz aguda e feminina, dá um grito ensurdecedor e depois some. O vento se revolta e sopra forte, de repente fica frio, ela se arrepia, dá um frio na barriga, mas como ela era muito curiosa decide entrar para ver o que era que tanto a chamava, e como era esse Sanatório por dentro.

Então ela entra pelo túnel, sobe e entra no sanatório, até ai foi tudo bem, andou um pouco dos corredores, entrou em alguns quartos, eis então que ela vai ao quinto andar, andando bem calma, olhando os estragos, de como estavam acabadas as paredes, quando ao final do corredor, ela vê uma moça vestida com uma roupa branca, aparentemente uma enfermeira, que estava com a pele pálida, e o semblante entristecido, Jane vai se aproximando para tentar entender o que aquela mulher estava fazendo naquele local sozinha, mas quando chega mais perto, e a mulher percebe sua presença, a moça começa a encarar Jane, e suas formas faciais vão mudando, Jane observa aquilo espantada, porém com uma cara de curiosidade e uma expressão de dúvida em seu olhar, em questão de segundos, essa moça grita bem alto, e depois diz no mesmo tom gritando, "Saia daqui, você não pertence a este mundo", era a mesma voz com o mesmo tom que Jane ouvira quando havia chego a frente do túnel. A imagem da moça se transforma em vulto e depois rapidamente desaparece. Jane assustadíssima, sai dali em um pulo, mas antes que começasse a descer as escadas, uma criança que estava brincando com uma bola, a para e diz:

– Moça, não vai embora, fui eu quem chamou você aqui, sei que você pode me salvar, me ajuda, eu estou morrendo.

– Eu tenho que ir agora, mas vou tentar fazer o que posso.

E ela sai, desce tudo e volta pra casa correndo e desesperada, tentando esquecer aquela imagem perturbadora que acabara de ter visto. Chegando em casa, toma uma água com açúcar para se acalmar, e vai deitar um pouco, apesar de ela não ter percebido, havia ficado lá dentro mais de duas horas, ela não comenta sobre isso com ninguém, em casa ela age como se nada houvesse ocorrido. No dia seguinte foi tudo calmo, um dia meio chuvoso e nublado, mas tudo ocorreu bem, nem um sussurro se quer a perturbou. Passando-se os dias, ela começa a ficar meio 'doente', começa a ter delírios e alucinações. Porém como ela passava a maior parte do tempo sozinha em casa, e o pouco tempo que passava com a família ela disfarçava muito bem, ninguém percebia que ela estava ficando louca, e uma voz que dizia a mesma frase pra ela todos os dias, "Ou eles ou você, você deve matá-los".

Uma semana antes de começarem as aulas naquela cidade, a filha volta pra casa, para poder se organizar, já que havia passado as

férias todas fora, e como ela havia vindo de ônibus, subiu o morro a pé, quando chegou em casa estava um tanto cansada, o clima estava estranho, pois os passarinhos não cantavam e já passava das seis da tarde, estava escurecendo. Megan chega em casa, entra, abraça forte e beija a mãe, come um pedaço de bolo milho que é o seu favorito, o qual sua mãe tinha feito especialmente para ela, após comer, sobe para seu quarto, entra, põe a bolsa na cama, e grita para a mãe, que estava lá embaixo na cozinha:

-Mãe, onde está o Tyler? Ele saiu?

-Não Megan, ele está no quarto dele filha, tirando um cochilo.

A mãe responde com uma voz suave e calma. A menina então, morrendo de saudade do irmão corre para o quarto dele com a ideia de se jogar em dele cima e acordá-lo, porém, quando ela abre a porta do quarto, se depara com uma cena macabra, vê seu irmão estirado na cama, todo ensanguentado, que aparentava não ter muito tempo que havia sido morto, com enormes marcas pelo corpo todo. A menina, assustada, sem reação, sem saber o que fazer, já se afogando em lágrimas, chama a mãe, porém no momento em que ela grita, as janelas do quarto se fecham bruscamente, fazendo um enorme barulhão, o quarto fica frio, a mãe entra, fecha a porta e o clima fica tenso, as luzes piscam, o vento entra pelas frestas das janelas, e a menina percebera que havia sido a própria mãe que acabara de matar seu irmão. Elas se encaram um pouco, e a filha pede para mãe:

– Por que isso? Porque ele? Pra que matar?

– Ah, você está com saudades dele meu anjo? – pergunta a mãe, ignorando o que a filha havia dito.

– Claro que sim, eu o amo, e fazia tempo que não o via. Como não sentiria saudade…

– Tudo bem filha, sem problemas, logo você vai vê-lo novamente.

– Não tem como, Agora ele está morto… Impossível.

– Tem como sim, sabe por quê? Por que a próxima é você…

A filha assustada e com muito medo, sabendo que abaixo da janela do quarto havia um arbusto, ela pula e corre para a frente da casa, com medo de a mãe louca tentar algo contra ela, mas a mãe rapidamente aparece ali, a filha sem saber pra onde correr levanta o

crucifixo que carrega consigo no peito todos os dias, em direção da mãe:

– Você não vai me alcançar.

– Eu ainda vou voltar, me aguarde…

Diz a mãe desaparecendo, misteriosamente sem deixar qualquer vestígio.

– Camila N. Stange Pereira e Heloisa G. Ewald.

Mar

1

Era uma noite chuvosa, com trovões estrondosos, as ondas cada vez maiores. Eu estava com medo, parecia que algo ruim estava pra acontecer.

Procurei meus pais e meus dois irmãos, Mason e Caio, logo os encontrei, mas havia algo estranho. Pareciam estar em transe, eu falava, gritava, entrando em pânico cada vez mais. Eles não ouviam, não demonstravam nem sequer uma emoção em seus rostos.

Eles saem em fila reta, um atrás do outro, pareciam zumbis. Estavam determinados a algo, e fui atrás pra saber o quê.

Me deparo com eles, de mãos dadas, com as costas contra o parapeito, inclinando-se pra trás como se não fosse nada. Eles sorriam. Eu gritava. O que estava acontecendo? O mundo tinha ficado louco?

Ouço cantos, vozes magníficas em meio a todo aquele caos. Aquelas vozes me transmitiam paz, de repente, aquelas vozes eram a única coisa que importava. Minhas preocupações e medos se desfizeram. Parecia mesmo que o melhor era estar na água, cerca pelas ondas em vez de bombardeada pela chuva. A sensação devia ser deliciosa. Eu precisava bebê-la. Precisava encher meus pulmões, estômago, coração com ela.

Com esse único desejo pulsando no meu corpo, caminhei até a balaustra. Eu mal tinha a consciência de que estava pendurada para fora, mal tinha consciência de qualquer coisa, até que o impacto duro no meu rosto me fez recobrar os sentidos.

Eu ia morrer.

Não!, pensei enquanto lutava para voltar à superfície. *Não estou pronta!* Dezenove anos não eram o bastante.

— *De verdade?*

Não tive tempo de duvidar da existência daquela voz que ouvia e logo respondi:

— *Sim!*

— O que você daria para continuar viva?

— Qualquer coisa!

Imediatamente, fui arrastada para longe do naufrágio. Foi como um braço envolvesse minha cintura e me puxasse, me fazendo avançar rapidamente. Logo me vi deitada numa superfície dura, diante de três mulheres de beleza inumana.

Por um momento, todo o horror e a confusão por que eu tinha acabado de passar sumiram. Não havia tempestade, família e medo. Só havia aqueles rostos belos e perfeitos. Apertei os olhos e as examinei, fazendo a única suposição possível:

— Vocês são anjos? Eu morri?

A garota mais perto de mim — que tinha os olhos mais verdes que eu já tinha visto na vida e o cabelo vermelho brilhante esvoaçando envolta do rosto — se abaixou.

— Não. Pelo contrário, está bem viva.

Fiquei boquiaberta, surpresa. Se eu ainda estava viva, não sentiria os arranhões do sal garganta abaixo? Meus olhos não arderiam por causa da água? No entanto, me sentia perfeita, completa. Ou estava sonhando ou estava morta. Tinha que estar.

Ainda dava para ouvir os gritos de longe. Ergui a cabeça e vi as ondas balançando o navio de modo surreal.

Tomei fôlego, confusa demais para compreender como conseguia respirar debaixo d'água ao mesmo tempo que ouvia os outros se afogarem ao meu redor.

— Você pediu pra viver?

— Sim — me perguntando se ela conseguia ler minha mente. — Quem são vocês?

— Meu nome é Mia — ela respondeu — Esta é Elizabeth é aquela é Sarah.

— Somos cantoras — Sarah explicou — Sereias. Servas da Água. Nós… a alimentamos.

Quê?

— Do que a água se alimenta?

Sarah olhou para o navio que afundava. Quase todas as vozes já tinham se calado agora.

— É nosso dever, e logo poderá ser seu também. Se você der a Ela seu tempo, Ela vai te dar vida. Deste dia em diante pelos próximos anos, você não vai ficar doente, nem se machucar, e não vai envelhecer nem um dia sequer. Quando o tempo terminar, você receberá de volta a sua voz é a sua liberdade. E poderá viver.

— N-não entendo. — gaguejei.

— Seria impossível entender agora — Sarah disse, passou a mão pelo meu cabelo, me tratando como se eu já fosse uma delas. — Garanto a você que nenhuma de nós entendia. Mas esse dia chegará.

Levantei com cuidado, abismada que estava de pé sobre a água. Algumas pessoas ainda boiavam ao longe, batendo os braços contra a correnteza como se fossem capazes de se salvar.

— Minha família está lá — supliquei. — Elas me olharam com pena.

Sarah passou o braço pelos meus ombros, olhando na direção do barco que afundava. Então, sussurrou no meu ouvido:

— Você tem duas escolhas. Pode ficar conosco ou se juntar a sua família. *Se juntar a eles.* Não salvá-los.

Permaneci calada, pensando. Será que as palavras dela eram verdadeiras? Será que eu poderia escolher e morte?

— Você disse que daria qualquer coisa para viver — ela me lembrou. — Por favor, leve a promessa a sério.

Vi esperança em seus olhos. Ela não queria que eu fosse. Talvez tivesse visto mortes demais em um dia só.

Fiz que sim com a cabeça. Eu ia ficar.

— Bem-vinda à irmandade das sereias.

Alguma coisa fria penetrou minhas veias. E embora isso me assustasse, não chegou a doer.

2

OITENTA ANOS DEPOIS...

Incrível como as coisas haviam mudado em oitenta anos. Modas, tecnologias, meios de transporte. Eu sempre me interessei como a moda mudava, e como voltava. Coisas dos anos 80 vinham e voltava à moda.

Peguei meu caderno e fui ao campus. Sim, sereias podem ter uma vida normal. Frequentar faculdades, escolas, apenas deveriam sempre se manter de boca fechada, até a hora de cantar. Quando essa hora chegasse, deveríamos cantar sem hesitar. Fiquei um bom tempo, desenhando, escrevendo, passando o tempo até a aula de química.

Tocou o sinal, e eu fui caminhando até a sala, até que me lembrei que havia esquecido meu trabalho na biblioteca, corri até lá para pegar.

Me aproximei das estantes para encontrar o livro que eu havia usado para fazer o trabalho, avistei um menino loiro, seu olhar mostrava sua inocência e isso me encantou de alguma forma. Fui me inclinando para tentar ler o seu crachá de identificação.

Minha visão começa a ficar embaçada, meus olhos lacrimejam de vergonha quando ele se levanta e vem em minha direção, assim consigo ver seu nome MAX POURCEL.

Eu estava acostumada, o quanto nós, sereias, atraíamos naturalmente as pessoas, e os homens eram vulneráveis..

— Vai dar uma festa?

Baixei a cabeça, na esperança de que ele entendesse o recado. Eu não queria me socializar.

— Você parece estressada. Uma festa cairia bem.

Festa? Por que ele está falando em festa? Então, percebi que estava no setor de culinária.

Não consegui segurar um sorrisinho. Ele não fazia ideia. Infelizmente, ele tomou o sorriso como um convite para prosseguir.

Ele passou a mão no cabelo, o equivalente moderno para o "Bom dia, senhorita" e apontou para os livros.

— Minha mãe diz que o segredo para preparar bolos é usar uma travessa aquecida. Não que eu saiba. Mal consigo fritar um ovo.

Fiquei encantada quando ele enfiou a mão no bolso, envergonhado.

Era uma pena, de verdade. Eu sabia que ele não era uma ameaça, e não queria magoá-lo. Mas eu estava prestes a recorrer à minha atitude mais grosseira e simplesmente sair andando quando ele tirou a mão do bolso e estendeu para mim.

— Meu nome é Max, aliás — ele disse, à espera de que eu respondesse.

Fiquei boquiaberta. Não estava acostumada com pessoas insistentes diante do meu silêncio.

Ele manteve a mão estendida, esperando. Normalmente, minha reação seria fugir. Mas Elizabeth e Mia conseguiam interagir com os outros. Céus, Elizabeth trocava de namorado o tempo todo sem jamais dizer uma palavra. É algo naquele garoto parecia diferente. Talvez a maneira como seu lábio se erguia num sorriso, ou o jeito que sua voz saía suave. Tive certeza que ignorar aquele rapaz magoaria mais a mim do que a ele.

Com cuidado, apertei sua mão, esperando que ele não notasse o quanto minha pele era fria.

— E você se chama...? — ele perguntou.

Suspirei, certa de que isso encerraria o diálogo apesar das minhas melhores intenções. Gesticulei meu nome, e os olhos dele se arregalara.

— Ah, puxa. Então você estava lendo meus lábios esse tempo todo?

Fiz que não com a cabeça.

— Você ouve?

— Fiz que sim.

— Mas não fala… Hum, tudo bem.

Ele começou a apalpar deus bolsos.

— Achei — ele disse, puxando uma caneta. — Não tenho papel, então você vai ter que escrever na minha mão.

Olhei para a pele dele. Que nome eu deveria escrever? O da carteira de motorista que Mia tinha comprado na internet? O que eu usei para alugar nossa casa atual na praia? Eu tinha uma centena de nomes.

Talvez tenha sido um erro, mas escrevi o meu nome verdadeiro.

— Serena? — ele leu sua mão.

Fiz que sim com a cabeça, feliz que um humano vivo soubesse meu nome de batismo.

— Bonito. Prazer em conhecê-la.

Abri um sorriso tímido, ainda desconfortável. Não sabia bater papo.

— É muito legal você frequentar uma faculdade tradicional apesar de usar língua de sinais. Eu me sinto corajoso por apenas mudar de estado. — ele disse, rindo de si mesmo.

Apesar de eu não estar à vontade, fiquei admirada pelo esforço dele para sustentar a conversa. Era mais do que a maioria das pessoas faria na situação dele.

— Então, hã.. Se um dia você der uma festa e precisar de ajuda, juro que posso tentar e não estragar tudo.

Arqueei a sobrancelha para ele.

— É sério! — ele riu. — Enfim, vejo você por aí.

Ele acenou tímido e continuou a caminhar. Fiquei observando. Eu sabia que ia me lembrar de seu cabelo que parecia bagunçado pelo vento, mesmo estando dentro da biblioteca e da bondade em seu olhar. E me odiaria se nossos caminhos se cruzasse num desses dias cruéis, que eu tinha que arruinar vidas.

Fiquei grata, pois não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão humana.

O sinal toca, e então, reparo que passei tanto tempo ali, que perdi a aula de química, fui correndo até o setor dos livros de química e peguei o livro que eu havia usado. Achei o trabalho em meio àquelas páginas. Peguei e fui direto para a aula de história.

3

Na segunda-feira de manhã, saí de casa o mais rápido que pude. Levei meu caderno de desenhos e enfiei na bolsa junto com um lápis.

Segui para o campus, atravessei o pátio principal perto da biblioteca enquanto as pessoas se dirigiam para as salas de aula.

Sentei embaixo de uma árvore e peguei o caderno na intenção de desenhar uns modelos de roupas que pudesse observar.

Então, do nada, alguém sentou ao meu lado.

— Bom, eu estava pensando que você estudava gastronomia, mas agora imagino que estuda artes.

Era o menino da biblioteca, Max.

— Eu mesmo estou bem indeciso. Você não está me julgando, está?

Abri um sorriso e fiz que não com a cabeça. Achei legal ele simplesmente começar a falar como se estivéssemos no meio de uma conversa.

— Ótimo. Andei considerando algumas opções. Tipo, economia parece um caminho bom a se seguir, mas sou quase tão ruim com dinheiro quanto na cozinha.

Ainda sorrindo, escrito no canto da página: *Mas não é por isso que as pessoas estudam? Para melhorar?*

— É um bom argumento, mas acho que você está superestimando minhas capacidades.

Ele retribui o sorriso, e lembrei o quão normal ele me fizera sentir na primeira vez que nos encontramos. Mais uma vez ele não se importou com o meu silêncio. Ele me enxergava de outra maneira, diferente dos outros homens, me enxergava não só como uma beleza misteriosa, mas como uma garota que ele queria conhecer.

Ele não ficava só me encarando, hipnotizado. Ele conversava comigo.

— Então, você fez aquele bolo?

Fiz que não com a cabeça. *Saí pra dançar pela primeira vez,* escrevi.

— E?

Não é a minha praia.

— Ainda tem aula hoje?

Nada!

— Que inveja. Escolhi aulas à tarde pra poder dormir mais, o que foi um plano brilhante da minha parte, já que eu estou num relacionamento sério com o sono.

Eu também.

— Bom, acho que eu deixaria o relacionamento um pouco de lado se pudesse fazer mais coisas à tarde. Que tal uma praia às 18:00?

Tive medo. Uma praia. E se eu falasse algo, e ele simplesmente se jogasse na água. Eu estava gostando dele, ele parecia diferente. Algo nele me atraía, será que seria amor à primeira vista? Mas eu não queria rejeitar seu pedido, então escrevi:

Ok. Encontro você lá às 18:00.

Mesmo eu sabendo que era burrice, eu resolvi tentar. Finalmente viver, em vez de apenas estar viva.

Fui até a praia, certa de que colocaria um ponto final nisso, pelo bem de Max.

— Oi!

Sorrio. Como conseguiria dá um ponto final? Eu estava apaixonada, apaixonada por cada detalhe nele.

— Venha, quero te mostrar uma coisa. — ele diz, enquanto me pega pela mão e me guia.

Então ele me levou para o cais, me mostrou o pôr do sol, segurando a minha mão, então discretamente, com uma brisa suave batendo em nossos corpos e fazendo com que nós dois ficássemos em um só sentimento, em uma só sintonia, então ele tirou sua mão das minhas e foi subindo a sua mão delicadamente pelos meus braços até chegar em minha nuca, então ele ficou de frente para mim e se inclinou devagar até perto de minha boca, olho por olho e disse que me amava e minha resposta foi automaticamente a mesma coisa, dizendo que eu o amava e a gente se beijou durante 1 segundo no máximo e aquele foi meu primeiro e último erro, ele se virou e começou a caminhar em direção ao mar sem olhar para trás, sem se importar com aquelas palavras, ou ao menos o beijo cheio de sentimentos, ele somente caminhou para o mar caminhando para a sua morte, e eu entrei em estado de choque, pois mais uma vez vi alguém que me amava partir por minha causa…

– Larissa Severo e Talita Armando d'Ávila.

Sangue Lupino

Segunda-feira, ao soar das doze badaladas tudo era escuridão, ainda mais na minha pequena cidade, os moradores deveriam estar em suas casas na esperança de fugir do frio. Mas eu sempre me atrevi a sair, não arriscaria ficar um dia a mais em casa, o lugar onde deveria ser meu lar, lar de ruínas e sofrimento.

Meus passos rápidos marcavam o chão, junto a minhas lágrimas que escorriam pelo meu rosto pálido e gelado. Sentia o vento congelante passando por meu fino moletom que cobria meu corpo, estava sozinha, desnorteada como sempre estive.

Apesar de tudo, eu fugiria, não por ser covarde, mas não poderia aguentar nem por mais um segundo minha triste e cruel realidade. Automaticamente, penso em Arianne, uma doce e velha amiga que iria me acolher nesse momento, precisava dela e é pra lá que eu iria.

Em busca de um atalho adentrei um beco, o clima daquele local era vultuoso, não sabia por onde ir, sentei-me no chão, estava ofegante e tentei me acalmar, até minha respiração descompassada voltar ao normal, comecei a ouvir passos, abracei meu corpo em busca de proteção, sempre indefesa. Sentia que algo se aproximava, o barulho aumentava, eu via sombras nas paredes por todos os lados, estava incrédula e amedrontada. Mas, eu o via, por trás de toda a escuridão, vindo lentamente em minha direção, mesmo com sua silhueta contornada por pouca luz, eu reconheci, era um lobo, e o que eu estava vendo era geneticamente impossível, seu semblante se encontrava já na minha frente, sua respiração quente, árdua se chocava em minha face, suas íris brilhantes, cor de mel e extremamente familiares, me encaravam, logo pensei, era ali, o local da minha morte, desisti, fechei meus olhos, esperei aquele ser tirar minha vida. Fiquei assim por um tempo, mas os barulhos foram cessando, já não escutava mais sua respiração, resolvi abrir os olhos, ele tinha sumido, havia paz, nenhum sinal de que ele estava lá.

No outro dia, já hospedada na casa de Arianne, resolvi não contar o que havia acontecido, é melhor desse jeito, tentei ocultar meus sentimentos, e estava conseguindo, até ligar a tv. Uma notícia prende minha atenção, meu corpo estremece, e a sensação de estar

assombrada voltou a me perseguir, "Garota é encontrada morta, por ataque de animal feroz". Tinha sido identificada, a garota era eu.

– Laryssa Luiza Roters e Jienifer Queiroz.

O Massacre

Tudo começou em 1740, aquela casa... havia algo de errado nela, algo maligno...

Jornal Jaraguá Notícias – Sexta-feira 13/03/1780:
Jordan Morrison sobrevive ao massacre de 1740.
Jordan Morrison conta sobre o dia mais sangrento de 1740.

– Realmente havia algo de errado com ele, sempre que eu o via ele estava rindo de seus monólogos, sempre via seus braços com marcas de arranhão ou mordidas, ele sussurrava sozinho pela casa, sua aparência... era devastadora, havia olheiras, era pálido e sua pele era sempre fria... – olho para as minhas mãos cerrando os punhos em seguida – ... Em uma noite, eu o vi arranhando as paredes, ele já não tinha mais unhas, – coloco minhas mãos no bolso – ele falava em outras línguas, gargalhava como se houvesse contado uma piada, porém ele ria debochado, sua risada era tenebrosa... – balanço minha cabeça afastando meus pensamentos – ... todos tinham medo dele, as freiras sempre maltratavam o pequeno, elas diziam que ele era um menino impuro – Sou interrompido pelo repórter.

– Por que elas diziam isso?

– Por quê? Porque elas não aceitavam que ele era o único com aquela divindade.

– Que divindade Sr. Morrison? – Pergunta curioso.

– A divindade de falar com eles...

– Com eles? Eles quem?

Jordan olha paras os lados conferindo se não havia ninguém e em seguida se aproxima do repórter, sussurrando:

– Com Deus e seus anjos.

O repórter solta uma risada, pensando no quão louco Jordan era, porém Jordan se manteve sério, com raiva, mas não demonstrava.

– Não irá achar engraçado quando ele estiver atrás de você… posso continuar? – Perguntou.

– O dia do massacre foi como todos dizem "assustador", os gritos… para aquele menino eram prazerosos, a voz dele parecia a de um homem adulto…

Jordan permaneceu contando sua versão, mas…

19/05/1740 – quarta-feira:

Tudo começou numa manhã calma, as freiras preparavam o café, as crianças brincavam no quarto e Rafael? Estava no seu costumeiro canto, conversando sozinho.

– Sim, estou preparado. – Fala o pequeno Rafael. – Você vai me ajudar, não é? – Pergunta, rindo em seguida.

Ele se levanta, descendo as escadas vagarosamente, observando cada canto da casa, ele estava estranho, mais que o normal, na metade do caminho se deparou com a Madre, que o olha assustada, ele escuta um sussurro, "empurre-a", e assim o garoto faz, ele olha a imagem da Madre caída aos pés da escada e sorri, após aquele acontecimento, o garoto sobe correndo as escadas, e encontra as outras crianças, ao entrar no quarto todos olham para ele, uma voz novamente fala: "mate-os".

– Mas eu não consigo sozinho! –

"Eu ajudo" fala a voz grossa e rouca, em seguida o menino começa a se mexer como se estivesse tendo uma convulsão, ele fica de costas para todos, um dos meninos se aproxima:

– Você está bem, Rafa? – Pergunta, colocando a mão em seu ombro.

Rafael se vira, assustando o garoto, o menino começa a gritar, pois os olhos de Rafael estavam negros, possuía um sorriso demoníaco no rosto.

– Vocês irão morrer esta noite. – Fala ele com a voz rouca e grossa.

Todos começam a gritar, Rafael ri ao ver o desespero dos outros, o cômodo silencia, a porta é destrancada, ele desce as escadas e vai até a cozinha.

Após alguns minutos, os policiais chegam, um deles vai falar com o garoto:

– Qual seu nome? – Pergunta se abaixando ao lado dele.

– M-meu nome é Rafael… Rafael Jordan Morrison.

– Gianni Marangoni de Santi e Jéssica Karoline V. Correa.

Corações Perdidos

Os sons dos pés contra o chão ecoam pelos corredores silenciosos do colégio, entrando em cada curva com esperança de dar de cara com Michael, até o momento que ela virou e ouviu um grito estridente ecoando pelos corredores:

– Rumores estão começando a infestar as ruas da cidade, eles falam sobre uma antiga lenda. Segundo essa lenda, a cada vinte anos ocorre uma série de assassinatos em vários locais do mundo e essa cidade está entre eles, ninguém sabe exatamente o porquê, mas, há uma coisa em comum em todos os assassinatos, independente do lugar em que ocorre, sempre está faltando o coração

– É sério que você acredita nisso Liz?! - Interrompeu Katherine

– E você não Kathy? Um corpo foi encontrado ontem, e outro na semana passada, há duas semanas outro, segundo o que estão dizendo faltava o coração em todos eles. É fato, a lenda é real e você não pode discordar de mim dessa vez! – Retrucou Liza.

– Isso é só especulação e eu já falei para não me chamar de Kathy. - Após um longo suspiro Katherine continuou. – Me pergunto por que ainda falo com você!

– Sentem-se todos! – Exclamou uma voz vindo de fora da sala de aula, era o professor Wander de história acompanhado da professora Michelli de português.

– Temos algo importante para dizer a vocês, mas antes deixem-me apresentar o seu novo colega de aula.

Enquanto terminava a frase entrava um garoto alto em torno de um metro e oitenta, cabelos negros e desarrumados, seus olhos tinham um tom bem incomum, eram verde-esmeralda, vestia uma camisa preta com o desenho da banda Épica e por cima uma camisa xadrez vermelha e preta, calças jeans e um tênis um pouco surrado azul com preto.

– Então turma, esse é o Michael, Michael bem-vindo a terra nós viemos em paz, ou quase isso.

Continuou Wander, antes de ser interrompido por Michael.

– Mikael, a pronuncia correta é Mikael, apesar de escrever-se Michael. – O silêncio desceu sobre a sala por alguns segundos.

– Bem, por agora sente-se ao lado daquela que ninguém ousa provocar. – Disse Wander apontando para a cadeira ao lado da garota com cabelos ruivos e olhos tão azuis quanto o céu em dias ensolarados. Vestia um casaco preto assim como suas calças e um tênis azul-escuro, porém o que chamava atenção era seu cachecol vermelho-sangue que contrasteava com seus olhos tornando-os extremamente sedutores, era Katherine.

Antes de Michael chegar ao seu lugar Liza cutucou Katherine.

– Conseguiu! Um gatinho do seu lado, feliz agora?

– Cala boca idiota! A última coisa que eu quero é um relacionamento agora. – Cochichou Katherine.

– Mas quem disse que precisa ser um relacionamento? – Disse Liza com um olhar malicioso.

– As duas importam-se de ficarem quietas? – Disse Michelli encarando-as.

– Continuando! – Exclamou Wander. – A polícia pediu para avisar que a partir de agora haverá toque de recolher na cidade, pois acreditam que há um *serial killer*, então nem pensem em ficar zanzando por aí depois da aula vão direto para suas casas.

Após o aviso os professores Wander e Michelli explicaram que estavam preparando um projeto sobre literatura, após a explicação a aula continuou normalmente.

Ao bater o sinal para o intervalo, Katherine, Liza, uma outra garota chamada Ana e um garoto chamado Ezequiel foram até Michael.

– Sabe, eu sei como é chegar em uma escola nova e não ter ninguém para conversar ou quaisquer outras coisas, então se você quiser pode vir com a gente para enturmar-se, o que você acha? – Perguntou Katherine para Michael, que respondeu.

– Por que não!

– Gente! Eu não esperava uma voz tão grossa… -Disse Ana um pouco surpresa.

– Bom de qualquer forma eu sou Katherine, essa é Ana surpreende um pouco como deu para ver, essa é Liza: Boca suja, tarada e as vezes até um pouco nojenta, mas tem um grande coração, esse é Ezequiel, o nerd, e na maior parte do tempo quieto, mas é bem divertido e engraçado quando interage. – Disse Katherine enquanto caminhava em direção ao refeitório, após todos sentarem-se, Liza falou espreguiçando-se.

– Até que enfim chegou o recreio, já não aguentava mais aquela sala.

– O certo é intervalo. – Corrigiu Ezequiel.

– Meu querido, se eu quiser eu chamo de hora do lanchinho, então cala essa sua boca! – Exclamou Lisa, que logo foi interrompida por Ana.

– Ei, Michael como você é novo, eu deduzo que você não tenha grupo para o trabalho de literatura, então gostaria de fazer conosco?

– Sobre o que vocês pretendem fazer? – Perguntou Michael.

– Bem, eu estou pensando em fazer algo fantasioso, envolvendo magia e todo tipo de seres mágicos, que tal? – Perguntou Katherine.

– Por que será que isso não me impressiona nem um pouco? – Disse Ana, enquanto Liza e Ezequiel concordavam com Ana.

– Parece interessante, eu, particularmente, gosto bastante de histórias nesse estilo fantasioso e medieval. – Disse Michael, enquanto Lisa, Ana, Ezequiel olhavam-no surpresos, Katherine disse.

– Viram como eu não sou a única que gosta desse tipo de coisa? Eu não estou sozinha no mundo, seus pés no saco. – Liza perguntou a todos.

– Ok casalzinho de esquisitos, que tal nos começarmos amanhã depois da aula na minha casa?

– Mas é o toque de recolher? – Questionou Michael.

– Ah isso, bem o Ezequiel é meu vizinho a Ana dorme lá em casa, o pai da Katherine vai buscá-la e duvido que ele não te daria uma carona, certo Kathy? – Perguntou Liza e Katherine concordou.

– Bem, se é assim, por mim tudo bem! – Afirmou Michael junto com a concordância dos outros três.

O resto do dia passou como outro qualquer. Todos se reúnem em frente ao colégio com exceção de Ana, lá eles esperam por um tempo até que todos se cansam de tanto esperar e decidem mandar uma mensagem à Ana dizendo para ela ir direto à casa de Liza.

– Cara, por que ela sempre se atrasa para tudo que nós combinamos? Pior é que não importa o que seja, ela sempre se atrasa, que ódio dela, pode apostar que ela vai vir me pedir comida, eu vou deixar ela passar fome para aprender. – Disse Liza com fogo no olhar, e após um tempo de silêncio Lisa continuou. – Ah só para avisar nós vamos passar no mercado, comprar algumas coisas para comermos e ai de quem oferecer para Ana.

– Calma, você sabe que daqui a pouco tempo você nem vai se lembrar que estava brava com ela, afinal, vocês são melhores amigas, não são?! – Afirmou Katherine. Porém, Liza continuou.

– A melhor amiga faz a outra esperar uma hora? Eu acho que não né, então fica quieta você também... – Katherine, Ezequiel e Michael seguravam-se para não começar a rir, até que Liza percebeu, parou e disse friamente. – Se vocês rirem, vocês também vão passar fome, entenderam? – E o silêncio permaneceu entre eles até a saída do mercado.

Foi quando Katherine perguntou a Michael.

– Ontem você disse que gostava bastante de histórias fantasiosas, então você tem alguma preferida?

– Começou! – Disseram Liza e Ezequiel juntos.

– O que foi? Eu só fiz uma pergunta... - Ressaltou Katherine, e Michael riu da maneira que eles se tratavam, respondeu singelamente.

– Apesar de eu gostar bastante de animes como Fairy tail, Magi, a saga Fate a minha obra preferida é o livro do senhor dos anéis...

Essas poucas informações deram brecha para que Katherine e Michael conversassem por todo o percurso que durou em torno de meia hora, isso acabou deixando-os, de certa forma mais próximos. Quando

chegaram em frente à casa de Liza, eles avistaram Ana, ao vê-la Liza correu em sua direção, abraçou-a dizendo.

– Por que você me abandonou com esses idiotas? Eles ficaram falando sobre um monte de coisas que eu não entendia… – Enquanto isso Michael perguntou.

– Ela não estava irritada com a Ana? – Katherine respondeu.

– amizade delas é assim mesmo, não esquenta, depois de um tempo você se acostuma. – Assim que entraram na casa Liza deu as sacolas para Katherine e disse.

– Como você é a única que cozinha, o jantar é por sua conta. – Katherine suspirou, aceitou, como se já soubesse que isso aconteceria, foi surpreendida por Michael.

– Você precisa de ajuda? Eu também sei cozinhar.

– Me diz se eles não formam um casal perfeito. – Disse Ana, Lisa concordou.

Katherine e Michael deram as contas e foram em direção a cozinha. Logo após o jantar, Lisa perguntou.

– Quem está a fim de ver um filme? – Katherine suspirou, cochichando.

–Lá vamos nós…

No fim das contas, assistiram ao filme e ao término, já era noite, em seguida Katherine ligou para seu pai ir buscá-la, ele disse que em meia hora estaria lá, assim que ela desligou o telefone ela chamou Michael para irem, após despedirem-se foram para fora da casa, ele perguntou.

– Seu pai não devia estar aqui? - Katherine respondeu abaixada procurando algo em sua mochila.

– Ele vai demorar uma meia hora, vamos indo, encontraremos ele no caminho. – E Michael perguntou.

– Você não tem medo? – Katherine sorriu, tirando dois pedaços de madeira da mochila e respondeu enquanto tentava encaixá-los.

– Bem eu sou faixa marrom em *karatê*, além de ter feito cursos de defesa pessoal e eu tenho essa minha *katana*, apesar de ser de madeira ela serve muito bem. – Mostrou os pedaços de madeira encaixados e perguntou.

– E você está com medo?

– Bom! Eu sou faixa coral, já fiz dois anos de boxe, acho que nenhum de nós precisa se preocupar. – Respondeu Michael com um sorriso no rosto, foram descendo a rua, conversando...

– Sem querer me intrometer na sua vida, mas, por que você se mudou? – Perguntou Katherine.

– Bem, meu pai é policial, ele foi requisitado em um caso nessa cidade, ele já queria se mudar e pediu logo transferência para cá. – Respondeu Michael, enquanto Katherine continuou com mais perguntas.

– Seu pai é policial?! O meu também... Por acaso o caso que seu pai está investigando o do suposto serial killer?

– Sim. O seu também está nele? – Retrucou Michael.

– Sim, e ao que tudo indica está sendo um caso bem difícil, afinal ele nem pára mais em casa... – Respondeu Katherine. Michael, para que não morresse a conversa, continuou.

– Sabe, eu quero ser um detetive no futuro, até já participei de alguns casos do meu pai no passado, para ter experiência, consegui solucionar um sozinho, nesse caso de agora eu realmente queria ajudá-lo, porém ele não me deixou, pois seria muito perigoso segundo ele, só que estou fazendo a minha investigação, escondido é claro, apesar de não ter tido nenhum avanço, ainda... – Katherine olhou para ele surpresa e admirada, então sorriu e disse.

– Irônico, começo achar que foi o destino que fez com que nos conhecêssemos, afinal eu também quero ser uma detetive no futuro e também já participei de alguns casos do meu pai, solucionei quatro sozinha, talvez possamos nos ajudar, o que você acha? – Michael a olhou com grande surpresa, disse-lhe.

– É claro, afinal duas cabeças funcionam melhor que uma, não é? – Naquele momento ambos ficaram parados apenas olhando um para o outro até que Katherine pegou a mão de Michael e disse.

– Vem comigo, eu quero de mostrar um lugar... – Katherine começou a correr levando Michael junto em meio a algumas árvores que existiam ali, após a passagem, um lugar incrível se apresentou, era um lago límpido que refletia a luz do luar, das estrelas, o que aumentava ainda mais a beleza do lugar, por ser iluminado apenas pela luz da lua e rodeado por árvores, Katherine e Michael estavam em um terreno um pouco mais elevado e lá se sentaram. Enquanto Michael, admirado falou.

– Uau. Isso é incrível e lindo. E tão bem escondido, como você sabia sobre ele? – Terminou perguntando.

– Quando eu era pequena, eu tinha uma amiga de infância seu nome era Lorrow, nós sempre brincávamos aqui, até que a mãe dela morreu, ela ficou muito deprimida, pouco tempo depois tive que me mudar, quando eu voltei... – Antes que Katherine termine, Michael percebeu as lágrimas escorrendo em seu rosto. – Bem, quando eu voltei, eu descobri que após a morte da mãe, ela começou a sofrer abusos do pai. Ela se matou duas semanas antes de eu voltar para cá, surpreendentemente eu voltei a morar ao lado da casa dela, pelo que eu sabia ela não tinha se mudado, a primeira coisa que fiz, foi ir até a casa dela, porém quando cheguei, encontrei o pai dela morto e ela na banheira com os seus pulsos cortados, aquilo doeu muito, seis meses depois, aqui estamos... – Michael não sabia como reagir, mas, mesmo assim, se levantou e estendeu sua mão para Katherine, que a apertou firmemente e tentou se levantar, mas enquanto levantava, ela escorregou e em uma tentativa falha de manter-se em pé, ela o puxou, carregando-o em direção ao chão, os dois rolaram em direção à beira do lago, ao pararem, em frente ao lago, Michael acabou ficando por cima de Katherine ao levantar sua cabeça, seus olhares se cruzaram, à medida que aproximavam seus rostos suas respirações aceleravam, ficaram corados até que...

– Uhum... – Ambos viraram seus olhares para cima para ver quem era e.

– Pai! – Exclamou Katherine...

– Pai? – Perguntou Michael assustado, Katherine empurra Michael, tirando-o de cima dela.

– Então é esse o rapaz que eu terei que deixar em casa? – Perguntou o pai de Katherine, enquanto Katherine e Michael gaguejavam algo que era impossível de ser compreendido, o pai de Katherine se se aproximou de Michael e perguntou.

– Qual o seu nome rapaz? –

Michael, senhor, é um prazer conhecê-lo. – Respondeu Michael enquanto suava frio...

– Pois bem vamos logo! – Todos os três foram em direção ao carro, ao entrar clima ficou bem pesado acompanhado por um grande silêncio; Na casa de Lisa, após a saída de Katherine e Michael, Ana, Lisa

e Ezequiel decidiram ir dormir, Ezequiel dirigia-se para sua casa, quando Ana pediu.

– Ezequiel, não teria como você dormir aqui com a gente hoje? Afinal os pais da Lisa vão demorar para chegar, e seria bom ter um homem aqui conosco certo Lisa? – Lisa apenas disse.

-Vocês que sabem, mas tem lugar aqui em casa caso queira. – Ezequiel concordou, os três foram dormir, Ana e Lisa em um quarto, Ezequiel em outro que ficava do outro lado da casa.

No meio da noite Ana assegurou-se que Lisa estava dormindo, foi em direção ao quarto de Ezequiel, viu que ele estava acordado e lentamente retirou seu roupão, mostrando seu corpo nu.

Lisa estava prestes a mergulhar de vez no desespero, quando acordou com um barulho que saía de seu guarda-roupa. Ao perceber que Ana não estava no quarto, deduziu que o barulho fosse ela tentando assustá-la. Quando a porta de seu guarda-roupa abriu, mostrou uma figura preta que foi lentamente em direção à porta, Lisa começou a ficar ofegante, a suar, ela tentava gritar, mas não conseguia, a figura negra trancou a porta do quarto, Lisa gritou com todas as suas forças, mas ninguém a escutou, ela foi em direção ao canto do quarto, a sombra foi em sua direção, puxando seu pé e mostrando uma faca, Lisa naquele momento só se debatia, gritando por socorro, mas ninguém era capaz de ouvi-la.

– Ana?! – Suspirou Lisa, se afundando cada vez mais no desespero e terror, até que a sombra enfiou-lhe a faca no peito, ela soltou um último grito muito mais alto e estridente, Ana e Ezequiel puderam ouvi-la. Infelizmente, tarde demais.

Foi então que Ezequiel chamou por Lisa.

– Lisa, está tudo bem? – E sem resposta decidem ir até o quarto, Ezequiel bate à porta e novamente pergunta.

– Lisa, você está aí? Está tudo bem? – Ao não receber resposta e ver que a porta está trancada ele começa a fazer força para tentar abri-la, enquanto Lisa dava seu último suspiro olhando para porta, uma última lágrima escorreu pelo seu rosto.

Após muitas tentativas Ezequiel finalmente consegue abrir, ele se depara com Lisa na cama, coberta por seu próprio sangue e havia um buraco no seu peito, Ana começa a gritar histericamente, até que ele desvia seu olhar para a janela e vê uma figura negra, pronta para

saltar. Ele se aproxima instintivamente, percebe que Ana parou de gritar, ao virar-se, seu olhar segue em direção a porta e vê Ana sendo segurada por outra figura negra que está com uma faca enfiada em sua garganta. Horrorizado, ele tenta correr em direção a figura negra, sente uma dor em seu abdome, vendo então, uma espécie de lança perfurando-o, o que o fez cair de joelhos no chão, dizendo com ar zombeiro.

– Dois? Serio?! É sacanagem...

Na mesma noite, três jovens estavam mortos no mesmo quarto e por pessoas que nem sequer tinham ideia de quem eram...

O que ninguém imaginava, era que essa noite sangrenta estava apenas começando.

Após o pai de Katherine deixar Michael em casa e ir em direção a sua, ele começou a contar algumas coisas para Katherine.

– Katherine, hoje no trabalho, conseguimos capturar o *serial killer*.

– Serio?! E como foi? Ele confessou?

– Descobrimos algo bem pior. – Respondeu o pai de Katherine, ela logo em seguida o questionou.

– Como assim?

– Bem ele não falava direito apenas frases incompletas como "mais, quero mais, preciso de mais", porém uma em especial é ruim, ele disse após perguntarmos se ele confessaria o crime, ele riu e disse "Eu confessar? Nós somos muitos" e começou a gargalhar. – Katherine cochichou.

– Muitos? Então é mais de um..., mas quantos podem ser?

– Exato, nós não temos a mínima ideia de quantos, só que temos uma pista do que fazem com os corações arrancados... – Continuou o pai de Katherine, até ela o interromper.

– Que seria?

– Bem, eles devoram os corações quando chegamos ele estava comendo o de uma mulher morta que estava ao seu lado, isso te sugere alguma coisa? – Perguntou o pai de Katherine e após ela pensar um pouco ela falou.

– Astecas? – E o seu pai em seguida a questionou.

– Astecas? O que os astecas têm a ver?

– Os Astecas acreditavam que ao comer o coração de guerreiros derrotados eles ficariam mais fortes, talvez seja uma espécie de seita que acredita nessas mesmas ideias... – Respondeu Katherine, que foi elogiada pelo pai.

– É faz sentido, como sempre o pensamento rápido, boa garota... – E após um tempo andando com o carro chegaram em casa, mas assim que desceram do carro, o rádio da polícia chamou.

– Cambio, eles atacaram novamente, três vítimas, precisamos de auxílio imediato, estou mandando o endereço. – O pai de Katherine se virou para ela e fala.

– Querida fique dentro de casa eu volto assim que puder tranque as portas ok?! Eu te amo! – Logo em seguida ele entrou no carro e ouviu Katherine dizer.

– Eu também te amo, tome cuidado.

– Pode deixar querida! – Disse ele com um sorriso no rosto enquanto saia com o carro, em seguida Katherine entrou, trancou a porta e foi em direção ao quarto, chegando nele pegou o telefone, ligou para Michael.

– Alo, Michael eu tenho algo importante para te contar. – Michael pergunta.

– O que é? – O *serial killer* arranca os corações por causa da crença nas lendas Astecas. – Respondeu Katherine.

– Caramba. Mas como você descobriu? – Perguntou Michael, antes que Katherine conseguisse responder ela ouviu um barulho vindo de fora de casa, foi até a janela, ao puxar a cortina vê uma figura negra parada olhando em sua direção avisa Michael.

– Michael tem alguém do lado de fora da minha casa olhando para minha janela eu vou desligar.

– O que? Como as... – Michael é interrompido até que Katherine ouve um grito ao fundo no telefone, que logo se silencia.

– Michael? MICHAEL? – Katherine sem resposta olha fixamente para o telefone, até que alguém a segura por trás e coloca um pano contra sua boca, ela começa a perder a consciência, mas antes de perdê-la por completo olha em direção a janela e percebe que a sombra não está mais lá, tudo fica negro, sem mais visão, sem mais audição, sem mais tato...

Até que...

Katherine acorda em um salão, ao olhar em volta percebe que está na verdade na escola, ela checa seus bolsos para ver se possui algo, vê que está com um telefone e um papel, escrito:

Ligue para esse número

Ao ligar o celular, percebe que já há um número ela liga, uma voz masculina atende e fala.

– Olá Katherine, vamos brincar? Eu peguei o seu amigo, ele está em algum lugar do colégio, as regras são as seguintes, se você o encontrar eu não acabo com a escola mas se você não o achar em uma hora eu a acabo com você dentro. Que tal? Não parece legal?

– Seu maníaco filho da p#@$, eu vou matar você. – Retrucou Katherine, e o homem falou.

– Ah não fique brava, olha! Eu vou te contar algo que deveria ser surpresa ok? Há vários ritualistas que querem o seu coraçãozinho, aliás não só o seu, o do seu amigo também, então se ele for morto é boom na escola ok, então, tchau, boa sorte saiba que eu estou torcendo por você!

Katherine irada, lança o telefone ao chão, quebrando-o, começa a correr, os sons dos pés contra o chão ecoam pelos corredores silenciosos do colégio, entrando em cada curva com esperança dar de cara com Michael, até o momento que ela virou em um corredor e ouviu um grito estridente ecoando pelos corredores, seu único pensamento foi.

– Não! Não me diga que foi ele, por favor não! – então os autofalantes da escola começaram a fazer barulho.

– Está me ouvindo Kathy, eu decidi mudar as regras afinal você está cercada, eu quero ver se você consegue sair dessa, a regra agora é fuja e sobreviva até conseguir sair, então novamente boa sorte e saiba que eu estou torcendo por você. – Katherine não aguenta mais e grita.

– Seu pedaço de mer$#, eu vou encontrar você e depois vou matar você seu desgraçado de mer$#. – Com o grito de Katherine todos sabiam onde ela estava e correram atrás dela, e ela pode ouvi-los claramente, novamente começou a fuga por sua vida, até o momento

que ela entrou em uma sala de aula, nela Katherine entra em um dos armários, alguém abre a porta da sala, Katherine consegue ouvi-lo, era uma voz masculina que cantarolava.

– Kathy vamos brincar! Não há como escapar, eu vou pegar o seu coração… – Durante alguns segundos a sala ficou em silêncio, ele passou em frente ao armário, Katherine percebe que ele não usava máscara, pode ver seu rosto, o silêncio na sala foi quebrado por um grito. – DEVORAAAAAAAAAAAAAAAARR! – Ele abriu o armário rapidamente, encarando Katherine, um sorriso psicótico se desenhou em seu rosto que foi quebrado com as palavras. – Encontrei você! – Ao terminar a frase, ele agarrou os cabelos de Katherine, lançou-a contra as carteiras, por um momento ela ficou sem ar, mas assim que recuperou o fôlego pegou uma cadeira, lançou contra o homem, acertando-o, derrubando-o no chão, Katherine correu em direção à porta, porém o homem se virou, passou uma faca em seu tornozelo, mas isso não a impediu de continuar correndo, novamente Katherine estava no corredor, foi em direção ao final e ao se virar ela viu uma pá, pegou-a e desferiu um golpe na cabeça do homem, matando-o. Mas alguém a agarra pelas costas e em um rápido movimento desliza uma faca pelo pescoço de Katherine cortando-a, o sangue escorre, ela colocou sua mão sobre a ferida e desesperadamente se arrastava pelo chão, até que ouve os alto-falantes da escola novamente.

– Ah! Que pena! Eu estava torcendo por você Katherine você me decepcionou! Parabéns, campeão! Agora mostre a sua cara para que ela saiba quem a matou, meu filho…

– Ao terminar a frase ele gargalhou insanamente, enquanto o homem tirava sua máscara, Katherine virou-se, espantada gritou.

– Não! Você não! Não pode ser você.

– Desculpe querida, mas saiba que eu sempre te amarei.

– Disse o pai de Katherine, ele então levantou a faca direcionando ao peito dela, mas antes de atingi-la, seu peito é perfurado por um cabo de vassoura quebrado, ele caiu, revelando Michael, Katherine estava perdendo a consciência e antes que ela percebesse, já não sentia mais nada e a última coisa que ela ouviu foi:

– Não me deixe, Katherine ainda não, estamos quase lá. Katherine! KATHERINE!

– *Carlos Joaquim Noronha M. Junior e Laura C. Severo.*

Acabou o mundo

Era mais um dia normal, como sempre, acordei atrasado, mal consegui tomar meu café e já fui surpreendido com um estrondo fortíssimo, foi arremessado tudo aos ares, enquanto tentava me defender dos escombros, gritei chamando minha mãe.

Ela sai do quarto aflita sem saber o que estava acontecendo, desmaio em meio a tanto terror.

Muitos gritos são ouvidos, de repente o silêncio repentino surgi, apesar de estar inconsciente, via a silhueta de minha mãe, chorando e abraçando-me.

Meio atônito, sem saber o que acontecia fui até a janela, vi uma cratera onde antes eu andava de bicicleta, havia carros, muitas casas destruídas, fogo e pessoas em pânico.

Sobrevivemos aos escombros durante alguns dias, presos dentro de casa, havia comida suficiente para alguns dias. A escassez era clara então resolvemos sair de casa e ir atrás de algum alimento. Tudo lá fora estava transformado, praças e prédios agora foram engolidos pelo caos.

O planeta resolveu expor todo seu poder destrutivo, tsunamis, terremotos e furacões vieram tudo de uma vez, eu e minha mãe estávamos num lugar muito exposto, não havia o que fazer, resolvemos apenas ficar juntos e aguardar o pior, o que não demorou muito, uma onda gigantesca assolou a cidade naquele momento nós abraçamos, rezamos, choramos, aquele momento era o fim do mundo, fim do nosso mundo.

– *Gabriel Freitas e Vinicius Antunes.*

Quero brincar

Amigos universitários decidem em, um final de semana, se divertir e relaxar em um antigo sítio de um dos amigos. Já fazia tempo que seus avós haviam morrido, deixaram de herança para seu único neto o maravilhoso sítio, mas como ele estudava em outra cidade e seus pais moravam em um estado distante, o sítio só era usado em festas de final de ano ou em raras ocasiões.

Ao chegar ao sítio decidiram ir tomar banho no enorme lago que se encontrava no centro do terreno. Colocaram seus trajes de banho e correram para as margens do lago, molharam seus pés e sem perder tempo, tomaram um banho relaxante. Após uma tarde cheia de brincadeiras e livre de qualquer preocupação, eles decidiram ter mais um momento em grupo, sentados à beira da fogueira, dispostos a contar as histórias macabras.

Ao anoitecer a fogueira foi feita, junto a ela estavam todos sendo aquecidos pelo calor da fogueira, quando Carlos, o dono do sítio, decidiu contar uma história que segundo ele aconteceu ali mesmo, há muitos anos atrás.

Como vocês já sabem, meus avós moravam aqui, quando eu era pequeno, vinha todos os anos passar minhas férias aqui e me divertir com meus primos. Certo dia, estávamos brincando de esconde-esconde entre as árvores, vimos um menino sentado diante do lago, corremos até ele para ver quem era ao chegarmos perto, pudemos ver que ele parecia triste, como éramos crianças inocentes, convidamos para brincar conosco. Após brincarmos o dia todo, nossa avó nos chamou para fazer um lanche, nós o convidamos, mas ele desapareceu. Quando já estávamos dispostos à mesa, esperando nosso lanche, decidimos contar a nossa avó sobre o surgimento do menino. Ela ficou incomodada com a história começou a questionar, entre tantas perguntas surgiu a dúvida sobre as características do menino, meu primo o descreveu com olhos verdes, pele clara, cabelo loiro, e quanto mais ele contava, mais assustada minha avó ficava. Eu passei a ficar preocupado pois jamais havia visto minha vó com aquela expressão, então decidi pedir a ela o motivo da enorme perplexidade. Ela falou:

Quando eu era jovem e tinha recém-casado com seu avô, nós nos mudamos para essa casa, ela era uma das mais baratas dentre as outras que havíamos procurado, não entendíamos o motivo de um valor tão baixo para uma casa tão grande. Descobrimos que aqui morava uma família, o pai, a mãe e um único filho. O pai trabalhava no comércio da cidade, em seu tempo livre gostava de nadar no lago da casa mas em um fim de tarde, um calor insuportável fez com que o pai do menino fosse nadar, seu filho o observava, mas algo estranho aconteceu, seu pai estava imóvel, flutuando sob a água, a morte visitou aquela família. Ele passou dias sentado à beira do lago, esperando seu pai voltar. Dizem que até hoje o menino espera seu pai e pode-se ouvir o barulho das pedrinhas quicando na água, brincadeira que pai e filho compartilhavam.

Todos estavam horrorizados, escutaram um barulho na água do lago, em instantes todos correram para dentro da casa ao entrarem, Leila pergunta:

Será que o menino voltou?

A fogueira se apaga sozinha e uma sombra surge na janela.

– Ana Paula Jenzura e Yasmin Luara.

A Floresta Amaldiçoada

Na floresta ao leste da cidade de Corupá, existe uma lenda, o Corpo Seco. Antigamente, nessa região, vivia uma mãe e um filho que era muito insensível. Ele deixava sua mãe presa dentro de casa sem comida, um dia ele a matou e cometeu suicídio. Ele voltou a vida em forma de um corpo deformado, todo seco e condenado a viver naquela floresta.

– Você não tem coragem. (Fala Patrick).

– Eu tenho, e eu topo o desafio. (Fala Amanda).

– Não sei se deveríamos fazer isso. (Fala Gui).

– Minha mãe não vai deixa eu ir. Vou ter que sair sem ela perceber. (Fala Yago).

– *Ok,* gente! Hoje a meia-noite todos em frente a floresta do Corpo-Seco. Quero ver mesmo se é assombrada. (Diz Patrick).

A noite está fria e nublada e todos se encontram no local e hora combinada.

– Estou com muito medo. (Diz Gui).

– Para de se frouxo, Guilherme. (Diz Amanda).

– Vamos logo gente antes que minha mãe perceba que não estou em casa. (Diz Yago).

– Todos preparados? (Fala Patrick).

Eles fazem sinal de positivo e entram na floresta. Amanda vai na frente seguida por Patrick, Gui e Yago. A floresta está fria e há muito. Eles andam sem medo pela mata.

– Gente, tem alguém nos observando. (Diz Gui).

Todos dizem para ele não ter medo. Ao longo do "passeio" Yago fica cansado e todos resolvem parar para descansar. Foi quando a floresta ficou ainda mais fria, os galhos ficaram secos. De repente ouvem um barulho metálico, vindo de uma moita, deparam-se com um monstro. Eles ficam arrepiados, paralisados por um momento. Todos saíram correndo sem olhar para trás. Quando chegaram no lado de fora da floresta, notam que Patrick não está com eles. Guilherme começa a chorar e tremer de medo.

– Yago, fica aqui com o Gui que eu vou atrás do Patrick. (Fala Amanda).

Amanda entra na mata e depois de um tempo andando encontra um corpo seco, deformado com a cabeça degolada. Sai correndo ao se virar se, depara-se com a cabeça de Patrick presa a uma árvore.

– Felipe Jacobi Kamchem e Guilherme Henrique Eggers.

Sofia

Capítulo 1 – Os acontecimentos

Eu estava muito concentrado arrumando a mesa do jantar, receberia minha melhor amiga Sofia, que me ligou aflita no mesmo instante, com o mesmo papo de sempre:

– Dudu! Preciso de sua ajuda! Tem alguém me perseguindo!

E blá, blá, blá, já estava acostumado. Sofia sofria de um certo tipo de problema neurológico, o que faz com que todos em sua volta se afastem, mas isso não importa, ela que faz os meus dias mais felizes, com ou sem esses surtos diários.

Tentando amenizar um pouco a situação, digo palavras de consolo, logo ela estaria em minha companhia.

Ela ainda, com a voz um pouco abalada, diz que em alguns minutos o ônibus partiria. A ligação cai, e tudo o que me resta é esperar ansiosamente pelo seu encontro.

Estava tudo preparado para sua chegada, deito-me no sofá e acabo pegando no sono. Já era madrugada, o celular toca com um barulho estridente, era o número de Sofia me ligando, atendo, e escuto sussurros que me deixam apreensivos...

Capítulo 2 – A investigação

Dois meses após a morte de Sofia, decido que não mais viver assim, preciso de respostas, com isso em mente dou início a uma investigação, pois necessito de justiça, tento, então imaginar o porquê alguém faria algo assim.

Decidido, vou atrás de um oficial que me conta tudo o que descobriram sobre aquela noite, Sofia foi assassinada. Segundo ele, a arma utilizada para o crime foi um cano de chumbo, foi impossível coletar digitais, havia muito sangue de Sofia, ele também contou que o celular dela havia sido roubado.

Com todas essas informações em mente, fui ao local à procura de alguma pista. Chegando lá, me dirijo até o responsável pelas câmeras do terminal, seria difícil, pois já havia passado dois meses, e por fim, consegui ver apenas algumas imagens: o criminoso usava um boné vermelho, com a aba tapando seu rosto, não me era estranho, conhecia aquele boné de algum lugar.

Na volta pra casa, andei pensativo, até mesmo o jeito de andar do criminoso me parecia familiar, porém não conseguia reconhecer

quem era. Sabia que estava perto de respostas, porém alguma coisa estava errada, o que havia acontecido não fazia sentido algum. Eu sei que a única maneira de continuar a investigação era seguindo as pistas, e no momento a única que eu tinha era o celular de Sofia, que havia sido roubado. Já em casa decido ligar, mas como esperado, não deu em nada.

Capítulo 3 – A revelação

Essa história toda estava me deixando paranoico, sabia que descobrir ou não o assassino, não traria Sofia de volta, decido que o melhor a fazer, no momento, era esquecer tudo isso. Tinha que seguir minha vida e sabia que não seria possível em Jaraguá do Sul.

Recebi uma proposta de emprego em outra cidade, decido me mudar. Querendo fazer isso o quanto antes, começo a empacotar minhas coisas, no meio de tanta bagunça, acho uma mochila preta no fundo do guarda-roupa, estava cheio de poeira.

Curioso, porém aflito, abro a mochila e lembranças me vem à mente: imagens horríveis passam pela minha cabeça, o celular de Sofia e o boné vermelho estavam lá. Finalmente descobri quem havia matado Sofia, como não havia encontrado essa mochila antes? Estava desesperado, não pode ser!

Eu era o assassino!

– Thais Luana Les e Gaye Gabriela Reinke.

O Perigo Está Por Perto

Roberto decide mudar de cidade alguns meses após sua mulher falecer. Consegue comprar uma casa barata e meio velha no interior, assim ninguém o incomodaria e haveria apenas silêncio. Há apenas uma vizinha, Sara. Ela morava com sua filha, que desapareceu há mais de dois anos, desde então não havia notícia alguma sobre ela. Um dia após a mudança, ele decidiu se apresentar a Sara. Roberto não

é uma pessoa muito sociável, principalmente depois da morte de sua esposa; toca a campainha, depois de um tempo ela abre a porta:

– Olá, me chamo Roberto. Mudei-me para cá ontem, decidi me apresentar a você! – ele estende a mão para cumprimentá-la, mas ela fica apenas olhando.

– Não posso conversar agora, estou ocupada. Venha outra hora.

– Desculpe inco… – ela fecha a porta. Ele não diz nada, e volta para casa.

Quase quatro horas da manhã, Roberto ouve barulhos estranhos. Percebe que estão vindo de fora. Levanta-se e olha pela janela. Nada encontra, apenas as luzes da casa de Sara acesas. Ele acha meio estranho, mas volta a dormir. No outro dia, no mesmo horário, a mesma coisa acontece. Ele decide ir até a casa de Sara. Escondido, tenta olhar por entre as janelas para descobrir algo, mas o que ele não espera é vê-la na janela.

– O que você está fazendo aqui? – ela grita com raiva. – Isso é invasão de privacidade. Vá cuidar da sua vida antes que eu chame a polícia! Saia daqui.

Ele fica desconcertado, precisa saber o que acontece dentro daquela casa. Talvez Sara esteja escondendo algo! De um jeito ou de outro, ele descobriria.

Uma semana se passa e as coisas ficam mais calmas. Os barulhos diminuíram. Roberto decide trabalhar em casa, pois está meio doente. Através da janela, ele vê Sara saindo de carro.

A oportunidade perfeita! Espera um pouco e vai até a casa dela. Tenta entrar mas não consegue. As portas estão muito bem trancadas e as janelas agora estão reforçadas com madeira. Olha para cima e a única coisa que resta é a chaminé. Ele não vai desistir, mas precisa ser rápido. Vai até sua casa, pega a escada, quando volta ele a posiciona de frente para a chaminé. Enquanto sobe os degraus, sente-se meio tonto, mas continua. Chegando ao telhado, dá cinco passos calmamente até a chaminé. Entra e cai dentro da casa de Sara, agora todo arranhado por conta da difícil passagem.

Levanta-se dolorido e começa a olhar a casa. Tão estranha. Há alguns desenhos na parede, de uma família feliz, provavelmente quem fez foi a filha de Sara, ele pensa. Entra em todos os quartos, banheiros, cozinha, olha de relance para tudo. Aí lembra que esqueceu de olhar

algo… o porão. Mas quando está perto da porta, ouve um barulho. É Sara estacionando o carro. Ele não sabe o que fazer e fica desesperado. Corre para o quarto de Sofia (filha de Sara) e se esconde embaixo da cama, rezando para que ela não o perceba ali.

Ele se lembra de um pequeno detalhe: a escada está em frente a casa e bem visível. Não dá tempo de fugir nem de fazer nada, apenas esperar para ver o que acontece. Sara entra, vai à cozinha e começa a guardar as compras. Arruma a casa e uma hora depois vai "tomar banho". Roberto já está cansado de ficar embaixo daquela cama empoeirada e decide tentar sair sem Sara perceber. Ele se arrasta para fora do quarto e olha em todos os lugares para ver se não há nada suspeito. Tudo checado. Quando vai abrir a porta para finalmente sair da casa, Sara aparece atrás dele, com um machado! Tenta atacá-lo, mas ele consegue ser mais ágil e se esquiva. Sai correndo pela casa, sem direção, e Sara vai atrás dele. Não há para onde ir, ela o achará. Agacha-se atrás de um cômodo e para pra pensar no que fazer, mas não tem muito tempo. Sente algo o atingir na cabeça e desmaia na hora.

Acorda em um lugar fechado e escuro, sem lembrar o que aconteceu anteriormente. Sua cabeça agora lateja de dor, mas uma dor extremamente forte que piora. Com a visão um pouco embaçada, tenta descobrir onde está. De repente, uma luz acende. Ele olha para todos os lados, confuso, mas não vê ninguém. Sua visão fica preta novamente e em questão de segundos a luz é acesa de novo. E o que ele vê agora, em sua frente… em hipótese alguma ele esquecerá.

– Isadora Cristina Poffo Donath.

Memoriais Literários

Lembranças de minha infância

Dezembro cheirava a férias, casa de vó e Natal, meus melhores momentos. Passava meus dias com uma amiga que morava na casa ao lado, tardes e tardes sentadas na rede de balanço, onde usávamos nossa imaginação, em um momento estávamos viajando em um avião, o coração disparava a cada balanço e os cabelos ficavam ao vento.

Já cansadas de estarmos nas nuvens, nós nos imaginávamos em um barco em que vivíamos muitas aventuras, fugíamos de tubarões e ondas gigantes, nesse momento o desespero nos dominava, depois de vencermos os tubarões, a rede de balanço virava um palco.

Nesse palco, cantávamos nossas músicas favoritas, fazíamos disputas de quem lembrava primeiro a música que começava com determinada palavra, mas nunca houve um ganhador, pois para uma criança o importante não era ganhar ou perder, era apenas viver o momento.

Começava a anoitecer, não sabia o que brilhava mais, os vaga-lumes, a luz da lua ou nossos olhos encantados com a noite, o vento gelado e o barulho dos grilos indicavam que era hora de entrar, tomar um banho quente e descansar.

De manhã eu acordava tomava meu café pegava minha rede de balanço e corria para a janela chamar minha amiga. Sentadas na rede nós observávamos o céu nublado, mas não ficávamos tristes, nos víamos alegres os pingos de chuva que tocavam a estrada de terra, a poeira subia e assim apreciávamos o cheiro da terra molhada.

A chuva cessava, e o sorriso de orelha a orelha aparecia, pulávamos da rede e descalças corríamos até a valeta em frente a casa. Devagar colocávamos um pé de cada vez naquela valeta, o barro gelado fazia com que eu me arrepiasse, mas não importava, pois a sensação era maravilhosa e logo eu me acostumava. Ali passávamos horas brincando, e quando o dia terminava nós saíamos com barro dos pés ao joelho e das mãos até os cotovelos, com um enorme sorriso no rosto.

— Bianca Marques.

Alomorfia

Foi ao olhar, por uma última vez a casa amarela, onde fora o cenário de minha infância tão amada, que me senti profundamente insignificante. Deixando meu berço paulistano e indo em direção ao fim de vale, conhecido como Jaraguá do Sul, que deparei-me com os melhores ou piores anos de minha existência. Não tive pais divorciados, nem passei necessidade como o frio e a fome, muito menos entes queridos que se foram mas com o tempo a gente percebe que todos os problemas possuem algo em comum, eles nos marcam e é uma dor que nem sempre todos vão entender. Dor é dor, independente da intensidade.

A vida que levava em São Paulo era uma correria gostosa e o tempo era precioso para nós, passava as manhãs ajudando meus pais no escritório, e durante a tarde ia para o colégio que estudei por 7 anos. Era uma rotina monótona comparada à de qualquer paulistano mas que atualmente me faz uma falta incompreensível. Lembro de como era apegada aos meus pais e o valor inestimável que minha família tinha, a maneira que meu pai me olhava com ternura e orgulho, como o laço afetivo com minha mãe era forte e a maneira que me sentia refugiada perto dela, de modo que seus conselhos e abraços eram iguais a uma fortaleza.

Quando finalmente me deparei estava vivendo uma nova rotina, com hábitos diferentes, padocas que mais pareciam a casa de minha vó e pessoas tão vazias, brotou-se um caos dentro de mim, e aos 12 anos tudo que tinha certeza passou a ser uma constante dúvida. A solidão que se instalou em meu peito, durante os primeiros meses que morei no sul, era um pólen germinando, com o tempo a incerteza entre ser feliz fazendo o errado e ser infeliz fazendo o certo, tornou-se a desculpa para todos os erros que vim a cometer. A raiva e o ódio de terem me roubado um futuro inteiro planejado, transformou-se primeiro em um isolamento, era como se tirassem de meu caminho e me fizessem refazê-lo em outro ponto muito mais distante, anos de amizades e esforços para serem retirados de mim em um estralo. Não me abria com mais ninguém, meus pais se tornaram o principal alvo de tudo, me

afastei por completo de minha mãe e como ela trabalhava fora era mais fácil ainda jogar a culpa em sua ausência.

Com o tempo o egoísmo me dominou e por diversas vezes fui o motivo das lágrimas de minha mãe, e até mesmo de meu pai. Achava que "viver o momento" era um dilema de pessoas extraordinárias, mas, na verdade, a mentira é um vício e quando abusamos demais de seu uso perdemos a noção de que nossas ações afetam por demais a vida daqueles que estão ao nosso redor, principalmente dos que nos amam. Esse sentimento egoísta que transbordava dentro de mim fazia com que nada me comovesse, era apenas eu e tudo que me contrariasse era discórdia.

No terceiro ano, sentia apenas um vazio e a pressão do efeito de toda a maldade que havia feito, das palavras que foram ditas ou deixei de dizer, de minhas atitudes fúteis e egocêntricas, meu orgulho foi vilão de uma história em que era uma vitória certeira. A todo momento a culpa me rondava, por todos os lados e o sufoco que ela me causava se dissolvia em gotas entristecidas que insistiam em aparecer ao deitar em minha cama, trazendo uma angústia que desamparava os meus dias era a sombra infeliz de meus sorrisos falsos, imperceptíveis aos olhares de quem não decifrava um olhar. O nó que se propagava em minha garganta era o entalar das vozes que nunca disse e de todas as mágoas que insisti em guardar, esse mesmo nó foi o que quase me enforcou.

Minha redenção foi ter, no meio de tanta escuridão, encontrado um anjo, que me fez pagar com a própria moeda, tudo que havia renegado por anos. Amando que aprendi a sentir novamente e de saber ter empatia pelos outros, sou a prova de que a lei do retorno tarda mas não falha. O rastro de destruição que deixei por onde passei veio á tona e hoje sinto na pele o quão difícil é recuperar aquilo que já nascemos ganhando. Confiança é a base de qualquer relação, ela é como uma lapide de cristal, que em um simples descuidado pode quebrar e deixar feridas irreparáveis. Passamos tanto tempo nos culpando pelos erros que cometemos no passado, e acabamos por esquecer de aproveitar a oportunidade que nos é concebida, de sermos alguém melhor HOJE.

– Victoria Sayuri.

Memorial de Ana Carolina Tafner

É como se nada disso fosse real, como se tudo fosse realmente apenas um simples conto de fada. Mas não, as pessoas nasceram para errar, acertar, chorar, perder, sorrir, e analisar tudo o que se passou, perceber se valeu a pena.

Dia 8 de outubro de 2015 meu coração estava acelerado, não sabia para onde estavam me levando. Lembro-me que a companhia tocou, minha prima atendeu, pude ver o carro pela janela do meu quarto, ele tinha um adesivo da prefeitura e não sabia o que significava. Minha madrinha bateu e entrou no meu quarto, uma expressão de susto, seu rosto avermelhado, achei que tinha acabado de chorar. Não sabia o que estava acontecendo, fiquei nervosa. Pude ouvir aquelas pessoas falando de mim como se já me conhecessem há muito tempo.

Minha madrinha mandou eu arrumar as coisas e não esquecer nada. Perguntei para onde iria, ela respondeu: — Para um lugar diferente de todos os lugares que você já passou.

Entrei dentro do carro assustada, todos abanavam as mãos, um Adeus! Sabia que era a última vez que os a viria, senti que todos estavam diferentes, de um jeito único, que nunca os tinha visto assim. Fiquei muda a viagem toda, na verdade em pânico. Chegamos a uma casa enorme. Pensei, por um momento, que estavam me levando para um reformatório ou algo semelhante. Um homem grande, usando uma roupa de guarda, ele pegou minhas coisas e fui encaminhada para outras pessoas, havia um crachá escrito cuidadora, diferente das que me buscaram.

A porta abriu eu vi crianças e adolescentes. Não vi seus pais juntos, tendo assim uma certeza de que estavam, sem família, pais, irmãos, apenas ali parados e olhando para mim. Uma garota linda, que aparentava ser querida me abraçou e falou: — Bem-vinda, aqui é o abrigo Tifa Martins.

Emocionei-me, pois sabia que um abrigo era para pessoas que não possuíam lar, aquilo seria como uma "casa de passagem". Estava com medo por que talvez não existisse a possibilidade de ter minha família novamente.

Por fim, pude ver que a vida nem sempre é como queremos, achei que poderia fazer o que quisesse. Fumar, beber, ser livre sem precisar de regras e responsabilidade. Senti-me tão mau comigo mesmo, por achar que dinheiro era tudo, que não precisava de amigos. Aqueles que eu realmente precisava joguei fora, porque orgulho era o que tinha.

Com o tempo minha vida foi mudando, muitas coisas aconteceram, aprendi muito valorizei aqueles que eu desprezei, luto todos os dias para me tornar melhor e para preencher meu rosto com o sorriso que havia perdido.

— Ana Carolina Tafner.

Meu Passado

Um dia normal, ensolarado, no período da tarde, eu ia à casa do meu amigo, contente, pois a gente ia jogar bola. Campinho de barro, chutava a bola e fazia a poeira se levantar. O sol quente brilhava no céu. Até o tempo passava desapercebido. A gente ficava triste quando chegava a noite — tinha que parar de jogar —, mas sabia que no outro dia a gente voltava para o campo e a infância se preencheria de sorrisos!.

— Paulo Sergio Sbardelati Junior.

A Música da Minha Infância

Era manhã, de um dia que não recordo. Mais uma manhã comum, de uma vida comum. Uma manhã predestinada à escola.

As horas passam com a velocidade equivalente ao trem da cidade, quando se está atrasado, lento como a digestão de um alimento

ingerido à noite. Após soar o sinal avisando que a aula havia acabado, desço as escadas rumo à saída, tudo na rotina de sempre, eis que sinto uma vibração em minha mochila, é meu celular, cantando a sua música inconfundível, anunciando que me telefonam.

Pego o aparelho, é meu pai, dizendo que demoraria a chegar. Eu nem queria ir embora, estava em companhia agradável a dos meus amigos. Logo sento-me ao lado deles, começamos a conversar, de repente surge o cara que mudaria minha vida para sempre. Sabendo que sou grande fã de música, ele decide me mostrar algo que havia me prometido, algo novo.

Ao chegar tira o celular do bolso rapidamente, o que indica que estava ansioso para me apresentar ao seu estilo de música. Ao dar o *play*, me deparo com uma leve melodia, uma levada diferente de tudo que eu já ouvira até o momento. Primeiro a guitarra tocava sozinha, anunciando que algo viria, seguido de uma linha de baixo muito bem colocada e algumas marcações feitas pela bateria. Então todos entram, a guitarra continua com seu *riff* desde o início, surge a voz. No começo não sabia o que significava, porém sua toada me fez abrir um sorriso que me fez lembrar de quando era criança, tempo em que tudo era fresco como o límpido azul do céu.

A música me marcou, marcou o início de uma nova pessoa, novos sonhos e objetivos, desejei levar às pessoas o mesmo sentimento que aquela música havia despertado em mim.

Após três anos estudando-a, ouvindo-a, sinto que estou mais próximo do objetivo que surgiu naquele dia, o dia em que eu encontrei respostas às perguntas que fazia, o dia em que minha existência fez sentido.

– William Perdiz Teixeira.

Meu Anjo

Terça-feira, 10 de Janeiro de 2012, encostada na janela de meu quarto, observava a fumaça que saia do calorão do asfalto, os pássaros cantando naquele sombreiro grande em frente ao meu quarto. Meu coração batia diferente naquele dia, minhas mãos suavam sem parar e minhas pernas tremiam.

O telefone tocou, era minha mãe, uma voz diferente, trêmula, ofegante. Disse que uma bactéria não permitiria que ela saísse do hospital, e não poderia ter contato comigo nem com meu irmão. Rapidamente fui correndo tomar banho, dei banho em meu irmão, a água não conseguia tirar a angustia que apertava meu coração, ele pulava, palpitava tão rápido que meus pensamentos iam longe, o que aconteceria com minha mãe? Estávamos prontos, olhando pela janela imaginava o olhar dela, seu toque, meu pai chegou, e saímos rapidamente, olhamos para casa de minha avó, a casa estava cheia de gente, todos estavam ali, e havia tristeza saindo pelo ar, meu pai chamou, entrei no carro, ele beija-me, havia um olhar triste, fomos almoçar. Parecia que havia algo errado, um frio na barriga, um sentimento de desespero.

Terminamos o almoço, meu pai passou em uma farmácia e disse que compraria um remédio, tomei sem reclamar, o gosto era bom, bem docinho, ao ler, vi que era um calmante, a embalagem era azul. Meu pai começou a falar que meu avô estava muito doente, nesse momento o seu olhar de tristeza falava mais alto, as lágrimas não se contiveram, começaram a rolar sobre meu rosto, meu avô havia falecido. Minha mãe não conseguiu me revelar o motivo de sua ausência, preferiu dizer que estava doente, mas o anjo que estava ao lado de Deus naquele momento era meu avô!

– Emilly Caroline dos Santos Pereira.

Fragmentos Perdidos

Em mais um dia entre bilhões do nosso planeta, lá estava eu, com minha humilde existência nesse infinito universo.

Numa clareira rodeada de árvores, havia uma pedra entre um rio, sobre ela um menino colocado a perceber e se conectar ao mundo a seu redor. Sua mente havia esvaziado, sintonizado na correnteza das águas que ali pareciam correr generosamente, sentia a paz de um pássaro que vagava sobre as montanhas sem rumo, e o tempo passava devagar. Num momento que parecia eterno, percebeu sua mão empunhar uma espada sobre uma legião de homens vestidos de branco, confuso e perplexo, mas, ao mesmo tempo, concentrado. Em sua consciência, comandava seus homens sobre uma imponente muralha, sentia em suas veias que era hora de atacar, mas logo em um estralar de dedos, acordou confuso e percebeu que havia lembrado de sua vida passada...

Seus dias nunca mais foram iguais.

— Arthur Emmendoerfer.

Disco Riscado

Era uma sexta-feira, o dia estava ensolarado após uma semana de tempo nublado, mas não era qualquer sexta, era a sexta-feira de acampamento. Um dos dias que eu mais esperava no ano. Era o dia que minha família se reunia para acampar, com a dedicação de todos e a liderança de meu pai, aquilo se tornava algo incrível e viciante. O contato com a natureza, a brisa levemente abafada de um dia muito quente, ou até mesmo o vento gélido de um início de inverno, preenchia meu cenário juntamento uma porção de gados que nos cercavam com um olhar curioso e arisco.

No primeiro dia dos acampamentos acontece a montagem, apenas homens participam, pois é aquele momento em que se ergue as barracas e se limpa o terreno para um fim de semana de diversão.

Porém, nós não fazíamos um simples acampamento, a montagem era muito demorada (muitas vezes levava a sexta-feira inteira), tínhamos que armar a cozinha, os "quartos" e até mesmo a privada.

No segundo dia é a parte que vem a interação das mulheres, elas trazem os detalhes do acampamento. As roupas, os "enfeites" e a comida, mas muita comida mesmo, são com elas. Neste dia também se inicia a diversão com tiros ao alvo, futebol, e até uma das minhas atividades preferidas, o mergulho no rio.

O terreno é cortado por um rio largo, porém de profundidade tolerável, onde em sua margem se encontra uma árvore de altura exuberante, mas não é apenas uma árvore alta, nela está amarrada uma corda onde tem há possibilidade de se jogar no rio. Às vezes paro e penso: "Aquela corda está tanto tempo lá, imagine o tanto de pessoas que já se divertiu nela. E eu sou apenas mais um dentre todas elas".

A noite no acampamento é muito especial. É o momento em que todos se juntam para formar uma fogueira invejável. Muitas vezes com o dobro de meu tamanho, ou até mesmo o triplo. E apenas ao tardar da noite, próximo a madrugada, que ela é acesa e esquenta nossos dedos congelados de um frio cortante e nos ilumina no meio de um pasto vasto e escuro. De baixo dessa fogueira, nós cantamos músicas, viramos cambalhotas e rimos até nos cansar e bater o sono. Nessas horas é que eu me deito no gramado, olho para o céu e começo a viajar no brilho das estrelas, procurando um sentido para nossa existência, imaginando-me tão pequeno em um universo tão vasto e obscuros. E a luz da lua ilumina meus olhos admirados com a dança dos astros nessa imensidão sem fim.

No domingo o dia se torna triste, é o dia em que temos que desmanchar tudo o que fizemos e voltar para nossas casas. Esse momento é o mais chato e cansativo. Mas eu via no olhar de meu pai o sentimento de dever cumprido, de tornar três dias marcados em nosso disco da vida, onde sempre que possível ele gravava algo em nossas mentes.

Hoje, aos 17 anos, percebo que fui muito feliz nesses momentos com minha família. Ano passado meu pai nos deixou, foi um momento que eu não quis acreditar. Minhas pernas bambas não aguentavam esse peso, meu chão tremeu tão forte que parecia que ele iria se dividir. Vi o desespero de minha mãe, a tristeza de todos ao meu redor, mas eu não

demonstrava reação alguma. O que estava acontecendo comigo? Me senti em um pesadelo sem fim, eu só queria acordar e perceber que tudo se tratava apenas de um péssimo sonho. Porém, nada disso aconteceu. Tornei-me o homem da casa e nada que eu fizesse podia mudar isso. Foi o momento em que ergui a cabeça, lembrei da liderança que meu pai tinha e tive que seguir em frente e dar forças a todos.

Todos acham que é o fim de uma era. Acham que acabou o acampamento. Mas é apenas uma nova etapa. Meu pai deixou um legado, deixou um risco em nossos discos, ele não está aqui presente, ele não vai mais tomar a frente das nossas vidas e nos guiar de maneira fácil e acomodada. Mas ele está me guiando lá de cima, onde ele está dançando junto das estrelas que sempre me encantaram, e sei que o disco só parará quando a última música tocar.

– Moacir dos Santos Junior.

Ida

Naquela varanda em 2004, minhas pernas ainda não alcançavam o momento em que meu herói buscava outros mundos, eu, tão inocente e pura, não conseguia entender o que estava se passando, meus pequenos passos não alcançavam o carro que o levava para longe de mim, a tristeza e a angústia era tanta, que da minha boca não saía som, por mais que eu quisesse gritar bem alto, o choro ficou preso em minha garganta.

Eu estava perdida em meio a uma floresta de sentimentos, minhas lágrimas eram constantes, várias coisas se passavam em minha cabeça, coisas que só fui entender nos dias de hoje. Sentia-me perdida, sensação de que não sairia daquele labirinto escuro de sentimentos vazios. Era estranho chegar em casa e não tê-lo lá, não ouvir sua voz, não ter mais seu afeto, não bastava estar sozinha, eu me sentia sozinha, sem ele lá, entrei em uma depressão profunda.

Passava os dias tentando encontrá-lo, isolei-me de tudo, de todos, sentia-me presa em um cômodo escuro, imaginando onde ele estaria, eu estava com medo, não conseguia me encontrar, eu gritava,

ninguém me escutava. Minha maior saudade tem nome e sobrenome, meu porto seguro, meu maior motivo para faltar á escolinha, naquela ida, minha alma se esvaziou e talvez esteja vazia até hoje.

– Camila Ferreira Wintrich.

Senhor Manteiga

Lá estava eu, criança, brincando, todos os dias depois de acordar, tomava café rapidamente e corria pegar meus brinquedos. O **"SENHOR MANTEIGA"**: um bonequinho simples, de plástico, bem flexível, pegava-o e saía correndo para o quintal e começava a imaginar, todos os meus sonhos se tornavam possíveis. Aquele boneco se transformava em avião, barco, carro e super-herói, personagens criados por mim moravam no meu quintal.

Em uma tarde, sentindo o calor do sol e a leve brisa passou por mim uma joaninha lindamente vermelha, suas pintinhas pretas chamavam atenção, logo fingi que ela era uma espaçonave alienígena, iniciou-se uma perseguição. O herói Senhor Manteiga a perseguia com seu superpoder, tornava-se um jato e conseguia voar mais rápido que a velocidade da luz, a pequena espaçonave vermelha tentava contato com o piloto, mas não havia respostas, enquanto isso ela fazia curvas vertiginosas em volta da casa, porém quando me deparei a espaçonave já havia aterrissado em meu braço, sem nenhuma reação rápida fui pego pelo poder de sua beleza que me fez paralisar e deslumbrar suas cores, de repente alçou voo e não consegui mais acompanhá-la, fiquei olhando de longe um pontinho vermelho que aos poucos sumia. Seu poder era tão grande que nunca mais consegui esquecê-la.

– Andrei Spezzia de Souza.

Gota a Gota

Aquela corrida ao banheiro não era comum. Talvez fosse algo que mudasse minha vida, algo que eu fosse lembrar para sempre.

Ao me olhar no espelho com aquela lâmina, senti uma dor muito forte, um ódio incomparável. A cada passada de lâmina em meu braço esquerdo, eram muitas gotas de sangue, lágrimas, gotas de ódio, de dor, que não paravam de escorrer pelo ralo da pia.

Minha vida mudou depois daquele momento, e senti que era para sempre.

Senti uma tristeza imensa após ter me cortado, minha pele ardia, corri para pegar uma folha e caneta, para escrever a última carta. A cada palavra eram litros de lágrimas e sangue. Ao terminar a carta, fui ao banho, sentei-me no chão, deixei a água escorrer em meu corpo, fazendo com que o sangue escorresse também.

Minha vida realmente havia mudado após aquele dia, já não enxergava o mundo com os mesmos olhos.

Passei semanas disfarçando as cicatrizes daquele momento tão marcante em minha vida, para que ninguém as visse.

Sei que a cada corte, a cada carta escrita, me acrescentavam algo, coisas boas e ruins.

Ao me lembrar chorei. Escrevi, lá havia meus sentimentos, pensamentos, dores, tristezas que eu guardava apenas para mim. Havia coisas que eu queria gritar para todos ouvirem, mas não conseguia. Fico feliz por conseguir superar parte dessa triste história, e de conseguir compartilhá-la através das palavras que saem da caneta e de minha alma.

Minhas lágrimas caem, saem e deságuam no papel.

— Airtafae.

Maldito Pânico que Nos Corrói!

Lembro-me como se fosse hoje daquele dia de domingo que tanto marcou a minha vida, os dias já não vinham sendo normais há algum tempo, eu vinha me sentindo estranha, triste, isolada, nada mais parecia fazer sentido. Eu mesma perguntava para o meu eu interior, o que estava acontecendo com os meus sorrisos? Que ultimamente não eram mais expressados pelos meus lábios... O que estava acontecendo com o doce da vida de uma adolescente? Que ultimamente estava se perdendo no amargor dos sentimentos que habitavam os meus dias. E os meus dias então que com o passar do tempo só ficavam mais sombrios e sem sentido? O que havia de errado com tudo isso? Eram perguntas atrás de perguntas, mas infelizmente eu não encontrava nenhuma resposta para todas elas.

Porém, mesmo com tudo isso acontecendo, aquele dia de domingo amanheceu diferente, eu acordei mais disposta, abri as janelas da casa, senti em meu rosto aquela brisa leve de uma manhã de primavera que eu tanto adoro, coloquei um café para passar e fiquei ali apreciando aquele cheirinho de café fresco que me faz tão bem, acordei meus pais, tomamos café juntos e fomos nos arrumar para sair, era uma festa normal de família, primeira comunhão de uma prima minha.

Tudo estava perfeito saí, me diverti, comi, conversei com a minha família, aproveitamos para colocar todo assunto e fofoca em dia; fazia tanto tempo que não nos víamos, estava tudo bem até que do nada algo diferente começou a acontecer dentro de mim, minha expressão se fechou, meu sorriso sumiu dos meus lábios imediatamente, meus batimentos cardíacos aceleraram, meu peito ficou apertado como se algo estivesse me prendendo e novamente nada mais fazia sentindo dentro de mim. O dia que estava lindo, ensolarado não conseguia mais me encantar, o cheirinho de café que a minha tia estava passando já não me fazia sentir bem, as pessoas conversando e rindo ao meu lado começaram a me deixar cada vez pior. Eu não acreditava no que estava acontecendo, o meu dia estava tão bom, eu estava tão feliz ao lado das pessoas que amava, como que de um segundo para o outro tudo isso é capaz de mudar desse jeito? Essa era só mais uma daquelas perguntas sem respostas que eu costumava fazer...

Os minutos foram passando, cada vez mais essa agonia aumentava meus batimentos e o aperto no peito, comecei a tremer, minha voz começou a embargar, parecia que o meu coração estava prestes a sair pela boca, eu tentei me controlar e não expressar isso para ninguém, entretanto isso não é um trabalho muito fácil, esse sentimento te corrompe te corrói, fui ficando sem escapatória, não estava mais conseguindo esconder isso de mim mesma, até que, por ser fraca, meu corpo acabou me entregando, minhas lágrimas começaram a rolar incontrolavelmente, o desespero foi aumentando cada vez mais.

Imediatamente comecei a chamar a minha mãe, implorar para irmos embora. Ela sem saber o que estava acontecendo começou a me perguntar o que tinha ocorrido, mas no momento eu não possuía nenhuma condição para explicar o que estava havendo. Na verdade, nem eu sabia o que acontecia com os meus sentimentos. Fomos para casa na esperança de que eu conseguisse me acalmar, falar e explicar tudo o que estava acontecendo, mas não consegui, os minutos passaram, eu me desesperava cada vez mais!

Cada vez mais o aperto no meu peito, o choro, a agonia e agora o soluço de uma pessoa completamente em pânico aumentavam. Sem saber o que fazer, andando de um lado para outro dentro de casa eu desisti de resistir e me sentei ao chão, onde fiquei por poucos minutos, mas esses minutos no meu subconsciente pareciam horas intermináveis. Era uma aflição sem fim.

No meio disso tudo eu escutei uma voz me chamando, dizendo:

– Vem Nêga. Levanta.

Era meu pai me estendo as mãos, me ajudando a levantar. Ele me ergueu, colocou-me em seu colo e com carinhos de um pai zeloso, mas que ao mesmo tempo estava desesperado por ver sua filha daquele jeito começou a tentar me acalmar. Ele me abraçava forte, segurava a minha mão e perguntava o que estava acontecendo comigo, mas a única coisa que eu sabia lhe responder era:

– Eu não sei, pai!

Ali ficamos por alguns minutos, no meio de todo aquele pânico que no fundo vinha sendo superado por uma enorme onda de amor e carinho.

– Mariana Aparecida Martins.

Meu primeiro amor

Em um dia ensolarado, muita ansiedade, rodeado por expectativas por ser o meu primeiro dia de aula fui à escola, algo completamente novo para mim, principalmente por ser período integral, chegando na escola vi que não conhecia ninguém, apenas meu irmão, mas não demorou muito tempo para fazer vários amigos.

Dentre essas amizades estava uma garota, senti algo diferente desde o primeiro momento em que a vi. Era linda, longos cabelos castanhos, um sorriso encantador, uma voz doce, tínhamos longos diálogos sobre assuntos diversos. Não demorou muito para começar a despertar o sentimento mais puro e verdadeiro que senti até hoje, mesmo tendo apenas sete anos, sabia o que estava sentindo, sonhava em manter isso para o resto da minha vida.

O tempo foi passando, a amizade se tornou indispensável, ir à aula com a certeza de ver seu rosto sorrindo para mim, fazia meus sentimentos aumentarem.

Aos onze anos, passei o momento mais inesquecível da minha vida:

Estávamos na hora do intervalo conversando, perguntei de quem ela gostava, ela virou para mim sorrindo:

– Gosto de um baixinho que está ao meu lado e você?

Respondi:

– De uma garota que está ao meu lado.

Aquela resposta nunca saiu de minha mente e sorria sem explicação alguma.

Ao final do ano soube que mudaria de escola, fiquei chateado, chorei por saber que o motivo da minha felicidade estaria mais distante, mas entendi a decisão dos meus pais.

O tempo foi passando e o sentimento continuava em meu coração assim como ela.

Três anos depois, meu irmão começou a fazer aula de violão, descobri que ela também, planejei matar a saudade que me corrompia.

Em uma tarde de sol esperei escondido atrás de um poste, depois que ela passou, fui ao encontro dela, comecei a falar um pouco nervoso, dei a ela um livro da coleção que ela mais gostava.

Conversamos até a casa dela, foi bom relembrar o lindo rosto que me encantou.

A vontade de vê-la nunca passou desde que mudei de escola, estudar em outra escola já era difícil, mas eu começaria a passar meu dia em outra cidade e dar continuidade aos meus sonhos.

Durante minhas férias perguntei se havia possibilidade de um reencontro, ela concordou e ficou feliz. Alguns dias depois pensando no pouco tempo que eu ficaria na cidade onde moro e no sentimento que foi transmitido por ambos, conversei com ela e achei melhor não marcarmos nada, porque facilmente o sentimento poderia voltar e seria ruim manter alguma relação, tendo a distância e o tempo como barreiras, não queria magoá-la.

Depois de alguns anos o sentimento continuou o mesmo, a memória parecia recente e com o tempo vem o amadurecimento. O tempo e a distância não pareciam mais barreiras, mas pequenas dificuldades que eu estava disposto a superar para ficar do lado dela.

Declarei-me, esclareci tudo veio a surpresa! Ela falou que aquele sentimento foi algo superficial, pois fora sentido por crianças. Quando isso foi dito, veio em minha mente todos os momentos que passamos juntos, os sorrisos compartilhados, os momentos de auxílio, a amizade que parecia ser eterna e o sentimento mais puro e intenso que havia nascido em meu coração.

Os sentimentos me levaram aos dois extremos, saí do amor platônico até a tristeza e a perda de confiança.

O mundo perdeu um pouco das cores naquele momento, entendo a resposta vinda de meu amor juvenil e ainda sinto alegria ao lembrar nossos momentos juntos.

Permanecerá, em minhas lembranças, a eterna paixão daqueles momentos que abraçaram minha infância.

– Bruno Keim Stein.

Ainda Criança

Eu ainda era criança quando descobri o que era o ódio, era criança quando aprendi a praticar este sentimento. Passei alguns anos de minha infância ouvindo tudo o que não se deve dizer, e para mim isso doía mais do qualquer machucado que eu já tinha feito.

Um homem (?) que foi criado de uma maneira tão bruta, persistiu no erro de seus pais e assim levando para nós. Foram alguns anos alimentando este ódio, esse nojo após descobrir coisas do passado, e até mesmo a vontade de matá-lo. Uma mulher (?). A mais especial da minha vida (?!). Bom, essa não me defendia e a sensação era que a mesma concordava com tudo de negativo dito, e assim foi até começar outro pesadelo: A crise de pânico.

A crise não me deixava sozinha, ela caminhava ao meu lado todos os dias, para mim, haviam pessoas ao meu redor queriam me matar, mesmo se eu estivesse sozinha em casa. Loucura? Coisa da minha cabeça? Querendo chamar a atenção? Deve ser isso, tão mais fácil dizer que é louca em vez de acreditar e ajudar! Depois de muito tempo indo dormir chorando no quarto de meus pais, depois de tanto voltar correndo para a casa sob o medo de alguém me machucar, enfim, encontrei ajuda, e essa luta demorou uns dez meses, com a psicóloga. Lá eu não aprendi só a controlar meu medo, como também aprendi a absorver as coisas boas. Aquele homem? Ele não me fazia mais mal. O porquê? Eu havia aprendido a ignorá-lo e isso era tão bom…

É claro que eu não tinha só minha psicóloga, eu tinha duas pessoas que, nas tardes de desespero, de choro e soluços, com o coração frio pela falta de amor, ela me fazia dizer, olhando em seus olhos, o quanto eu era especial e o quanto os dois me amavam. Nas noites em que eu corria para a sua casa procurar por um abraço, por um pouco de calor para aquecer meu coração e minha alma, eu ficava triste na hora de ir embora.

Anos se passaram e eu fiz a escolha de ser feliz. Nada, nem ele me abalava mais. Até chegar este ano, em setembro, quando eu tive minha recaída, em uma noite muito tranquila e fria, de céu estrelado, nós brigamos, quer dizer... Ele brigou, sozinho. Minha reação foi

levantar-me da cadeira de madeira onde eu estava, encará-lo e sair. Passei um tempo sozinha junto ao rio perto da minha casa. Os pássaros estavam quietos, o barulho que vinha do rio, baixo, e meus soluços, altos.

Isso passou e eu acreditei que estava bem. Até que percebi que estava entrando em depressão, eu era uma menina que queria ficar calada, sozinha, todo o tempo. Minha respiração pesava como pedras, havia vento em meu coração, uma angústia caminhava pelo meu corpo, minha alma estava vazia, eu conseguia sentir o nada dentro de meu peito, e ao mesmo tempo eu queria abrir com uma faca e tirá-lo dali. A vontade de me mutilar era forte. Na minha cabeça, sentindo a dor física, a dor que havia dentro de mim iria embora. Sei lá... Bater-se na parede parecia tão melhor. A ideia de morrer parecia tão tranquilizante... era mais fácil acabar com tudo isso.

Em uma noite, lembro-me que uma mulher deitou-se ao meu lado, suas mãos livres e especiais, tocaram meu corpo, meus braços. Pedi que se afastasse imediatamente, para que eu pudesse sair dali. Ela se levantou, me olhou e disse:

— Eu sei que dormindo, o vazio não é sentido. Eu encontrara a paz.

Ela saiu e os pensamentos de morte continuaram. Não saía mais da cabeça a ideia de não estar mais aqui. Por que não? se não é mais fácil! Por que não? Se morta eu estaria bem! Fui parando de me alimentar, até que me forçaram a ajuda (eu dizia que estava bem): Conheci uma terapeuta que felizmente me tirou do pesadelo, do qual eu tanto precisava escapar.

Hoje me sinto bem, mas sei que esse pesadelo um dia poderá voltar... E aquele homem? Eu não perdoei... Errada? Egoísta? Talvez. Quem sabe?

— L.

E Se Nada Der Certo, Eu Vou Vender Minha Arte Na Praia

Mas o que é dar certo? Dar certo é tirar 8, 9, 10. É passar de ano. É concluir o Ensino Médio aos 17 anos, passar no vestibular e, aos 18, estar enfurnado numa Universidade Federal. Se formar aos 25, ter dois filhos e um cachorro antes dos 30 e, é claro, ter ao seu lado o amor da sua vida. Tem que ter casa própria, um carro bonito e roupas de marca. Dar certo é, basicamente, cumprir todas as tarefas da lista da vida, independente das tuas vontades.

Se isso é dar certo, cara, eu dei errado. Nem cheguei aos 17 ainda, mas já estou livre da obrigação de dar certo.

Essa lista eu já rasguei e sigo firme na função de dar errado. Eu não me frustro por ter dificuldades e não alcançar a média na escola e, caso eu não entre na faculdade aos 18, sei que posso entrar aos 19, 20, 25, 50. Ou não entrar.

Eu e você não precisamos de dois filhos e um cachorro. Eu não preciso de você. Mas talvez eu precise do cachorro. E se eu quiser ter um filho, o dinheiro do "bom" emprego pode dar presentes a ele, mas não vai substituir a minha presença.

Casa própria pode até ser legal, mas morar no mundo me parece mais interessante. Caminhar na chuva parece atrativo. E marca é o que eu pretendo deixar no mundo, com a minha essência.

Se dar errado é ser livre, eu não quero dar certo. Deve ser libertador vender arte na praia.

— Luiza Moreira.

Era Para Ser Como Qualquer Outra…

Na manhã do dia seis de fevereiro, tivemos a primeira reunião do ano letivo. Todos estavam muito ansiosos, alegres e descansados. No meio de muitas informações importantes, chegou a mais desafiadora…

A “Sala Ambiente”. Mas o que é isso? Como Funciona? Sim, essas foram as primeiras dúvidas, e a partir daí a busca foi constante por modelos inspiradores. Entrei na sala que me foi designada, tão humilde, parecia tão fria, sem cor! E assim começava a busca por ideias. Tudo que eu observava em minha casa eram animais de pelúcia para decoração. Cada semana surgia algo diferente em minha sala de aula, sendo que o mais interessante era que muito daquilo era doado pelos alunos, pelos pais e pela comunidade. Até que certa vez, pensando no conforto dos alunos, surgiu a ideia de obter uma geladeira e almofadas para as cadeiras, que hoje é um sucesso entre eles... sem falar do micro-ondas... bom, esse deixa para contar em outra ocasião...

Durante esse percurso, algo desagradável aconteceu: Minha sala foi roubada! Levaram três integrantes da turminha de pelúcia que dava alegria para nós! Em contrapartida, isso serviu para que eu me surpreendesse com a solidariedade de alguns alunos, que trouxeram muitos outros animaizinhos de pelúcia, deixando a sala ainda mais animada.

Gosto muito de ver a alegria e a satisfação dos alunos ao entrarem em minha sala, pois acredito que o lúdico contribui muito para a aprendizagem. Para mim, enquanto professora é extremamente gratificante poder compartilhar o conhecimento com humor, frases inspiradoras e perceber que é recíproco, pois a cada ideia levantada e apresentada pelos alunos, vejo o apoio altruísta deles contribuindo com o leão que ruge frequentemente...

Isto é só o começo, pois tenho planos incríveis para tornar a sala de Biologia e Ciências agradável e atraente, afinal, ela era para ser como qualquer outra...

— Danielle Enke Jacomoliski, professora.

Angel

Era apenas uma menina mimada, treze anos de idade, sem perspectivas, sem ambições, apenas querendo crescer e se tornar mulher. Seus pais ensinaram que moça decente casa cedo e era isso que ela projetava para seu futuro. Mal sabia que algo transformaria sua vida para sempre.

Sua mãe tinha o sonho de adotar uma criança, esse sonho era tão vigoroso que alimentava a mente e o coração de toda família.

Num dia comum, como todos, Angel acordou cedo com o chamado de sua mãe e ao se arrumar para ir à escola avistou-a parada na porta de seu quarto, querendo lhe dizer algo, questionou o que estava acontecendo e recebeu a notícia de que o dia tão esperado pela família chegara, o dia da adoção. Meio tonta com a notícia e ao mesmo tempo sem saber o real significado daquela situação, terminou de se arrumar. Durante as aulas a concentração se tornou impossível, era um sentimento que mesclava dúvida e felicidade, contou a notícia para todas a amigas.

No retorno a casa, sua mãe relatou que o bebê chegaria à noite, foi assim que aconteceu, família reunida, fogos de artifício, todos radiantes de felicidade e à nova integrante.

Ela havia passado vinte e cinco dias na UTI neonatal, pois nasceu muito abaixo do peso por falta de cuidados na gravidez. Foi rejeitada, aí começou sua grande batalha pela vida, e o grande aprendizado para Angel, aquela menininha mimada teve que abdicar de seus interesses pessoais para ajudar sua mãe a cuidar da saúde de um anjinho frágil e indefeso, com a saúde extremamente comprometida. Foram tantas idas e vindas ao hospital da cidade vizinha que fica difícil mensurar. A rotina hospitalar, o cheiro da medicação, as fístulas na veia estão, ainda, muito vivas em sua memória.

Angel, poderia ter ficado enciumada, afinal era a filha caçula de uma família de sete irmãos, e todos dando atenção a nova integrante. Mas o amadurecimento foi tamanho que ao invés disso encarou esta batalha junto com sua mãe. Quando ficava sozinha com sua maninha do coração, sussurrava…

– Seja forte, fica comigo!

Aquele serzinho frágil, indefeso e doente foi crescendo, sempre com cuidados extremos a saúde fragilizada, sendo zelada por toda família. Quando criança, tornaram-se inseparáveis, Angel se sentia protegida, por um anjo enviado pelo Ser Supremo para lhe proteger e ensinar a valorizar a vida em todos os seus aspectos. Na adolescência uma moça linda cheia de energia e de uma alegria contagiante como nunca se viu.

Hoje uma mulher linda, batalhadora, forte, cheia de vida. Foi regada como uma plantinha com muito amor, carinho e atenção por toda família.

Angel cresceu com ela, aprendeu a valorizar a vida, a amar com toda intensidade, a lutar e a respeitar todos os seres humanos e acima de tudo sempre tomar atitudes agindo com resiliência.

– Angelita Wanderwegen, professora e diretora.

Dissertações

Ética e Intolerância Religiosa

É claramente indiscutível que o Brasil passa hoje por diversos tipos de preconceitos, que muitas vezes acabam em violência, tanto verbal quanto física. Desde o surgimento das primeiras civilizações, as pessoas sempre foram, de uma forma direta ou indireta, separadas por suas diferenças, e o que é mais chocante, que está se destacando nas mídias atualmente, é a intolerância religiosa, cuja religião em teoria, deveria unir as pessoas.

Segundo a secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República, apenas em 2013, 20% dos casos relatados de intolerância religiosa, terminaram em violência física, em maior número contra crentes da cultura afro-brasileiras, já envolvendo também, o racismo. O problema que isso vem trazendo para a sociedade, além da violência, é a pregação de mais preconceitos, principalmente para as futuras gerações.

Outro tema que é abordado dentre esse assunto é a questão da moral, o fato dos seguidores de suas religiões levarem ao pé da letra os ensinamentos deixados por seus deuses, sem nenhuma reflexão e esquecendo de suas éticas pessoais e da realidade que nós vivemos, afinal não estamos mais na Idade Média.

Por isso é de muita importância que o tema da intolerância religiosa seja seriamente analisada e discutida abertamente desde cedo, nas escolas e principalmente em casa. Com uma educação em que o respeito seja uma das principais virtudes e deixando claro as consequências da violência, para assim quem sabe termos uma sociedade mais justa e pacífica. Segundo Platão, "para mover o mundo, primeiramente devemos mover a nós mesmos".

— Stefany Aparecida Adriano.

Intolerância ou ignorância?

É fundamental para a existência humana, acreditar em algo na vida, seja em uma divindade, seja na ciência, no poder da natureza, em

seres místicos, ou simplesmente, em si mesmo. O que poucos entendem e respeitam, é que essa escolha cabe, única e exclusivamente, a cada um em particular.

É preciso considerar que essa diversidade religiosa nos acompanha e caminha com a mesma velocidade em que o mundo evolui. Vemos essas diferenças desde a época do Egito antigo, onde era um costume a prática de cultuar vários deuses, um para cada coisa ou sentimento.

Seguir uma religião ou outra, ou simplesmente não seguir nenhuma, vai muito além de escolher uma prática de vida que agrade alguém, é algo que flui do interior de cada pessoa, algo único, individual, e não cabe a nenhum de nós julgar ou desrespeitar ao outro apenas por uma opinião que difere à minha. Pesquisas nos mostram que das diversas denúncias feitas por intolerância religiosa no Brasil, 20% delas estão relacionadas a algum tipo de violência física, o que é ainda mais preocupante.

Tendo em vista o que foi observado, somos levados a acreditar que as leis, por mais claras e pensadas que tenham sido feitas, estão apenas no papel, não possuem um respaldo, um valor moral para a atual sociedade, são tratadas, erroneamente, como algo irrelevante. O Governo Federal, com o apoio de igrejas, todo tipo de instituição religiosa e da população, deve promover campanhas, passeatas e manifestações pela união e respeito a essa tão grande diversidade que nos rodeia, incentivando a aceitação e conscientização de todos, pois como dizia Confúcio "não corrigir nossas falhas é o mesmo que cometer novos erros".

– Laís Soares Parma.

Intolerância Religiosa

Vê-se que hoje a liberdade de expressão é de muita importância em nossa sociedade. Totalmente o oposto do que era antigamente. Há inúmeros relatos de como a igreja católica castigava, condenava e tanto julgava seus seguidores. Se achassem alguém que suspeitassem ter contato com uma entidade maligna, como os bruxos e bruxas, os

queimavam em praça pública. Nos dias de hoje temos total direito ao livre arbítrio, e assim, acabamos esquecendo de manter o mais importante, o respeito.

Ainda convém lembrar que seria calúnia afirmarmos que não existe intolerância religiosa no Brasil, afinal, a cada três dias, temos uma denúncia que envolve violência física por preconceito religioso. Pessoas julgando as escolhas das outras, desrespeitando-as, pode-se dizer que esqueceram o século em que estamos.

Por um lado, podemos mudar essa cultura tão atrasada e desumana. Por outro, isso terá que partir de nós, então, nos questionamos sobre estarmos dispostos, ou não, a fazer algo por esse problema. Todos temos informações o suficiente para saber que não é somente o preconceito religioso que está presente em nosso dia a dia, já é hora de deixarmos tudo isso apenas no passado.

Tendo em vista esse impasse, atitudes precisam ser tomadas, pois como dizia Oscar Wilde, o primeiro passo é o mais importante na evolução de um homem ou nação. Não haverá mudanças sem comunicação, então para isso, de nada adiantará leis sem a conscientização do povo. O Ministério da Educação poderia investir mais a fundo em palestras e projetos escolares sobre tal assunto, pois assim, teríamos esse entendimento básico e de extrema necessidade.

– Larissa Jandrey Voss.

Depressão e Suicídio

Existem milhares de músicas que representam o que milhares de pessoas sofrem com a depressão e suicídio. Muitos acham que é apenas drama ou algo para chamar atenção, mas é o oposto disso, é bem além disso.

Não é fácil ter que tomar remédios para ter uma alegria artificial, muito menos ir a psiquiatras, psicólogos e terapeutas falar sobre seu dia, seus problemas, muito menos das suas emoções.

Quando alguém sofre desses problemas as primeiras pessoas a quem se recorre muitas vezes são os mais próximos, talvez um amigo ou a própria família. É importante para o indivíduo que tenha apoio das

pessoas ao seu redor, pois não é saudável que se passe por isso sozinho.

Depressão não é apenas tristeza ou solidão é muito além disso, é falta de sono ou excesso de sono, nervosismo, estresse, ansiedade. Óbvio que solidão e tristeza são os pontos principais, mas esse tema abrange muito mais sintomas.

O suicídio por causa da depressão é quando a pessoa chega ao estado em que ela não vê e não sente mais a necessidade de estar ali, porque a depressão a levou a isso, na maioria dos casos elas se matam com remédios, cortando os pulsos ou se enforcando.

A campanha setembro amarelo motivou as pessoas a falar, de saber que não estão sozinhas, de que existem pessoas que podem ajudar e que acreditam nelas.

– Maria Carolina Catânio Livramento.

Poesia

Palavras

Palavras guardadas na alma

Que surgem como um sopro, um alento, um sonho

Um cheiro!

Um breve despertar!

Palavras que escapam pelos lábios

Que enchem a vida de esperança, dor ou lágrimas

Mas que mantêm a vida saltitando no coração.

— Michelli Cunha Cesar, professora.

Dormentes

Segue!
Os braços que se lançam. As mãos estendidas.
Sorrisos.
Segue!
Segura!
Ao te ver seguir, sei que haverá amanhã.
Por isso minha alma insiste, ama, espera…
Não tenhas medo.
As dificuldades se aproximarão, mas uma brisa sussurrara…
Segue....
Vive...
O amor está te abraçando e esperando teu crescimento.
Não te apresses!
Os dormentes estarão lá.
Segue…

— Michelli Cunha Cesar, professora.

Origem e Fim

No vácuo o silêncio domina
Ao belo som de um tambor
A explosão ilumina
Pois um mero átomo
A vida, enfim, origina

O que antes era escuro
Agora brilha e definha
Chamada de estrela
A chama rainha

O seu trono há de cair
E em seu lugar
Nebulosas vão surgir
Mas uma filha ela pode deixar
Para que em seu reino
A novata possa reinar

E se a rival surgir
E a estrela ela matar
Torna-se buraco negro
Dela, nada pode escapar

Com a chegada de sua filha
Os soldados proclamam a morte
Que com uma lágrima prometem
Ser o fim da falta de sorte

Assim chamados de planetas
Oferecem sua lealdade
Para aquela que jura
A sua mais pura fidelidade

Em um futuro ainda distante
Ela há de crescer
Mas o beijo da morte
Ela não poderá vencer

Indignada com seu fim
Ela há de devorar
A todos aqueles
Que um dia a fizeram jurar

Quebrando enfim
Sua fidelidade assim
E novamente
Para a vida, Chega o fim

– Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Chegada à América

A água baixa
Para o gelo surgir
A ponte se forma
E enfim
Chega a hora de ir

Segundo um tal Clóvis
A passagem pelo Estreito
É a única verdade
Que assovia pelas eras
A real liberdade

De ilha em ilha estavam passando
E em cada barco iam embarcando
O Pacífico estavam desbravando
Malásio polinésio como foi chamado
É nisso que muitos estão acreditando

A australiana proclamava
Que a primeira glaciação
Era onde se encontrava
Uma pequena civilização
Cujo qual não se achava
Nenhum traço de mongolização

– Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Profecia

Pesadelos negros e profundos
Começam a atormentar
E guerreiro por guerreiro
Dão seu último suspiro
Ao tão belo Luar
Três damas põem-se a enfrentar
Com o passado a sua frente
Não temem fraquejar
Porém, a escuridão de um bosque

Pode revelar
Um passado ainda sombrio
Que a de mostrar
As três belas damas
Rainhas podem se tornar
E o tempo
Um temível inimigo se tornará
A razão na porta há de bater
E as fadas enfim terão quem as governar
E ao som de cornetas
Ele proclamará
Que novamente outro caíra
Com a melodia da balança
Que está prestes a se quebrar

– Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Amor de infância

Lembro da infância,
Com amor e carinho,
De todas as brincadeiras,
E de odiar os carrinhos.

Lembro também,
Daquela bela garota,
Que dançava na chuva,
E adorava uma luta.

Sua voz era suave,
E seus olhos brilhantes,

Tão bela quanto a lua,
Despertando inveja pela rua.

A paixão começou,
Embaixo do carvalho,
Enquanto a chuva caia,
E o amor prometia,
Que aquele momento ,
Eterno se tornaria.

– Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Singela verdade

É tão engraçado
O modo que julgas
Mas não quer ser julgado
Pelos seus atos ou pelos fatos

Ironicamente
O chama de monstruoso
A xinga de vaca
Diz que é pavoroso

Fala tanto dos outros
Mas não se olha no espelho
Com medo de ver os monstros
Que estão pintados de vermelho

Mentindo para si mesmo
Só para ser aceito
Enquanto encara a infelicidade
Mesmo não tendo sido seu feito

Falar a verdade
E quebrar a suposta fidelidade
É o que você teme e ainda reprime
Enquanto grita por dentro
Mas solta um sorriso sublime

Por que temer ser feliz?
Manipulado por aparências
Igual a mais um mero aprendiz
Que no fundo só quer correr
Para fora dessa tão frágil matriz

– Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Canção de amor

Você é a clave de sol,
Que coordena levemente o meu pentagrama,
Com suaves notas que espelham a cada compasso,
E como um abraço internaliza a canção,
É com emoção que descortina no palco,
Eterniza a mais bela das canções.

Palavra por palavra, sonorizando a poesia,
Almejando o brilho do luar como canção,
Que trilha unicamente neste caminho,
Lindamente, esfuziante, enaltece o olhar,
Com fervor e com amor imenso,
Nasce a cada instante,
Flores, amor e calor no seu coração.

Bondosa e suave é sua alegria,

Abrindo assim mais um novo dia,
Que reluz infinitamente, calmamente eis a música,
Beija-me rapidamente.

– Nivaldo Sabino Ferreira, professor.

A Estrela

O céu está límpido e sem luar,
Somente as estrelas com sua iluminação,
Que confundem o olhar,
São tantas, centenas, milhões.
Tem uma que me chama atenção,
Tem uma cor, brilho diferente,
Brilho não é sempre brilho?
Tautologicamente dizendo,
este brilho me "alucina, azucrina" e termina
me chamando todo o meu olhar.
Quero chegar perto e tocá-la, mas,
não consigo, pois fixando-me mais
meu olhar ofusca-se e deixa-me estonteado,
Como sou um pouco astrônomo,
Dei-lhe um nome aquela única estrela,
Seu nome é coragem de lutar pelo seu ideal e real
sem mutações repentinas, pois está fixa,
no pensamento e movimenta-se a todo instante.
Quem disse que estrela não se movimenta?
Veja as estrelas cadentes, onde fazemos um pedido,
e ficamos esperando o resultado, é assim mesmo!
Esta estrela é uma daquela que sempre renova-se e nunca fenece,
Uma das suas virtudes é a coragem, outra é a

a prudência e sintetiza com sua bondade.
Estrela é assim, não perde o brilho, você dorme e ela continua lá imutável, aparece o sol e ela é a mesma com brilho do qual nem percebemos,
Esta estrela tem começo meio e não tem fim,
Esta estrela é você da qual revela coragem, prudência e bondade.

– Nivaldo Sabino Ferreira, professor.

Adaptação

Apavoramento no tráfego,
a todo o momento!
Tantas e novas são as paisagens
surgindo nas janelas viajantes

As setas apontam a mim
em cada lugar que chego
O caminhar sob as frestas que se abrem desta cidade grande,
pedem-me equilíbrio

Nos pés sustento duelo de sensações,
que calam e perturbam –
pelos medos da noite,
nos anseios pelo dia

Tudo é insólito nesta de se reinventar
Ensaios de reacomodação,
recolhimento dalguns personagens a outros -
melancólicos outrora arteiros

Dos ecos dos becos às baforadas das ruelas frias,
dos olhares cegos e apressados dos terminais urbanos,
o suportamento do que não se sabe,
sou retirante invisível na multidão.

– Vanessa Spiess, professora.

Educação

A educação vai ensinar
E a educação vai melhorar
O nosso perguntar
Enquanto a pesquisa nos alimentar

Educação, mundo de mistérios
Hoje me dedico ao saber
Que amanhã talvez não sei
Quando voltarei ao meu aprender

Educar e aprender até quando?
Quando não existir mais saberes
Ou não existir mais imaginação
Tenho que viver a educação

Meus estudos não acabam aqui
Do primeiro, segundo e terceiro
Quanto mais estudo mais sei
Pois o mundo precisa de mim

– Mirtis da Silva, professora.

A Primeira Carta Aos Anjos – Meninos e Anjos

Os anjos estão entre nós,
Podemos ser anjos,
Ou meninos assustados,
Mas sem asas,
Nada somos.

Quando os nossos pés não querem mais andar,
Quando somos tragados pelas tristezas,
Ou quando perdemos a coragem,
Existem asas que nos levam.

Um toque e mais nada,
Desertos tornam-se flores,
E lágrimas tornam-se sorrisos.

Mas quando o toque machuca,
Tudo é muito belo e triste,
Ficam as flores e os sorrisos,
E vão-se os corações.

Amar um anjo,
Eis a mais bela das maldições,
O homem forte e sábio chora,
E agora é apenas uma criança assustada.

Os anjos choram,
Os anjos morrem,
Os anjos amam,
Mas meninos assustados não merecem o amor dos anjos.

Não podemos ter vergonha do que sentimos,
Pois se recusarmos o toque de Deus,
Não poderemos mais sonhar,

E homens sem sonhos morrem.

Mas o toque de Deus assusta,
E nossos corações são maiores que nossas almas,
E o que nos faz à imagem de Deus,
Suas lindas asas levaram.

Por favor, meu anjo,
Dê-me o seu coração,
E terei asas para voar,
Seguirei ao seu lado,
De encontro aos mais altos sonhos.

Mas enquanto isso,
Molho a pena que me deixou,
Caída de suas asas,
Em minhas lágrimas,
E lhe escrevo a mais sagrada das frases:

“Eu te amo”!

– Wander Blaesing, professor.

O Império Dos Loucos – Interlúdio – O Jardim de Mármore

Um cadáver de pedra esculpida
Guarda a urna de madeira
Flores de plástico sem vida
Num morto sorriso à negra luz de sexta-feira

À fraca luz da lua cheia
Seu espectro ronda em pira fátua
Onde até a loucura devaneia
Profanando corpos em estátua

O demente fecunda em orgia putra
Viola a pureza da virgem morta
Urra de prazer sob pétrea porta
Jorra sua herança em carniça prostituta

A criança grita a dor nefasta
Sua lágrima etérea corre com ternura
Maldita morte carrasca
Condena em dilacerada luxúria

FÚRIA!

Os cães rosnam raivosos
Correm em uivos aflitos
Ouvem os prantos penosos
(Selam o louco e a virgem)
Sob eterna moldura de granito

Ao sábado, um gemido de blasfêmia
O padre ser amaldiçoa em terror
Ao vislumbre de Satã e sua fêmea
Numa tórrida cena de amor

E dentro da placenta que pulsa
Paira no ar, podridão e ectoplasma
Geme de ódio e repulsa
Vive na morte, o Feto Fantasma

– Wander Blaesing, professor.

Não Vale Nota

(extras)

Odidli

O pequeno acampamento da guarda do inverno, na margem norte oposta às Falésias da Quilha, era apenas uma tradição – quase uma banalidade, tendo em vista que nada no inverno se aventuraria naquelas águas revoltas e congelantes. Perigosas por natureza, as Falésias tinham o péssimo hábito – muito oportuno para os moradores da Ilha Invisível, que buscavam acima de tudo, esconder-se – de rasgar a casca das naus que por ali tinham o azar de passar. O Pankor, ali, nada mais era do que um glutão ávido por devorar as apetitosas almas de alguns incautos marinheiros. Um glutão gentil, diga-se de passagem, pois costumava deixar algumas de suas presas vivas para que os filhos de suas margens – crocodilos, ganins, lobos, onças e urubus – também pudessem se divertir e se alimentar.

Para Odidli, principal Marechal Das Terras de Fora de Tuctik, braço direito da velha dríade Zaida, fazer a guarda de inverno ali, onde estava, era a chance de se sentir livre. Poderia caçar, observar as estrelas, cantar, andar nua ou ter um homem ou uma mulher em seus braços sem as obrigações da guerra. O inverno, para ela era uma dádiva sem igual. Era no inverno que a verdadeira paz reinava, pois dentre seus inimigos, jamais encontrara um suficientemente corajoso para enfrentar o monstro branco que descia do céu e roubava, daqueles que não apreciavam a sua companhia: o ânimo, a força das pernas, o calor do corpo e o sangue dos bofes. Desde os doze anos, quando estivera pela primeira vez ali – na época, uma jovem guardiã assustada, que mal conseguia segurar a própria lança – tinha para si que a visão do sol se pondo sobre as montanhas da Quilha, tão presentes como distantes, incendiando o Grande Rio com o fogo de mais um dia que se acaba, era a razão pela qual lutaria e se necessário, morreria. Gostava de se banhar, nua, naquela luz cruel do dia sendo subjugado pela noite, como uma tépida carícia ofertada por aqueles que, desde os tempos antes do despertar dos filhos deste mundo, mantinham viva a Grande Magia. Era nesta hora que sentia os brotos da relva crescerem sob seus pés, o grito distantes dos falcões e o uivo dos lobos se reunindo para mais uma caçada. E quanto mais a escuridão crescia, mais forte era o sentimento de que o tempo pulsava em sua carne e que reclamava o

que lhe era de direito. Era nesta hora que sentia a juventude de seu corpo lentamente se esvaindo, dando lugar a um espírito endurecido pelas memórias – que nada mais são do que a essência da sabedoria. Era sempre nessa hora que compreendia e aceitava o fato de que um dia – distante, se a sorte o permitisse – iria morrer.

– Wander Blaesing, professor.

Somos os Escritores e Protagonistas da História

Há histórias que preferimos ouvir ou reproduzir, como as de amor, de belas aventuras e, ou, que retratam a felicidade. No entanto, há outras que são tão vergonhosas e horrendas que a humanidade preferiria deixar pra lá ou esconder. Como uma que aconteceu na Alemanha e na Polônia (E pensar que isso foi há menos de 100 anos?). É preciso, todavia, contar e recontar até que todo mundo reconheça e se conscientize do tamanho do valor e preciosidade que tem a vida humana. É imprescindível, portanto, falar sobre essas histórias e denunciá-las, deixando sempre em evidência a dimensão da nossa responsabilidade sobre o que ocorre em nossa volta. E dizer, que nós, que escrevemos a história todos os dias e somos seus protagonistas, ainda seríamos capazes de disseminar ideias como: racismo ou etnicismo, preconceito, egoísmo, indiferença, hostilidade, ódio ou formas morte.

Dessa maneira, faz-se necessário que se delate e se relembre o que foi em seu contexto histórico e social o Nazismo e seu ideal inescrupuloso.

Sabe-se que a Alemanha vivia, depois da Primeira Guerra Mundial, uma forte crise econômica. Estavam, então, perdidas todas e quaisquer referências morais e políticas, e o povo alemão logo tratou de agarrar-se à proposta que no momento lhe parecia mais conveniente. Nesse ínterim, é fundado em 5 de janeiro de 1919 o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães *(Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, NSDAP)*. E, diga-se de passagem, partido eleito

democraticamente. Logo, no início dos anos 1920, Adolf Hitler, por meio de um golpe de Estado, assume o seu poder e o rebatiza de Partido Nazista.

Seu arquétipo antissemita foi moldado pelo sórdido pensamento de um líder nefasto e desprezível, com propósitos pangermânicos e uma indiscriminada imposição de um, assim denominado, "racismo científico". Esse era o vislumbrar de uma "raça pura", de descendência nórdica, descrita como ariana composta de pessoas mais altas, teriam olhos e pele claros e supostamente seriam mais inteligentes. Além disso, existia a perversa ambição da expansão territorial.

Essa forma hegemônica de poder totalitarista se valeu do absurdo que foi o holocausto, cuja expressão de se deu na identificação, nos boicotes: econômico e intelectual, na perseguição, nos trabalhos forçados, na tortura, na exploração e no extermínio de todos que pensavam, se expressavam e, ou, acreditavam de um jeito diferente. Destarte, todos os dias e por anos, centenas e milhares de judeus, descendentes de judeus, negros, homossexuais, ciganos, entre outras minorias tornavam-se vítimas de um atroz genocídio em massa sem precedentes!

A notícia que se propagava aos civis de todo o mundo e principalmente aos alemães que ainda não aderiram à proposta nazista era a de que nos campos de concentração se ofertava um trabalho edificante, alimentação saudável, atividades de entretenimento e de convivência, os quais só poderiam propiciar alegria, harmonia e sensação de paz.

Mas lamentavelmente os governantes do mundo inteiro estavam cientes de tudo o que realmente acontecia e, pior, lavavam as suas mãos e não faziam nada para impedir que milhares morressem todos os dias pelo gás de uma ideia mesquinha.

As piores cenas eram as que mostram famílias sendo separadas, filhos sendo arrancados de seus pais e encaminhados a guetos, onde ficavam reduzidos e depois conduzidos a campos de concentração, onde os "mais fracos", como os idosos, bebês, pessoas muito doentes e os deficientes físicos já eram direcionados às câmaras de banho tóxico para seu triste fim. E os demais eram levados para os campos de trabalho forçado e, cada qual com as suas habilidades, para tarefas direcionadas e pesadas que lhes exauriam as forças até que, sem saúde

e sem esperança, tomavam rumo para o mesmo triste destino dos primeiros.

Não se fazia acepção de classe social, profissão ou o quanto foi fiel à pátria alemã durante a primeira guerra, até padres e freiras descendentes de judeus eram enviados àqueles destinos cruéis.

É difícil identificar e reconhecer, contudo, que ainda hoje há muitos tipos de "holocausto" que acontecem todos os dias bem na frente dos nossos olhos, diante das quais, de forma consciente ou não, acomodadamente nos isentamos de responsabilidade, achando que nada disso seria possível de se repetir, pois a "Declaração dos Direitos Humanos" ou outras formas de manifestação contra atos assim, já nos deram consciência suficiente para não repetir a dose. Mas acabamos, apesar disso, diante das mais diversas formas de "Holocausto", como os preconceitos, os racismos/etnicismos, as descriminações, o *bullying*, entre outros (todos nós, lá no fundo sabemos quais são), entrando num eterno retorno histórico, "lavando as nossas mãos" e não fazendo nada!

O que eu e você, que hoje somos escritores e protagonistas, podemos fazer para mudar essa história?

– Cristiano Gress, professor.

Afinal o que é arte?

Nenhuma forma de arte existe do nada, todas partem de um significado. As produções de um artista nos deixam um tipo de comunicação, onde vários significados combinem com os determinados elementos e conceitos. Quando observamos alguns acontecimentos na história da humanidade, podemos ver que a arte sempre esteve presente. O homem que desenhava nas cavernas, na pré-história, teve que aprender de alguma maneira como consolidar este gesto. Com certeza a Arte veio acompanhando todo o processo de evolução do homem, inserida nos seus atos, costumes, culturas e sociedades.

A arte tem sido definida de diferentes formas, sendo que nenhuma delas chegou a completar o seu conteúdo ou significado. Alguns artistas arriscaram definir um conceito para a arte, veja alguns:

"Será Arte tudo o que eu disser que é Arte" (Marcel Duchamp).

"A Arte não tem nada a ver com o gosto, não há nada que o prove" (Max Ernst).

"A beleza perece na vida, porém a arte é imortal" (Leonardo Da Vinci).

"A Arte é uma mentira que nos permite dizer a verdade" (Pablo Picasso).

"Enquanto a ciência tranquiliza, a Arte perturba" (Georges Braque).

Depois de muitos pensamentos sobre o que é arte, nasce a necessidade de se compreender, o período, os movimentos e o contexto em que estavam alguns destes autores para compreendermos o real sentido das suas definições para a Arte. Contudo, há muito tempo se discute o sentido da arte, sem que se chegue a um único significado, cabível a qualquer cultura em qualquer época; seu sentido é construído culturalmente e tem diversos significados. A arte pode ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas, mistas ou classificadas em: artes decorativas, artes plásticas, artes do espetáculo ou literatura; hoje alguns tipos de arte permitem que o apreciador participe da obra.

É através da arte que nos tornamos conscientes do porque existimos, assim interpretamos o mundo e a nós mesmos. O acesso que temos a arte e ao seu conhecimento possibilita tornarmos mais críticos e conscientes em relação ao mundo. Contudo devemos conhecer, para avaliar e apreciar a Arte, superando uma visão limitada ao gosto pessoal.

E você como definiria arte?

– Maristela Bresolin.

Lar

Lar é o nome que se dá a um conjunto de seres com quem compromete-se conviver, atribuindo-lhes fidelidade e os significados mais profundos e simples de amor, por tempo indeterminado; habitados num espaço físico de importância secundária ou nula; e este recheado quase que exclusivamente de coisinhas e coisonas de valor sentimental.

Lar é o aconchego dos braços de mãe, a segurança dos braços de pai. O olhar romântico de um cônjuge, ou a cumplicidade sobre-ética de um irmão.

Lar é o conto nostálgico de lembranças que acarinham o rosto num sorriso despercebido.

Lar é onde se contam as moedinhas para pagar as contas, e também onde se comemora num banquete a todos às pomposas sobras.

Lar é onde brilha o sol, mesmo em dias chuvosos. É onde tem um jardim com um pequeno bonsai chamado esperança.

– Katharsia (Karin Stahlke Rotta), professora.

Beleza Feminina

O mundo globalizado de hoje idolatra a imagem do feminino em período fértil. Suas correções hormonais daquilo que a natureza lhe trouxe com certa irregularidade estética transformam a mulher num ícone de beleza e encanto.

No entanto, foi-se ignorada e repudiada a sombra desta bela face sedutora. O período de um luto por uma vida que não aconteceu. O desvanecimento de algo que não foi fecundado, que não gerou, que não emergiu de suas entranhas, levando-as a expulsar seu ninho de dentro de si.

Faz-se jorrar o sangue da vida, antes que ela pudesse chegar a surgir. A mulher enlutece em suas intuições. Transforma-se em monstro com o qual poucos podem ter com ela. Os seus oceanos se secam. Suas

feiúras são expostas à luz do Sol, e seu corpo torna-se embebido em amargor e tristeza.

Ela concluirá seu luto ao passar de quase uma semana, para depois retornar à luz, ao brilho de seu reinado, ao seu poder-ser-mulher. Como a Fênix retorna de suas cinzas, arranca-lhe as penas queimadas, o bico machucado e suas garras empedernidas, e faz o mundo voltar a reconhecê-la como a rainha de suas mais belas habilidades.

As sombras desta bela mulher é que fazem seu contraste brilhar. É graças à sua feiúra que o feminino é reverenciado e desejado. Portanto, respeite a mulher de seu arredor. Respeite-se. Renove-se em seu devido tempo, conforme a sua natureza te impõe.

– Katharsia (Karin Stahlke Rotta), professora.

Equipe Valdete Piazera

Equipe Valdete Piazera

Organizadores:

Michelli Cunha Cesar.

Wander Blaesing.

Capa:

Maria Eduarda Gonçalves.

Autores:

Airtafae.

Ana Carolina Tafner.

Ana Carolina de Freitas da Silva.

Ana Júlia Schmitt.

Ana Paula Jenzura.

Andrei Spezzia de Souza.

Andrio Santos.

Angelita Wanderwegen.

Arthur Emmendoerfer.

Barbara Franceschi.

Bianca Marques.

Braian Costa Zapelini.

Bruna Mara Nogueira.

Bruna Nunes Lírio.

Bruno Keim Stein.

Camila Ferreira Wintrich.

Camila Nicole Stange Pereira.

Carlos Joaquim Noronha Mota Junior.

Cristiano Gress.

Davi Garcia.

Danielle Enke Jacomoliski.

Débora Camila Tiburski.

Douglas Luiz Tecilla.

Emilly Caroline dos Santos Pereira.

Felipe Jacobi Kamchem.

Flávia Alessa de Souza Santos.

Gabriel Freitas.

Gaye Gabriela Reinke.

Gianni Marangoni de Santi.

Giovana Luiza de Moura Porsch.

Guilherme Henrique Eggers.

Gustavo H. Glasenapp.

Heloisa Caroline Johse.

Heloisa Grabowski Ewald.

Isadora Cristina Poffo Donath.

Jéssica Caroline Vaz Correia.

Jhoyce Maísa Campos de Campos.

Jienifer Queiroz.

João Leonardo Bueno.

José Mateus Coelho Loose.

Karine Marques de Oliveira.

Karine Ramos Rezende.

Katharsia (Karin Stahlke Rotta).

L..

Laís Soares Parma.

Larissa Jandrey Voss.

Larissa Pereira.

Laryssa Luiza Roters.

Laura Camylle Severo.

Luana Garcia.

Lucas Matheus Novakoski Piasson.

Luiza Moreira.

Maria Carolina Catânio Livramento.

Mariana Aparecida Martins.

Maristela Bresolin.

Michelli Cunha Cesar.

Mirtis da Silva.

Moacir dos Santos Junior.

Nicolas Echer.

Nivaldo Sabino Ferreira.

Paulo César Potter

Paulo Sergio Sbardelati Junior.

Pedro Henrique Evaristo.

Priscila Guimarães da Silva.

Rafael Bruns.

Stefany Aparecida Adriano.

Talita Armando d'Ávila.

Thais Luana Les.

Vanessa Spiess.

Victoria Sayuri.

Vinicius Antunes.

Wander Blaesing.

William Perdiz Teixeira.

Yasmin Luara.

Yuni Syko.

Apoio:

Angelita Wanderwegen.

Nadia Rodermel.

Siga-nos: